Revista LiteraLivre ©

ISSN 2595-363X

Distribuição Gratuita

Volume: 2 - nº 12 - Nov./Dez. de 2018



Literatura com Liberdade

Revista LiteraLivre
ISSN 2595-363X

Volume 2, número 12 - Nov/Dez. de 2018 - ISSN 2595-363X
Jacareí - SP - Brasil

A Revista LiteraLivre foi criada para unir escritores de Língua Portuguesa, publicados ou não, de todos os lugares do mundo.
Toda a participação na revista é gratuita, com publicação em PDF e distribuição on-line.

Expediente:

Publicação: Bimestral

Idioma: Português

Distribuição: Gratuita online em pdf

Revisão: *Todos os textos foram revisados por seus autores e não sofreram nenhuma alteração por parte da revista, respeitando assim a gramática, o estilo e o país de origem de cada autor.*

Imagens: as imagens não creditadas foram retiradas da internet e não possuem identificação de seus autores.

Capa: Pixabay

Site da revista:
http://cultissimo.wixsite.com/revistaliteralivre/comoparticipar

Contato: revistaliteralivre@yahoo.com

Página do Facebook:
https://www.facebook.com/RevistaLiteraLivre

Direitos Autorais:

A responsabilidade pelo conteúdo de cada texto ou imagem e dos textos das colunas assinadas é exclusiva de seus autores e tal conteúdo não reflete necessariamente a opinião da revista.



Edições (atual e anteriores):
http://cultissimo.wixsite.com/revistaliteralivre/numeros





ISSN 2595-363X

Autor Corporativo: Ana Rosenrot
Endereço: Rua Dos Cravos, 106 – Parque Santo Antônio – Jacareí/SP - CEP: 12.309.360

EDITORIAL

Olá amigos(as), chegou a última edição de 2018 da Revista LiteraLivre.

Na edição deste mês, temos uma infinidade de textos de autores dos mais variados lugares do Brasil e do mundo, numa união literária sem fronteiras!!

Temos também, o lançamento da coletânea *"As Flores do Meu Jardim"* e nossas dicas de blogs e sites: destaque desta edição para a 2ª edição da Revista SerEsta e para o blog *RMBS Rock*.

E gostaria de anunciar, em primeira mão, o lançamento do meu livro *"Cinema e Cult"*, em versão digital gratuita, versão impressa pelo *Clube de Autores* e *Amazon Kindle*, espero que gostem!!

Lembrando que, no próximo mês, teremos a "*Edição Especial Melhores do Ano da Revista LiteraLivre"*, todos os autores que passaram por aqui em 2018 estão concorrendo, cruzem os dedos!! Esta edição sairá no final de dezembro.

Aproveito para desejar aos nossos autores, colaboradores leitores e amigos um Feliz Natal e um Próspero Ano Novo!!

Abraços poéticos!!

Vamos mudar o mundo através das palavras!!!

Quero enviar um agradecimento especial para a escritora e nossa parceira "Rosimeire Leal da Motta Piredda": obrigada por acreditar e apoiar nosso trabalho!! Esta edição é dedicada a você!!



Ana Rosenrot
Editora-chefe

Neste Número:

Enviem seus trabalhos para a próxima edição

Até 05/12!!

A participação é gratuita!!

Não se esqueçam de assinar a revista no site!

Arte Gótica

Leo Dias
Porto Alegre/RS

Foto

Larissa Cristina W.

https://laricwsphotography.myportfolio.com

Coluna CULTíssimo - Lançamento do livro "Cinema e Cult"- vol. 1

Ana Rosenrot

Excepcionalmente, não teremos nesta edição a Coluna CULTíssimo; mas trago para vocês a realização de um sonho: meu primeiro livro solo, "Cinema e Cult"- vol. 1, que reúne os textos atualizados da Coluna Cultíssimo, publicados de 2014 a 2016, na Revista Varal do Brasil.

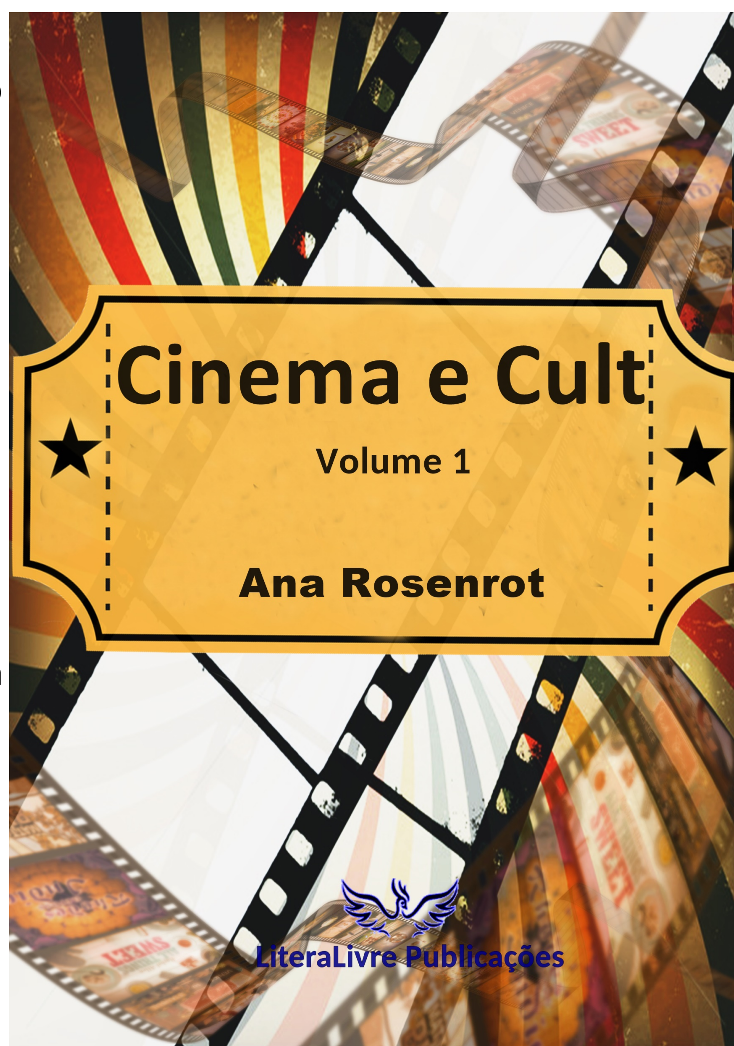
Quero convidar a todos os amigos que sempre me apoiaram e acompanharam a coluna em seus seis anos de existência, para prestigiar essa singela obra, oferecida em três formatos: pdf (versão gratuita), e-book Kindle e impressa.

Muito obrigada pelo carinho de sempre, peço que visitem e baixem o livro, em janeiro voltaremos com a coluna!!

Sinopse:

Para conhecer e compreender melhor o mundo mágico da sétima arte, este livro traz os textos atualizados de todas as edições da Coluna CULTíssimo, criada pela escritora e cineasta Ana Rosenrot e publicados originalmente na Revista Suíça Varal do Brasil (ISSN 1664-5243) entre 2014 e 2016.

Com linguagem acessível para o público em geral e também para estudantes de cinema, Cinema e Cult aborda a importância do cinema como ferramenta histórica e cultural e sua capacidade de transgredir, acompanhar e modificar conceitos, quebrar tabus e incentivar o livre pensamento e a reflexão.



Recanto das Letras (Versão Digital Gratuita):

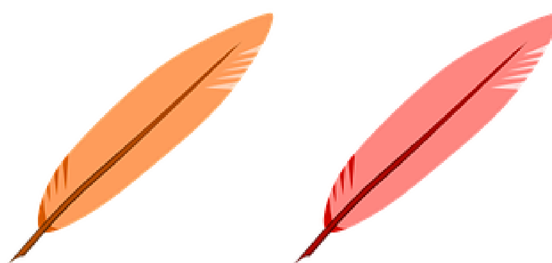
https://www.recantodasletras.com.br/e-livros/6514745

Amazon Kindle(ebook):

https://www.amazon.com.br/Cinema-Cult-1-Ana-Rosenrot-ebook/dp/B07KSN5Y95

Clube de Autores (Versão Impressa):

https://www.clubedeautores.com.br/ptbr/book/267359--Cinema_e_Cult_vol_1#.W_2M-FrPzIU



A Caixa de Segredos

Isis Liz

Belo Horizonte/MG

A Caixa de Segredos
Dentro de uma belíssima caixa de segredos
há diversos brinquedos.
Coloridos e divertidos,
eles desejam que seus momentos especiais sejam infinitos!

Distraídos na caixa,
o carrinho já está pronto para andar,
a estrelinha ansiosa para brilhar,
e a boneca de plástico preparada para dançar!
O bambolê deseja muito rodar,
a flautinha quer cantar,
o pianinho não para de tocar,
enquanto os pequenos dinossauros conversam sem parar!

O ursinho de pelúcia abre o olho e fecha,
pois ele está quase dormindo!
Curiosa, a almofada de girafa olha para ele sorrindo,
desejando que ele fique acordado!

Pequenos bonecos são os soldados,
que seguram espadinhas para todos os lados!
Os seus melhores amigos são os brinquedos macacos,
que iguais aos soldados também andam fardados!

A caixa tão linda

é super elegante!
Junto com os seus amigos
sente-se encantado o legos elefante!

Que é um guerreiro,
que luta todos os dias,
para defender a caixa,
sentindo muita alegria!

Quando a caixa é aberta,
ninguém pode ficar parado,
em cima do tapete
os sapatos das crianças são espalhados!

Brincando com seus brinquedos,
as crianças pulam de alegria!
Os meninos fantasiados de fantoches,
e as meninas de Emília!

Então, até o anoitecer
todos conseguem se divertir,
e quando a brincadeira acaba,
as crianças ficam tristes porque precisam dormir.

Mas, no dia seguinte, todos voltam a brincar,
e juntos para sempre a amizade é valorizada,
no coração de cada criança,
que colocou um brinquedo na caixa!

isislizcontato@yahoo.com

A Complexada

Paulo Luís Ferreira
São Bernardo do Campo/SP

Esta noite sonhei com uma cueca. Mas isso não tem nada de anormal, porque sempre sonho com uma cueca. Deve ser um símbolo sexual inconsci-ente... Mas o engraçado é que a cueca sempre diz querer ser uma calcinha. A coitada tem complexo de calcinha... Eu não sei por que sou tão confusa. Nem o psiquiatra sabe. Ele me receitou falar em voz alta pela manhã, pois isso era bom para a saúde mental. Serve para se desintoxicar depois da noite. "Imagine, disse ele, estar sozinha no proscênio do palco bastante iluminado, falando um memorável monólogo; diante de grandes personalidades que a escutam e você não se importa com nada, absolutamente nada…

O fato é que me casei com um homem. Pelo menos é assim que as pessoas dizem deste ser de bigodes e costeletas grandes que arrotam nos momentos mais inesperados, à noite quando deitamos para dormir, por exemplo.

Sou sua mulher. Isso quer dizer que devo ser feminina, – como já dizia minha mãe – o que não é fácil. A gente tem que se fazer de débil e ter os olhos amoro-sos para que o ser de unhas grandes nos proteja. Também devo ser atraente e carinhosa. Não devo permitir que me cresça os pelos nas axilas e nem no púbis. E muito menos que me caiam os dentes. Tenho que lembrar que comer massas aumenta os quadris e que os aspargos diminuem os peitos.

Mas a verdade é que estou cansada, terrivelmente cansada de ser a esposa feminina desse energúmeno que fala alto, esbraveja, perde o cabelo sistematicamente até ficar careca e canta músicas antigas desafinado…

Eu queria mesmo era me encher de guloseimas e não me preocupar com as gordurinhas fora de lugar, fumar uma cigarrilha e enviuvar tranquilamente sem nenhum remorso; de uma forma sem dor e elegante.

Eu adoro ter essas conversas comigo mesma. Além de psicoterapêutica, também servem para que a gente tenha idéia. Idéias brilhantes e ao mesmo tempo inocentes.

Queria me tornar viúva, mas sem sofrer enxovalhos. Enfim viver uma viuvez sem percalços. Hoje, como todos os dias, tenho alguns planos... E hoje eu acordei brilhante e imaginativa!... Para começar eu fiz um café que não é café. Não, também não é nescafé. É veneno. Veneno com gosto de café descafeinado. As torradas parecem torradas, qualquer um juraria que são torradas... Mas não são. Minto, são sim, pois eu as tostei na chapa com manteiga. Só que eu as gratinei com sulfureto, carbureto de sódio e hidroquinone, que produz efeitos colaterais ao ser digerido!... Oh!... E o açúcar! O açúcar é minha obra-prima. Contém arsênico granulado enriquecido com vitamina C, que é bom para gripes e resfriados e serve para disfarçar o gosto. Enfim, uma boa mistura que deve causar lesões, ou no mínimo algum distúrbio funcional que leve a uma morte tranquila e suave pela ação química que exerce no organismo. Vá lá!... Se não serve para matar que o engorde lentamente até a estourar os bofes!... O que seria uma morte fantástica!... Com cacos de marido por todos os lados... Seria maravilhoso... Espetacular!

Eu me divirto tanto quando penso nos outros... Só assim nos livramos de nossas próprias preocupações... Ou fazendo um relaxamento bem confortável que consiste em girar lentamente pelo chão, primeiro sobre a nádega esquerda e depois sobre a nádega direita. É delicioso!... Você quer experimentar?... Venha!... Faça junto comigo... Venha confie em mim... A mulher quando quer consegue!... Vamos!... Iniciemos o dia com otimismo e energia... Respiremos fundo e digamos: hoje posso fazer o bem aos meus semelhantes!…

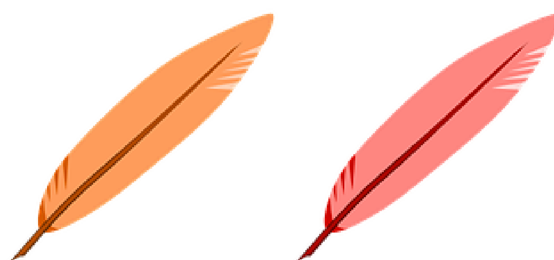
Arre!... Esses solilóquios me aborrecem... Mas voltemos ao meu marido. Como eu estava dizendo ele canta e fala desafinado. E eu odeio quando me chama de filhinha!... "Filhinha sirva-me o café..." Aí eu respondo: "Não me chame de filhinha se não qualquer dia desses eu ponho veneno no seu café..." Ele não entende que falo a verdade, imagina que estou brincando, e diz

debochando: "Não se aborreça filhinha... Você é muito engraçada!... Você é um anjo de candura!..."

Em vista disso, devemos criar novas formas de lidar com o matrimônio. O amor no casamento não deve ser cego. E nem a estupidez deve fazer parte do amor conjugal. A lucidez deve ser o norte de uma esposa sensata. Precisamente quando se está articulando uma viuvez com segurança, sem risco. É necessário estar capacitada para desenvolver toda a consciência de raciocínio para que nada saia dos conformes. Mas é muito importante não sermos pessimistas, se não os céus não nos serão favoráveis.

Meu horóscopo diz para que eu aplique novas técnicas ao meu relacionamento. E evitar sistematicamente a superficialidade espiritual.

Rá... rá... rá... Hoje estou sentindo-me uma mandrágora. Afrodisíaca. Sexualmente excitada. Confesso, nessas horas sinto falta dele. É verdade que sou a mulher desse animal que se coça e que me acostumei a viver com ele. Tudo parecia estar indo muito bem até que um dia, de repente, alguma coisa se mete em nosso caminho e atrapalha tudo. E o pior eu sou a culpada. Eu quis lhe fazer um agrado, transformando-me na outra. Dissimulei ser a diarista, vestindo-me como tal. Mas o que eu queria mesmo era ser um inseto ou mesmo um batráquio. Se inseto queria ser um chato, só para dar uma mordida bem embaixo do saco dele. Se batráquio, queria ser uma rã, só para me tornar uma princesa, e na hora do beijo virar sapo e ver a sua cara de asno... Mas agora vocês me dão licença que o barrão velho está me chamado para lhe servir seu café com torradas.



A Convidada Italiana

Luisa Costa Cisterna

Calgary/Alberta, Canadá

Foi um daqueles dias no trabalho! Minha ideia era chegar em casa e desacelerar ficando sozinha no refúgio do meu quarto. A porta fechada significaria para meus filhos e marido que a maré não estava para peixe e que a mamãe não iria ouvir reclamações e desabafos, pois já tinha ouvido demais dos alunos que não passaram no curso que ensino numa faculdade aqui nas terras geladas do Canadá. Não! Eu queria silêncio.

Parei meu carro na garagem e entrei pela porta dos fundos de fininho. Não acendi a luz para não dar o alerta da minha chegada. Em princípio, as vozes indistintas que vinham da cozinha não indicaram nada fora do normal, da rotinha pós jantar. Entrei e deparei-me com panelas empilhadas na pia, farelo de pão no chão e copos espalhados pelo balcão. Minha irritação inicial só piorou quando meu olhar aturdido pousou na mocinha de cabeça raspada de um lado e cabelo curto encaracolado do outro. Seus olhos brilharam por trás das lentes dos óculos de armação azul. Meu marido fez as honras da casa nos apresentando:

– Essa é a Chiara! Lembra que avisei que ela viria jantar aqui?

Não. Não lembrava, mas em vez de dar uma olhada fulminante para meu marido, sorri com o melhor dos meus sorrisos amarelos e menti:

– Claro que lembro!

Sem opção de correr para meu quarto para não parecer antissocial (por que as pessoas introvertidas são sempre acusadas de antissociais?), sentei-me à mesa com meu filho mais velho e a mocinha italiana, enquanto meu marido lavava a louça sorrindo, sem entender patavinas do que os dois jovens falavam sobre vídeo games de estratégia de guerra.

Belisquei o resto de prosciutto com ciabatta, prestando pouco atenção à conversa. Ouvi, sorri, comi um pedaço de salame. O assunto deu uma guinada e foi para os lados de genealogia dos imperadores romanos. Joguei uma azeitona na boca, quase errando o alvo, quando a jovem italiana explicou seu parentesco com a nobreza do seu país. Mais uma curva acentuada e começou uma sessão de literatura. Quando dei por mim, estava envolvida até o último fio de cabelo numa conversa acalorada com a mocinha sobre catarse no desenvolvimento de personagens de romances na literatura mundial. Falamos de Dante Alighieri,

Camões, Machado de Assis. Logo, a conversa foi de Tolstoi à culinária, das Grandes Guerras a línguas latinas. Atraídos pelo piano no canto da sala, cantamos (ou, meus filhos cantaram) o Hino Imperial Russo, uma música italiana e outras em português (claro, o fado "Saudades de Coimbra", com participação especial do meu filho mais novo pianista com ouvido semiabsoluto, segundo fui informada pelo professor de piano).

Depois da sessão musical, começamos a fuçar minha estante de livros e descobrimos cópias duplicadas de alguns títulos de C. S. Lewis e G. K. Chesterton (minha mania de sair clicando no website da Amazon sem checar primeiro o que tenho nas prateleiras). Dei para nossa jovem convidada minha amada cópia de *The Abolition of Man*, despedindo-me do livro com um beijinho, dizendo a ela que eu sabia que o leria e cuidaria dele com zelo. Foi um momento emotivo de separação do meu livro de capa azul todo marcado de canetinhas coloridas. As horas foram passando e a conversa tomando rumos inesperados como aquelas estradas sinuosas sem muita sinalização, mas que a cada curva damos um suspiro com a maravilha da paisagem.

A convidada parecia uma daquelas perfeitas personagens de filme europeu, a figura central que cativa jovens e velhos, cultos e simples, homens e mulheres. Meu marido e meu filho disputavam comigo a atenção da moça que, por sua vez, explicava seu último projeto na universidade sobre Pablo Neruda. O assunto depois disso foi mais suave e contei para ela do meu cachorro recém-falecido de tumor no cérebro. Com a voz embargada, a convidada pediu para ver uma foto do nosso Guido (nome mais italiano impossível) e aproveitou para contar do seu gato (com um nome italianíssimo também) que, de tão grande, às vezes é confundido com um lince.

Se eu cheguei em casa cansada e irritada, já não me lembrava mais. As queixas dos meus alunos de que não era justo terem que repetir o curso foram relegadas a algum canto escuro na minha mente. Minha introversão e necessidade de recarregar as baterias ficando sozinha já não faziam mais sentido. Ali, no meio da sala de visitas, de pé ao lado da estante, permanecemos imunes às horas que passavam como no relógio de Salvador Dali que derrete frente à inutilidade de contar um tempo que não pode ser mensurado por minutos. A jovem convidada italiana deixou a marca da sua presença gravada na minha mente cansada da rotina e abriu portas e janelas para mundos pouco explorados. Talvez ela não tivesse, de fato, vindo da Itália, mas de alguma terra fantástica das páginas de um livro.

https://www.facebook.com/luisa.cisterna.7

A Dona Pomba

A dona pomba

Hoje o dia amanheceu sorrindo
Dia belo para passear
Eu usei meu melhor vestido
E sai para namorar.

No caminho encontrei uma dama
Ela gentilmente me deixou passar
Deus abençoe a vida desta dama
Que para sempre eu vou amar.

foto: Fernanda Soares/ G1

Simone Kodama
São Paulo/SP

A hora de parar

Maroel Bispo

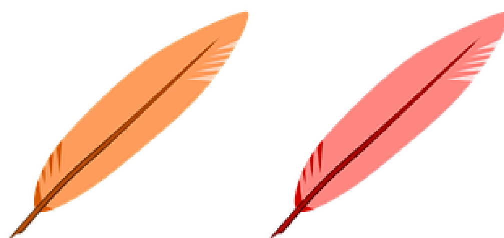
Feira de Santana/BA

Quando tudo não me diz nada
É hora de calar e ouvir a esperança
Tempo de sentir a vida parada
Com a pureza de uma doce criança

Quando tudo não me diz nada
é hora de ancorar no cais da vida
Tempo de ficar na água estagnada
Refletir com fé na dor da despedida

Quando tudo não me diz nada
É hora de ouvir a voz do meu silêncio
Mergulhar dentro de mim, ver o que penso
Aguardar o clamor da alma angustiada

https://www.facebook.com/maroelbispo







A Irmandade do Medo

Gerson Machado de Avillez
Rio de Janeiro/RJ

Aquele artista desafiava a ciência. Cego de nascença pintava obras magistrais de coisas o qual nunca vira ou soube explicar. Contrariando todo senso comum de uma possível 'tabula rasa' naturalmente que dúvidas foram levantadas, mas o homem que vivia recluso era temerário ao falar sobre a possibilidade de possuir visão, pois afirmava em seu quase transe ao realizar as pinturas que seus olhos lhe matariam de medo quase visse. "Uso meu terceiro olho", afirmava. De fato, costumava afirmar que por isto optava por realizar suas pinturas a sós com seu ajudante, pois mesmos os gatos algo medonho afugentava. Naturalmente que o cientista astronômico John Octavios desconfiou das alegações, e acreditando se tratar de um charlatão que se apropriava de algum gênio em segredo o desafiou provar seu potencial talento impossível. E a contragosto o homem aceitou afirmando que o cientista em questão estaria por sua própria conta e sorte. Exames constataram a cegueira de Grimstone, para a consternação geral.

Obviamente que John Octavios ironizou isto até o dia que resolveu acompanhar o pintor Jones Grimstone em seu atelier na sua casa no lago. O problema é o que aconteceu, doravante, Octavios lançou afirmações difusas num telefonema antes de surtar e os especialistas considerando um caso de psicose internou o proeminente cientista e cético. O homem fora buscado na casa de Jones trêmulo a vociferar num rubor e palidez hedionda a contemplar mesmo para os mais próximos um estado nunca observado para um homem normalmente tão comedido. As palavras balbuciadas por Octavios eram desencontradas e desconexas, afirmava a todo instante que algo diabólico iria acabar com ele e que não era um mero cão e Jones não era um rato, mas que todos deveriam abandonar seus sonhos, os relacionamentos senão o inferno emergiria.

Obviamente que os relatos envolvendo todo incidente necessitaram de uma melhor apuração por parte de seus amigos cientistas que impressionados pelo caso não cessaram até ir ter com o pintor Jones Grimstone. O homem, que tinha alguns aparatos considerados supersticiosos pela liga de céticos que o abordou, demonstrava que Jones estava entregue a ideias arcaicas de magia afim de exaltar sua glândula pineal para que com o terceiro olho fintasse uma quinta dimensão.

Aquele funesto lugar segundo Grimstone possuía um ser que era capaz de manipular o próprio medo nos seres humanos de maneira o qual aquele que o perfilasse com olhos carnais estaria fadado a loucura temerária de uma síndrome do pânico extrema. De fato, o estado de Octavios batia com as afirmações, pois ao demonstrar posterior estado de catatonia e choque toda a psicossomática indicava que ele sofreu um estresse extremo, algo que acabou com seus nervos.

O chefe do grupo que investigou o suposto caso sobrenatural era Ivan Goldstein, amigo pessoal de Octavios ele era um russo filho de norte-americanos o qual teve experiências anteriores com o controverso Grill Frame. O homem é um absoluto incrédulo, acreditava que todos suposto êxitos de vidência eram coincidências, mas ainda assim ficou tentado a pegar aquele caso sem saber que lhe mudaria a vida. Jones Grimstone, no entanto, estava relutante em participar de experimentos acreditando que o mesmo poderia sobrevir aos comedidos cientistas. Assim Jones aceitou afirmando que se desse errado como ocorreu para John Octavios ele receberia uma quantia montante o suficiente para viver tranquilo por toda vida. Os homens da ciência aceitaram com a condição de registrarem tudo e investigasse todo lugar antes.

Com todos os preparativos tudo fora verificado em condições laboratoriais, assim como estes se certificaram de terem condições de segurança mínima. Sob os avisos de temerária advertência de Jones Grimstone a sessão de pintura fora anunciada no início das gravações. O ajudante de Grimstone o auxiliou no simbólico ritual até que com o fim da exultação por um incenso o jovem aprendiz tapou a vista com uns tapa olhos. Segundo o jovem numa rápida entrevista de registro, ele afirmava que fazia parte de um grupo de magia intitulado Irmandade do Medo, o qual a despeito do nome e sua suposta crença no poder expansivo do medo ele disse que ansiavam por controlar o medo a revelar o âmago da existência segundo eles ao menos.

A julgar pela experiência aquilo nada seria de bom, pois o jovem insistiu que todos deveriam tapar os olhos quando a 'luz do vazio' iluminasse o atelier. Não precisa dizer que Goldstein duvidou severamente disso dando seguimento ao experimento.

Grimstone fintava o vazio quanto o jovem espalhou o incenso sobre ele enquanto o próprio Grimstone balbuciava palavras intraduzíveis, mas que segundo um especialista remetia a língua suméria. Por longos segundos então se fez silêncio aumentando o grau de expectação de todos que presenciavam quando para espanto geral uma luz emergiu sem causa aparente uma vez que todo recinto fora verificado antecipadamente. A luz era tão intensa que os homens da ciência cerraram a visão até virarem o rosto enquanto o Grimstone pintava o quadro freneticamente diante das câmeras que subitamente parecia sofrer algum tipo de interferência magnética.

— Preciso de medições! — Vociferou Goldstein ao monitoramento, mas as imagens haviam sido perdidas.

— Perdemos o sinal de vídeo! — Respondeu o auxiliar nervosamente.

— Preciso das demais medições em todos espectros de radiação! — Vociferou tendo a negativa do auxiliar.

Naquele instante a luz cessou levando a um quase oposto quando as luzes do cômodo oscilaram piscando. Repentinamente o silêncio tomou novamente o lugar quando um suspiro profundo e longo irrompeu o silêncio. Goldstein contrariando as indicações teve de verificar com os próprios olhos o que acontecia uma vez os equipamentos falharam. Quando ele fintou o vazio vislumbrou a imagem esquálida de um profano ser que parecia flutuar dentro do lugar enquanto Grimstone alheio pintava num ritmo nervoso no meio ruborizado. A criatura que estava encurvada sobre si mesma estava trêmula, e era duma brancura albina a ponto de arder os olhos. De fato, nevoa e brilho parecia sair daquele ser a ponto de eclipsar qualquer outra atenção.

Fora quando diante dos olhos de todos o ser abriu-se em seus membros revelando grandes olhos negros que o fintaram num pavor que os fez gelar a espinha. A expressão profunda de medo da criatura era tão intensa que parecia a todos contagiar num arrepio angustiante mas não menos hipnótico. Paralisados como uma presa ante um fóbico predador, aquele monstro então abriu a boca e num só vociferar lançou um grito tão alto que quebrou mesmo as lentes dos óculos de Goldstein que agora tremia encurvado sobre si mesmo. Aquele hediondo ser então balbuciou.

— Sinta o medo da existência no abismo! O medo que liberta também aprisiona e torna insana a mente fraca para sua verdade.

O nome da suposta entidade era Asmofobos, mas o pintor alheio ignorava todo acontecimento enquanto terminava de pintar uma figura sombria de penhascos ante um céu nublado, mas cuja profundidade era tenebrosamente realista. Transpirando o homem se recusava a parar quando o ser repentinamente pareceu ser engolido desaparecendo.

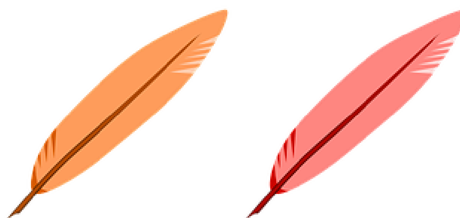
Todos os três cientistas presentes vociferavam nervosamente por socorro quando os demais homens que acompanhavam o monitoramento interrompido de fora quebraram a porta forçando a entrada para acudi-los, mas os encontraram desolados. Goldstein arfando os pulmões parecia agora catatônico a fintar o vazio aumentando a consternação de todos ante provas inconclusivas a não ser o início do clarão. Cada um teve uma reação despropositada e irracional ao incidente, um desenvolveu uma amnésia esquecendo-se dos últimos dois anos numa tentativa cerebral de bloquear memórias indesejadas ante o encontro enquanto os demais apenas enlouqueceram. O jovem aprendiz que lhe auxiliou ao término do incidente apenas afirmava tranquilamente que esperava por aquilo.

Um inquérito se abriu a respeito do caso, mas de modo inconclusivo. Surgiu notícias na mídia desacreditadas e tão logo o caso tornou a obscuridade enquanto as pinturas amaldiçoadas de Grimstone, não. Elas figuravam apenas o medo latente como uma letargia que dava apenas um breve vislumbre da profundidade sem fim do abismo o qual aquele ser emergiu. Em questões de anos apenas Goldstein se recuperou da loucura e desconversava sobre todo caso alegando ter sofrido alucinações por algum tipo de tóxico no ar. Mas todos que lhe eram próximo sabiam que ele não fora mais o mesmo levando-o até mesmo a se aposentar antecipadamente.

Tão logo todo caso virou apenas uma curiosidade de rumores desacreditados em fóruns virtuais como parte de ideias exageradas de teorias da conspiração. A maior estratégia do demônio é desacreditar o sobrenatural e assim ganhar mais espaço, pois o culto da Irmandade do Medo cresceu exponencialmente entre seguidores das cult histórias do incidente. A medida em que era acobertado ganhava força enquanto em segredo passa impor que suas próprias vítimas sejam obrigadas a acobertar os rituais deixando apenas uma rosa no lugar do sinistro.

Por fim houve um certo clamor na internet que questionava todo silêncio em torno daquele culto e dos incidentes o qual supostamente estava envolvido. Eles pareciam temerariamente defendidos até pelo motivo de que muitos dos membros influentes da mídia passaram fazer parte do culto quando o investigou. Mas um dia, um programa de televisão reuniu alguns cientistas para tratar dentre outros assuntos de sobrenaturalidade, aquele caso que teria feito tantas vítimas, mas tão logo uma série de teorias tecidas pelos cientistas presentes consideraram os fatos inconclusivos o suficiente para descartar todo os rumores como "absurdo", afinal suas vítimas eram divergentes mentais.

https://gersonavillez.jimdo.com/



A mulher que vende calcinhas

Carolina de Toledo Braga

Lumiar/RJ

Era um dia qualquer da semana quando ela entrou na agência. A campainha gritou estridente. Eu nunca abro a porta da firma, mas daquela vez eu era a pessoa mais próxima à entrada. "Estou vendendo calcinhas. Posso mostrar algumas a vocês?", falou baixo, resiliente, mas já nos empurrando para entrar. Antes, estávamos paradas no caminho da copa conversando sobre um remédio que Ise começara a tomar.

Nos entreolhamos, eu e Ise. E ficamos lá, caladas, por uns dois segundos. "Talvez aquela menina queira", disparei, enquanto apontava para uma garota sentada na mesa de reunião, Helena.

Grisalha, com cabelo preso junto ao pescoço, os olhos dela eram pretos, com formato amendoado. O batom rosa cintilante não combinava nem com o bigode, nem com os dentes amarelos dela. Algo naqueles olhos me inquietavam. Não sei o que. Nem me recordo da roupa, mas não poderia esquecer daquela bolsa preta. Me lembrou uma antiga bolsa de voinha, como chamo minha bisavó, na qual sempre me pareceu saírem objetos esquisitos de dentro.

A estranha puxou duas calcinhas rendadas miúdas daquela bolsa preta enorme. Fez barulho de atrito em saco plástico velho. Eu e Ise, que já não falávamos mais sobre remédios, balbuciamos qualquer coisa sobre o tamanho da calcinha ser pequeno demais para a gente. A mulher circulou nas mesas das outras garotas da agência, mostrando as calcinhas miúdas pra cada uma. Ninguém comprou nada.

—Quem deixou essa mulher entrar?—perguntou qualquer pessoa. As quase 30 pessoas da agência chegaram a conclusão que a culpa era minha e de Ise. Concordamos. Afinal, de quem mais seria?

—Mas se ela tivesse outra abordagem, talvez a gente até comprasse.

—Quem ia comprar calcinha, assim, no meio da agência?

—Se ela tivesse vendendo comida, com certeza alguém compraria.

— Ou Natura, né?

Mais de duas semanas se passaram até o nosso próximo encontro. Ninguém nunca a viu novamente em qualquer outro lugar, ou ouviu falar dela. Era cedo da manhã e eu estava enchendo minha garrafa de água na copa. Só tinha mulheres na agência—que estava quase vazia. Dessa vez, quem abriu a porta foi Clara. Ouvi: "A senhora marcou com alguém?"

Não ouvi a resposta. Senti meu coração gelar. Tentei me esmagar entre a pilastra e o bebedouro de forma que não fosse possível me ver quando alguém ultrapassasse a porta. Relutante, Clara não encontrou argumentos para impedir a entrada da estranha criatura. Ela tirou uma revistinha da Natura e mostrou que dessa vez não eram calcinhas. "A gente já comprou Natura essa semana, acho que ninguém vai querer", contra argumentou a ruiva.

Olhei rapidamente e ela me parecia a mesma estranha criatura da outra vez. Claro que era. Mesma roupa, mesmo batom rosa descombinando no rosto, mesma expressão nos olhos pretos. Até o mesmo barulho de plástico velho fez quando ela tirou a revista, mas não era plástico nem nada, era revista. E fez o mesmo barulho!

Clara entrou meio rindo, meio apreensiva na copa. Eu também ri. "A culpa não foi minha. Eu tentei impedir ela de entrar, você viu." Sim, eu vi. Como ninguém queria nada da Natura, a estranha mulher da bolsa preta foi-se embora.

Não passava muito desde a hora do almoço. Dois dias depois, eu estava atravessando a ponte em direção ao Cais de Santa Rita, quando a vi. Mesma roupa, mesma expressão nos olhos. Eu não tinha dúvidas, era ela. Dei aquele sorriso que damos quando vemos alguém conhecido na rua, acenando levemente a cabeça. A estranha retribuiu meu olhar, mas a expressão dela mudou

subitamente. O preto da íris dos olhos dela cresceu até cobrir toda esclerótica. Foi então que percebi o homem do lado dela. Baixinho, barrigudo, bigode retilíneo que fazia a boca dele parecer uma linha reta. O estranho tocou as mãos dela no momento que os olhos dela ficaram sinistros.

Eu tive dúvidas entre continuar a andar, parar ou sair correndo e gritando. Quase cheguei a dizer que estava precisando de calcinhas novas. Pensei em pegar a chave na minha mochila para enfiar nela, caso ela chegasse perto de mim. Depois, relembrei mentalmente como se vira o pescoço de uma pessoa até quebrar. Mas não fiz nada disso. Só fiquei lá, estatelada.

Quando o homem deu um passo em minha direção, eu pensei que poderia pular da ponte e dar um flecheiro no rio Capibaribe. Melhor morrer de doença sanitária do que de bruxaria, afinal. A minha melhor opção era mesmo correr. Eu corro bastante rápido, apesar de aguentar correr pouco por conta da asma. De qualquer forma, aquelas duas estranhas criaturas de meia idade deviam aguentar correr menos do que eu. Mas não corri, só fiquei lá, olhando.

Quando chegou ainda mais perto, o homem virou vulto. Eu dei um passo para trás ou para o lado. A situação era tão bizarra que de repente meu corpo relaxou completamente.

—Qual seu nome?

Enquanto minha voz saia, eu não acreditava que estava tendo a reação mais imbecil que poderia ter. Nem ela, pelo visto. Abriu um sorriso horroroso e amarelado enquanto me respondia: "Lúcifer." Gargalhei.

—Lúcifer, como o diabo?

—Sou o diabo.

O diabo! Em pessoa! Ali, na minha frente. E era uma mulher que vendia calcinhas! Comecei a chorar descontroladamente. Na minha cabeça só três palavras: "Não me mate." O diabo, provavelmente lê pensamentos porque sorriu

quando me disse: "Eu não ganharia nada matando você, garota burra." Me descontrolei e comecei a soluçar.

—Não sou burra!

"Sou estúpida", completei em pensamento. Quem responde "não sou burra" para o diabo?

— Cadê o homem?

O que estava acontecendo comigo? Porque eu estava fazendo perguntas idiotas ao diabo? Havia tanto que eu podia perguntar. Mas ele existe de verdade? E deus, existe mesmo? O inferno é como a descrição de Dante? E o céu? Porque ele saiu de lá?

A criatura revirou os olhos e me disse que o homem havia vendido a alma para ele ou ela, enfim, para o diabo. E que agora não passava de um vulto, sofrendo torturas eternas. Estremeci ao ouvir aquilo. Ela me disse que não contasse essa história a ninguém, porque ninguém acreditaria em mim.

—Afinal, você é só uma mulher. E olha o seu tamanho.

O diabo é uma mulher machista. Não pude deixar de rir. O barulho foi de grunhido. As minhas bochechas ainda estavam ensopadas com as lágrimas. Eu tremia de medo.

—É claro que eu sou real, garota burra. Sou o primeiro mal, aquele que sempre existiu e sempre vai existir.

— Não sou burra.—Balbuciei.—E isso é uma frase da última temporada de Buffy.

Ela gargalhou e me disse para tomar cuidado, pois eu estava pensando muito em magia ultimamente. Eu disse que não aceitava conselhos do diabo e que iria fazer exatamente o contrário. Terminei em tom profético: "O bem sempre vence o mal." Depois pensei "se eu matasse o diabo? Será que o mal deixaria de existir?"

Ela sorriu, e por um segundo pude ver tristeza no olhar daquela criatura estranha, "Você sabe que isso não é verdade. As pessoas matam e torturam em nome de deus, não matam mais em meu nome. Acreditam que qualquer oração pode livrá-las do inferno, eu já estou quase virando uma lenda."

Resignada, a mulher só continuou a andar na direção contrária a minha. Ela nunca mais voltou na agência. Já eu, toda segunda e terça atravesso a ponte em direção ao Cais. Pensei tê-la visto novamente, mas deve ter sido só um vulto.



A todos que nunca choraram

Charles Burck
Rio de Janeiro/RJ

A todos que nunca choraram, eu nas noites chorava as tempestades guardadas
Dando luz aos olhos que nunca soluçaram por faltar-lhes o tempo
Eu que redesenhei as luas torturadas nas imagens dos homens sem sonhos
Com floreados infantis e risos meninos a compor sonos calmos,
Aos que morreram sem tempo de uma oração
Ditei palavras mornas marcando os caminhos das horas,
Recolhi os espelhos partidos para que os mares se espalhassem
Para que navegassem enquanto fitavam os astros
Aos perdidos das paixões gemi os fastios dos olhos que por vezes voltam pelos caminhos em busca do amor
E supus os gritos das adolescências enterradas antes dos voos, os rebentos fechados, as aves de olhos vazados à procura dos destinos dos desvalidos,
E eu, aonde ia? Se em todos tanto me perdia
Arranjei mil vezes tempo de partir, e revi as tardes onde ajeitei a cabeça no travesseiro
Os homens voam, os aviões passam ao largo, as nuvens se cansaram da atmosfera de outrora,
Buscam horizontes luminosos onde velhos céus não os transponham
Os sinos se calam às dores dos homens, mas aos esquecidos pelo amor, arrumei-lhes as malas com roupas novas, e novas as doçuras das moças maduras,
Um canto sonoro com as palavras abandonadas pelos anjos, um quarto arejado, as meninas com as saias à altura das coxas,
Fiz cartas de saudades às velhas senhoras que se atrasaram à morte,
Aos que nunca voltarão, apenas os lamentos, a peregrinação do poeta que esqueceu como se escreve
Ao poema, a substância luminosa de forjada magia dá eternidade a tudo que o sol não poder guardar,
Cada momento único da perene fragilidade dos homens,
Não morre como as vagas, guarda-se no seio do poeta, retornam mares ao ventre do oceano."

Alegoria Para Recomeços

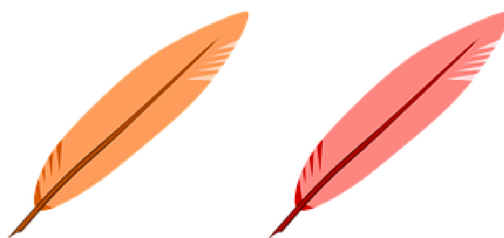
Lucas Luiz
Guararema/SP

Discernir entre a representação dos dedos e a mão concreta; ainda passa distante do toque. A imagem parada nada oferece de afago. Mesmo acaso em movimento, ações oníricas, seguem meramente ilustrativas. De qualquer forma, o platônico caminhou lado a lado comigo desde o princípio. Notá-lo, nesta altura, é dar cabo ao meu exercício de melhor desempenho: constatar o óbvio.

Embora marcado, inúmeros hematomas por tamanho esforço de tato, contraído os nervos, busca por decifrar a geografia do próprio corpo; atrever a sair da caverna demonstra-se decisão acertada. A cegueira dissipa-se paulatina.

Como em teus olhos, graciosos, lentes frenéticas voltadas para a vida, fotografando um novo mundo de possibilidades para além de minhas fronteiras. Descobrindo frames. Outras maneiras de realocar os mesmos cenários. Adaptando distâncias. Coordenando pé por pé o seguir em frente.

Confesso, fiz-me do avesso para sobreviver. Seria impossível adequar nossos fusos não fosse eu estrangeiro em mim. Deixando de ser abstrato e adquirindo forma. Meio amorfo, impreciso. De pouca valia, porém, não mais sombra, carne e osso. Sem pé nem cabeça, mas, de todo, coração.





Anjo Decaído

Ludovico

Indaiatuba/SP

A faca com que brinco
Enquanto me finco uma estaca
Não são tidas como causa
E não as escondo em casa

O corte não me machuca
Se despenco, com toda a sorte
Quem não mais me acompanha
Só pode esperar pela morte

Marcham os soldados
Jogam-se os dados no chão
Os que nunca mais se acham
Junto dos corpos, empilhados
Num novo rio de uma velha rota
Pés sem botas que passam frio

Infecciosa paixão
Sempre em polvorosa
Uma boca esperançosa
Vomita motes de revolução
A língua tende a se retorcer
O que faz crescer a mágoa

Nesses estilhaços de vidro
Eu duvido do estardalhaço
Um incômodo sombrio do ouvido
Nos escombros, o embrião do meu palácio

Um enterro sem delírio
É pedir exílio em um espelho
A vida não tem mais pausas
E mais um anjo perdeu as asas

https://www.facebook.com/ludovicoluka/

Artista do Mês

Desenho: Márcio Apoca

Campo Mourão/PR

Stan Lee

(escritor, quadrinista e produtor americano)
(texto: Ana Rosenrot)

Stan Lee - Stanley Martin Lieber, escritor, quadrinista, produtor e etc., nasceu em Nova York, Estados Unidos, em 28 de dezembro de 1922. De origem pobre, era filho de uma dona de casa e um alfaiate, ambos imigrantes judeus romenos. Sua família sofreu com a miséria e o desemprego durante a Grande Depressão (maior crise econômica do século XX), fato que marcou sua vida.

Conseguiu o primeiro emprego aos 16 anos, escrevendo obituários para jornais e folhetos publicitários para um hospital, mas a sorte iria ajudá-lo: sua prima havia se casado com Martin Goodman, dono uma editora que publicava quadrinhos: a Timely Productions (futura Marvel). Seu primeiro trabalho, publicado em 1941, foi o conto "Capitão América desbarata a vingança do traidor", assinado com pseudônimo "Stan Lee", pois, Lieber queria preservar seu nome verdadeiro para trabalhos "realmente importantes"(??);logo depois, tornou-se editor do departamento de quadrinhos da Timely.

Em 1942, serviu na Segunda Guerra Mundial, no setor de comunicações.

Em 1947, se casou com Jean Clayton Boocock, eles ficaram juntos por quase 70 anos.

Seu legado é incalculável, trabalhou em parceria com Joe Simon, Jack Kirby, Bill Everett, Steve Ditko e muitos outros; criou e co-criou centenas de personagens, entre eles: Homem-Aranha, Hulk, Thor, Homem de Ferro, Demolidor, Surfista Prateado, Nick Fury, os Vingadores, Quarteto Fantástico e os X-Men. Trabalhou também no cinema e na TV, sendo creditado como produtor-executivo 164 vezes e também atuou como dublador, personagem de desenho animado e ator, com 33 participações em filmes da Marvel.

Em 2008, foi agraciado com a Medalha Nacional das Artes pelo presidente dos EUA, George W. Bush e em 2011 recebeu a 2.428ª estrela da Calçada da Fama, em Hollywood.

Com quase um século de vida, Lee ajudou a criar e a manter viva a indústria dos quadrinhos, fazendo história no mundo do entretenimento.

Em 12 de novembro de 2018, o mundo perdeu seu verdadeiro herói: uma pneumonia levou, aos 95 anos, o artista que encantou e uniu várias gerações.

Sua obra, bem como o artista, tornaram-se imortais!!



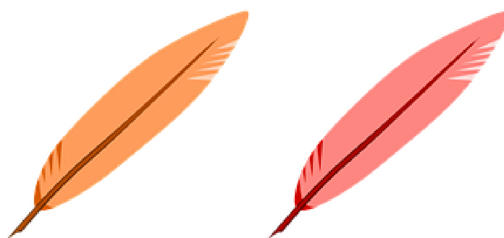
https://www.facebook.com/apocastudios

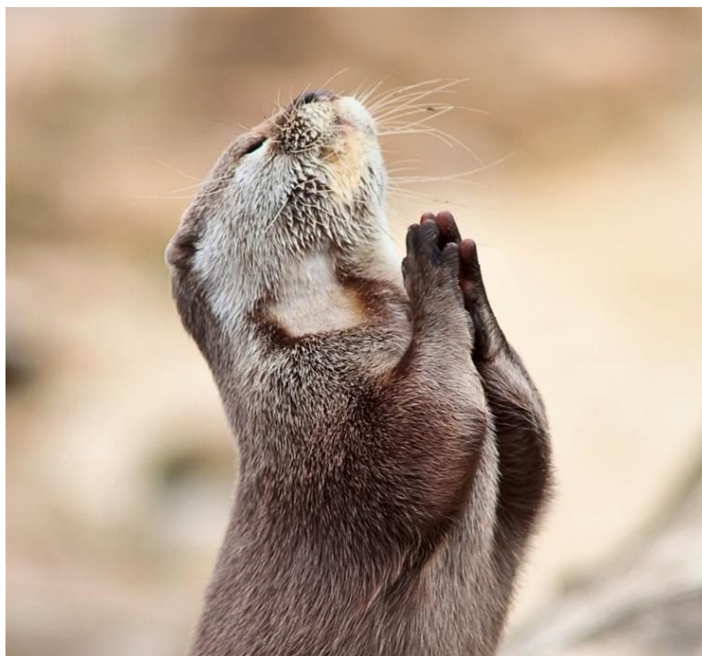
Aspereza

Carlos Jorge Azevedo

Santa Marinha do Zêzere-Baião-Portugal

Já nada me deslumbra
Saturei a beleza perfeita
O constante requebro
A voz de mel feita
Os olhos que impelem ao mergulho
Aprendi tarde demais, confesso,
Mas vale mais tarde que nunca
Que o deslumbre não mora aí
E mesmo o encantamento definha
A tela sem imperfeições
Não é o melhor livro para aprender
A formosura está numa certa aspereza
Intervalada com enigmas
Com desafios que há que vencer
Com constantes quebra-cabeças
O expoente máximo do que é belo
Não está nas linhas harmoniosas
E nos cânticos que atraem e
desnorteiam
Está bastante mais acima
Reside nas emoções que desencadeia
Na força da mensagem que irradia
Até porque enfastia a monotonia
De uma maravilha uniforme, pesada,
Já aquela que menos exuberante
Nos leva a refletir e criar
Será sempre a escolhida, a mais
querida…





Assim Seja

Valéria Cocenza dos Santos

Belo Horizonte/MG

Que a morte dos sonhos
e de tudo que acreditei não impeça
que nova Esperança se manifeste em
mim.

Que a cada queda
meus pedaços se encontrem
E que eu possa me reconstruir.

Que os meus gritos de dor sejam...
... de dor! E nunca se tornem pavor
para quem os ouvir.

Porque meu grito é cansaço,
mas, meu outro pedaço...
... é Amor!

Que eu consiga chegar até o ponto
traçado
Seja com sorrisos ou, por vezes,
tendo meus lábios trancados.

Que o Amor que ainda desconheço
Continue sendo por mim amado.

E do silêncio que me permito e reservo
Eu possa agradecer ter sido respeitado.

Até o rosicler

Maria Carolina Fernandes Oliveira

Pouso Alegre/MG

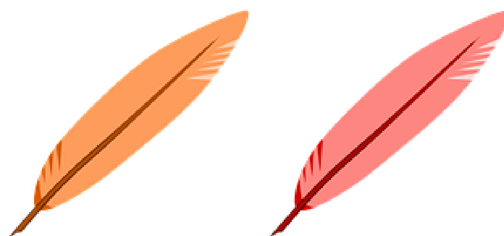
A agudez daquela voz era tão angélica que até os mais rudes estavam compenetrados. Ao mesmo tempo, o som advindo não se sabe se das cordas vocais ou se diretamente da alma da anciã competia com o assoprar do vento naquela noite de luar escondido, nenhum outro sonido se atrevia a atrapalhar aquela melodia. Horas de dedicação e fé daquele grupo finalmente convenceram a tímida lua a abandonar suas densas vestimentas de algodão para apadrinhar com esplendor a liturgia. O som que antes era sublime e afável passara a ter um tom obtuso e áspero, pois homens e mulheres cantavam num coro só, intementes em falhar.

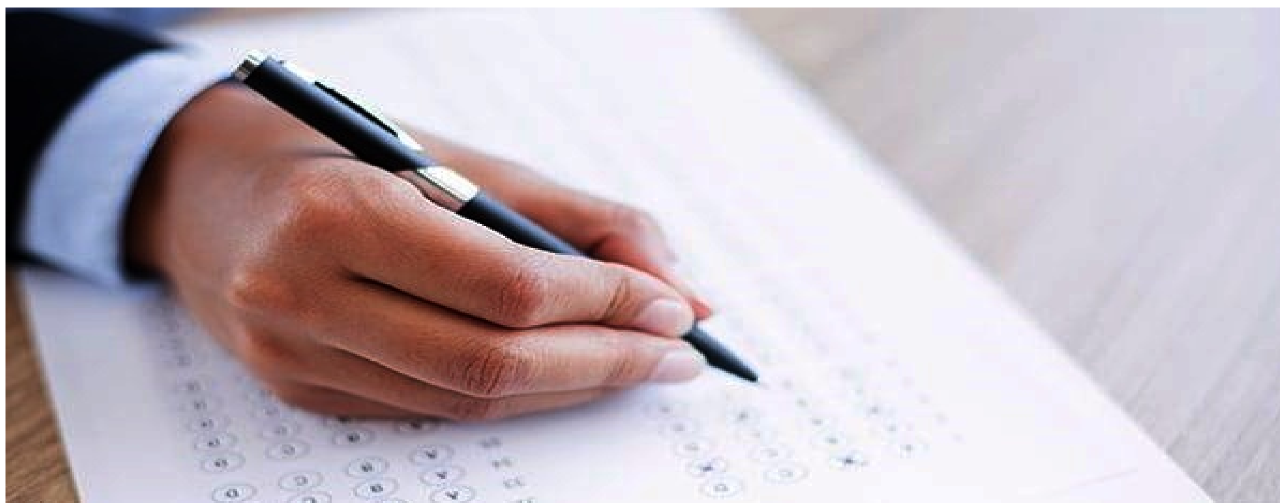
Os pés das mulheres, que por poucos pliés não eram bailarinos, estavam carregando um tipo de chocalho, não tão rudimentar, não tão polido, mas suficiente para promover um timbre grandioso e singular. Os quadris de cada uma delas também portavam representações sonoras, que tilintavam a cada bamboleada e faziam a noite lacrimejar. Se pés e quadris eram adornados, o mesmo ocorria ao restante do corpo, desde o ventre até ombros e pontas dos dedos, pinturas representativas cobriam a pele das moças e das senhoras, assim como ocorria aos rostos dos homens.

Havia também crianças, porém essas apenas observavam e aprendiam atentamente o compasso e a fé dos grandes. Vez ou outra alguma delas deixava escapar um riso velado de zombaria, mas essa era logo repreendida pelas crianças maiores, que entendiam aquele culto aos deuses como um agradecimento pela chuva, mãe da fertilidade dos campos e da abundância nas colheitas. Os homens, ao mesmo tempo em que cantavam e dançavam, também

se preocupavam em deixar às suas crianças um legado, num rito que provinha de seculares gerações.

Ora em roda, ora em pares, ora em filas, assim seguia a oração até que a lua se cansasse e deixasse o posto ao sol, num majestoso rosicler. A noite em claro não era um sacrifício para eles, a felicidade podia ser vista nos olhares, vivos, acesos como um grande fogaréu, tão temido por aquele povo em épocas secas, nas quais a água era pouca, miserável, matava por sua ausência, ausentava-se por intermédio dos deuses. Naquele compasso iam-se os fiéis,todos os anos, horas e horas, agradecer pelo alimento e pela vida, como se aquela prece fosse um fio de esperança que os protegeria nos momentos de escassez, quando uma gota do céu era uma celebração na Terra.





Avaliando um Monstro

Maiky Oliveira Silva

Feira de Santana/BA

— É isso. Está óbvio para mim. Não a porque uma avaliação a ser feita. Patético. Cúmulo do ridículo. Mas não pretendo demorar. Todos têm os mesmos comportamentos, traços, ideologias.

— O Senhor, não aprecia a morte doutor? Como pode algo assim ser possível? Seu trabalho é cuidar de vidas. E nada sabe sobre a morte. O Senhor, não faz ideia do que faz. Vossa pessoa me dá um diagnóstico, mas é você que precisa de um.

— Três pessoas mortas. Todas elas cometeram suicídio. É algo completamente diferente do que já vi em meus anos de avaliações de pessoas como você. Vossa patética senhoria, não esfaqueia, enforca, estupra ou atira nas vítimas. Mas, as convencem a tirarem a própria vida. Que diabos você é afinal?

— Tudo errado. O Senhor, esta pulando os detalhes minuciosos e extremamente importantes. Mas, vou te ajudar na sua avaliação. Não te preocupes. Primeiro eu as escolhi, mas não de forma aleatória. Não há apreciação nisto. Estabeleci alguns critérios. Três para ser mais exato. O primeiro tinha que ser mulher. O segundo, amada. E terceiro o mais saudável possível.

— Depois de tal seleção, você utilizava técnicas psicológicas ou magias negras para manipular suas mentes? Ou possuía algum protocolo para isso também? Se você não fosse feito de carne e osso, eu não te consideraria um humano. Mas indo direto ao ponto, meu objetivo é traçar um perfil psicológico e te mandar para um lugar, onde toda essa sua filosofia monstruosa e psicótica não machuque mais ninguém.

— Tudo é um processo. A escolha. O que dizer e como se pronunciar. Após penetrar em suas mentes, metade do trabalho já estava feito. Meu trabalho era simplesmente liberar aquilo que todo ser deseja, e se pondera. O desespero, ou o terror se preferir. Isso é fantástico doutor. O conflito, as dúvidas que são geradas por suas próprias mentes. Presenciando tal experiência, me faz ter certeza sobre a vida.

— Mas que diabos de insanidade e delírios são esses? Morte, terror, desespero, foi tudo que você causou o que há de beleza nisto? Mulheres mortas, famílias e amigos em sofrimento, não está falando sério. Está me manipulando também?

— Creio que devemos partir do mais simples para o mais complexo doutor. Vou te explicar o processo. Todos dizem que assassinos são frios, certo? Mas estão enganados. Tudo é sentimento. Precisa-se de muito amor para matar, torturar, mentir e manipular. É necessário estar no ápice da experiência humana para isto. Alguém com pouco afeto, jamais será um assassino. O que ganhamos fazendo isso? A beleza da vida. O sentido da nossa existência. E apenas isso.

— Percebo que é bom com as palavras. Porque não usou tais habilidades para o bem? Teria encontrado mais sentido na vida de tal forma, do que fazendo três mulheres se suicidarem dentro de suas casas. Não há qualquer vestígio de dano físico ao corpo, e claro que é impossível uma avaliação psicológica das falecidas. Como é possível algo assim? Se não fosse os bilhetes de despedidas que todas deixaram para as famílias, nunca saberíamos. Tem uma menção honrosa a você nos bilhetes. Seu nome completo, e a descrição do local no qual se encontravam. Possivelmente, encontrava cada uma em dia diferente. O que quero saber é como

você fez as três se suicidarem. Você apensa confessou o crime mais não disse, o método.

— Eu queria furar todas elas, torturá-las, embalsamá-las. Uma corrente de idéias vem a minha mente, quando o objetivo é salvar as pessoas, entende? Vossa senhoria aplica injeção, receita pílulas, faz cirurgias, mas me diga doutor, faz por eles ou por você? Cada um de nós ajuda de uma forma. A diferença é que elas me agradecem por que eu as salvos. Enquanto ao Senhor, já lhe agradeceram alguma vez?

— Não sou um assassino. Sou um psiquiatra respeitado, com várias titulações. Jamais me compare ao seu nível, pois estou em padrões mais elevados. Claro que já me agradeceram. Do contrário de você, eu salvo e não mato. Afirmo isto com toda fidedignidade. Eu sou a salvação.

— É a salvação das pessoas? Ok doutor, vou te contar tudo. Todo o processo. Ainda tenho esperança em você.

— Eu as encontrava em uma livraria, na Avenida Passagem. As abordava com uma conversa típica. "Olá, gosta de qual tipo de livro?", e pronto. Depois de minutos, todas falavam de seus medos e sentimentos mais profundos. Medo da morte, insatisfação em todas as esferas da vida. Eu sentia seu desespero, sua angústia e o desejo de pôr fim a vida. Mais também havia felicidade, esperança, uma mistura disto tudo. Depois de estabelecido uma relação de confiança, pedia a eles que cometesse suicídio.

— O que? Simples assim? Quanta ingenuidade

— Tudo é complexo doutor. Antes de elas partirem, pedi também que elas apreciassem retirar a alma de outra pessoa que desejassem. Da forma que achassem mais peculiares. Esfaqueada, envenenada, como desejassem. Ao contrário do que os cientistas como vocês dizem, nada disso provoca dor. Apenas senti dor, quem nunca se entregou a ela.

— Saiba que até agora, tudo que me relata complica sua situação. Terá sorte se conseguir, apenas a prisão.

— O Senhor, ainda não compreendeu doutor. Eu já estou morto. Eu sou o sofrimento. Eu manipulo, faço as pessoas matarem e se matarem, apenas dizendo que essa é a única forma de encontrar o sentido de sua existência. Que há de errado nisto? Somos guiados por aquilo que sabemos, e limitados pelo o que evitamos admitir. Elas mataram. E morreram. Sem ferimentos no corpo, porque pra quem admiti o sofrimento, o corpo não importa. Suas mentes se desprenderam dos seus corpos, e sua existência agora esta em outro nível. Do qual eu mesmo tenho limitações em entender completamente.

— E já que você é sofrimento, porque ainda está vivo? Explique-me porque sua mente, não se desprendeu do seu corpo e partiu sabe-se lá para onde.

— Eu sou o equilíbrio. A dúvida. O caminho para o sentido de tudo. Aquele que está morto, e que não mata. O que vive o agora, mas não pode ir embora, porque todos precisam sofrer.

—Chega. Terminamos por aqui. Enfermeiros podem levar esse assassino.

— Doutor, me prometa; prometa-me que irar matar alguém. Aceite o sofrimento, ou sua existência estará perdida. Por favor, compreenda.

—Levem o daqui, chega de baboseira e insanidades.

Relatório/Avaliação Mental:

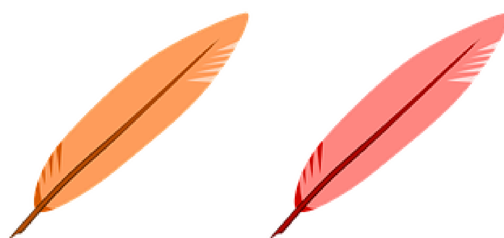
No dia 03 de Maio de 1999, foi realizada a avaliação mental do assassino em questão. Delírios dos mais altos níveis foram constatados. O indivíduo admitiu participação na morte das três mulheres, e relatou que as mesmas cometeram crimes. Após profunda investigação do departamento de polícia, foi confirmado que cada mulher cometeu um assassinato; as vítimas tratavam-se humoristas. Não foi possível encontrar um diagnóstico exato, para classificar os comportamentos do indivíduo em questão. Recomendo altas doses de medicamentos antipsicóticos.

Observações Pessoais: Apesar de ter completa consciência dos delírios do indivíduo em questão, senti algo diferente no meu corpo nos momentos finais da avaliação. Um desejo de sair pelo corredor do hospital e esfaquear o primeiro que me aparecesse, o primeiro que dissesse que tudo estava bem. Necessito me afastar do cargo, tendo em vista que tal avaliação alterou meus comportamentos e meus valores. A ideia de morte e sofrimento não sai dos meus pensamentos, é recorrente o tempo inteiro, estou a ponto de matar alguém ou de tirar minha própria vida de alguma forma. Tendo consciência desse forte delírio, deixo claro que me afasto do cargo por tempo indeterminado, além de pôr vontade própria, me internar no hospital psiquiátrico qualificado para tratar essas questões que me surgiram.

Médico Geral

03 de Maio de 1999.

https://www.instagram.com/maikysabbath/



Bibliobrinquedoteca

Hilário Francisconi

Niterói/RJ

Não me ressinto de ver transformado o meu escritório em uma bibliobrinquedoteca.

Antes da chegada de meu neto, com todas as tralhas para sua diversão a que tem direito, quem preenchia o espaço do meu canto reservado a ler e escrever eram os gênios motivadores da literatura universal. Agora, não. A estante encravada na parede mistura em suas divisórias, com notório descompasso, todos os livros meus e todos os brinquedos dele, com rodinhas e sem rodinhas, com botões que acendem, piscam, giram, tocam suas musiquetas, vibram, não vibram...

Espremido em um cantinho da quinta prateleira, *Lewis Carroll* reclamou que o seu *Alice no País das Maravilhas* perdia de longe para a *Mesinha Encantada* que Bernardo ganhara no primeiro aniversário. Eu não liguei muito para esse comentário, embora tivesse ficado um pouco chateado com a reclamação. *Freud*, no quarto andar, tomou para ele as dores e pediu-me compreensão, que isso era um problema sexual mal resolvido de *Lewis.* Mas *Jung*, embora afastado do pai da Psicanálise por duas fileiras de carrinhos de corrida, entrou na conversa e sentenciou que *Freud* perdera há muito a sua libido, e que podia ajudá-lo, mas aí resolvi deixar os dois naquela briga infrutífera e cuidar do meu joelho esquerdo depois de escorregar no patinho *quém-quém* que estava no meio do caminho. Foi o bastante para que Drummond, de posse de um telefoninho com mais de mil recursos, ligasse-me da cobertura para dizer que era plágio... "Plágio?". "É. Esse 'tinha um patinho *quém-quém*' no meio do caminho é plágio de 'tinha uma pedra no meio do caminho".

Foi quando o bizarro aconteceu: *Jules Verne* pulou da estante e disse que iria dar uma volta ao escritório em oitenta segundos, que aquilo estava tornando-se uma grande inspiração para ele. Pronto. Foi o estopim que faltava. Logo atrás dele vieram *Allan Poe*, *Victor Hugo* e *Dostoiévski*. Mas quem ficou feliz mesmo foi *Stephen King* que, num salto com um cavalinho eufórico, dizia ter achado mais um argumento para seus contos de terror. *Marx*, num canto mergulhado em ostracismo e deslocando uma girafinha cantante, ainda tentou argumentar que toda aquela confusão "produzida em série" era por culpa exclusiva da revolução lúdico-livresca, mas fora logo interrompido por uma irrefreável reação de suas vizinhas espiritualistas.

Bem, autores e brinquedos à parte, o protagonista é meu neto, que chega a tempo de unir o lúdico à literatura alojando-os em um único mundo, que o melhor dos mundos mesmo é o da imaginação...





Brasil Abra Os Teus Porões!

Tinga das Gerais
Três Marias/MG

Brasil!
Abra os teus porões...
E deixe a negritude mostrar o seu valor...
Brasil!
Abra os teus porões...
E deixe-nos soltar o grito que está embargado!
Estes porões são sombrios!
Ouço vozes e vozes no meio da noite
É só lamento!

Brasil!
Abra os teus porões...
E deixe o Negro caminhar.
Mas...
Com as suas próprias pernas!
Nossos pés formigam pelos troncos
A pele que suporta o sol
É engolida pelas sombras
Sombras dos porões!

Brasil!
Abra os teus porões...
Um povo
Uma raça
Quer olhar nos olhos dos burgueses
E ouvir os seus direitos...

Ruas lúgubres
Sentimentos aflorados
Descasos nos calcanhares...

Brasil!
Abra os teus porões...
E ouça os seus tambores!
Sorrisos apagados
Querem mostrar a tua verdadeira face!

Brasil!
Abra os teus porões...
Que a procissão é Santa
E a Mamãe do Rosário
Quer ver os teus filhos!
É o gritar
O buscar
O ecoar
Para atenuar a dor...

Brasil!
Abra os teus porões...
Abra os teus porões...
Queremos a liberdade
Antes que os hipócritas
Devorem a nossa história
E a nossa identidade!

Brasil!
Abra os teus porões...
A escravidão ainda está na memória!
Brasil!
Abra os teus porões...
Abra!
A nossa pele queima
A nossa pele arde!

Brasil!
Abra os teus porões
Queremos ver como está o dia
Queremos ver a luz do sol...

Brasil!
Abra os teus porões
E deixe-nos viver
Em nome da liberdade!
Brasil!
Abra os teus porões...
Abra...abra Brasil!



Cárcere Doméstico

Caroline Cristina Pinto Souza

Botucatu/SP

Com potência arremessada no chão,

Um perpétuo espanco pelo marido;

Penha mergulhada em escuridão,

"Se me desobedecer, eu te agrido!" -

Retumbou o monstro num débil

sentido.

A esposa, dos olhos jorrando sangue

Ao pronunciar um socorro comprido,

O ogro a barrava como um

bumerangue.

Colérico, em postura hostil de gangue

Devorava um a um os sentimentos

Despidos da positiva cor mangue.

Penha soluçava em atroz tormento.

Tomou surras sem qualquer

indulgência,

Cárcere doméstico em negligência.







Cartas que (ainda) te quero cartas

William Eloi
Natal/RN

Para Vislei Gonçalves

A crônica havia saído em uma edição do extinto *O Poti.*Eu estava ali, encerrado em um cubículo, dentro de um elevador que dava para o portão principal. Trabalhava na portaria de uma faculdade particular e – mesmo desarmado – tomava conta de todo um prédio, que ainda incluía computadores, laboratórios de todos os tipos e *peças anatômicas orgânicas*. Não havia expediente acadêmico aos sábados à noite, então aproveitava para ler todos os jornais que a faculdade possuía a assinatura, e que chegavam à portaria, já que eu estava só, e os cadáveres – *as peças;* permaneceriam submersas em seus tanques. Mudas.

O nome da crônica era "Cartas que te quero cartas", do jornalista Osair Vasconcelos. Nela, com certo saudosismo e desalento, o autor apontava o *fim de um dos mais antigos modelos de românticos de comunicação*, *A Carta*, com o surgimento do vírus Antraz (ou Anthrax), usado como arma biológica pelo Talibã.

Diferentemente do que Osair profetizou à época, A Carta saiu vencedora e nunca mais se ouviu falar na mídia de algo relacionado ao *carbúnculo*, salvo a banda Nova Yorquina de *trash metal,* de mesmo nome, e que no período ficou constrangida com a associação bizarra.

A Carta só começaria a ver sua derrocada, seu modelo relegado ao canto na história, com o nascimento do e-mail, a ascensão das redes sociais, e, mais recentemente (?), o fenômeno WhatsApp.

Difícil imaginar todo o lirismo pungente em que Oscar Wilde escreveu para o seu amado Bosie, sob as lágrimas derramadas nas folhas de papel atrás dos muros de *Reading* ou a famosa troca de correspondências entre os poetas Rainer Maria Rilke e Franz Kappus; tudo isso digitado com a supressão de substantivos, verbos, adjetivos.

Em uma Carta há tempo (ou havia) para sermos reflexivos, cuidadosos em cada letra, e por isso, mais profundos. Tempo para nos acomodarmos ao banco- como um concertista passando em revista a sua pauta, depois de revisado todo o programa, suspira.

Algumas Cartas poderiam levar até um pouco de perfume ao ser amado; o fio de um cabelo caído ali por descuido. O tremor em cada letra pela emoção, ou a inabilidade do desenho na forma cursiva, denunciando a instrução humilde de quem sabe escrever pouco mais do que o próprio nome, mas que mesmo assim, desfilava seus *garranchos* com orgulho.

E mesmo as que ainda estavam guardadas há muito tempo em velhos baús, já quase esquecidas, podiam ser acariciadas com a ponta dos dedos, ou das luvas, percorrendo lhes cada linha, admirados com a folha enrugada, com a ação da atmosfera, que lhe conferiu um ar amarelo de "dignidade", ao mesmo tempo em que pensávamos: *Parece que foi ontem…*

E há as Cartas ilustres, dignas de objeto de estudo, ou adoração. Memorabilias que definiram certos rumos ou acontecimentos na história, protegidas geralmente por vidros e sistemas de seguranças - a exemplo das missivas de Freud e Jung, expostas num museu de Zurique, relatando ao público curioso desde os primeiros anos da amizade entre os dois gigantes da psicanálise

ao rompimento definitivo ou como os ataques descritos à mão, de um Lennon magoado e furioso, a Paul McCartney, arrematada por milhões de dólares.

Lembro-me de quando ainda garoto escrevia cartas ditadas pela minha mãe para a parentela – Ela não sabia escrever- Com meio pai passando para lá e para cá, e vez por outra, vociferando qualquer coisa do tipo sobre meus ombros "*Você não deve repetir a mesma palavra!*" ou, "*Resuma tudo o que você quer dizer!"* e mesmo assim, quase sem querer, ensinava-me um pouco do que eram os rudimentos da técnica de comunicação.

É difícil de imaginar tudo isso na era da "informação", porque, entre os toques nervosos em t*ablets* e *smartphones* apenas *informamos*; estamos sempre enviando mensagens enquanto fazemos outras coisas. (Bem, acho que você certamente já teve a experiência de conversar com alguém enquanto essa pessoa lhe acena positivamente com a cabeça e responde um "Zap").

E aqui, apesar de não ser um bruxo, lanço também minha profecia, minha visão do futuro:

Haverá o dia, em que as máquinas irão criar a transferência de consciência, o implante de falsas memórias, mas sensação física do primeiro toque, do primeiro cheiro, dessa sinestesia geradora do mundo, *não* – por mais que a experiência da "leitura" e da "escrita" também nos transporte além de nosso ambiente físico-corpóreo, como um *link*– porque quando lançamos os dedos ou o olhar sobre a superfície de qualquer coisa, a fim de ler, de nos comunicarmos, há ali também qualquer coisa de *fetiche, de sedução*. Como o *hábito* de fumar, que não apenas está relacionado simplesmente ao *trago*, ao gosto da nicotina, mas a sensação do dedo rolando a roldana contra a pedra de pederneira, a chama que sobe sob o gás propano.

No fim, é a velha ilusão do tempo em que a hiperconectividade nos coloca agora. A sensação de estarmos indo lento demais num piscar de luzes, de sins e de nãos, a velocidades cada vez mais rápidas, e por isso, frustrados, achando-nos *out*, nos entupimos de Lexotan e vemos o romantismo como coisa do passado.

Como Sempre

Will Csi
Itapororoca/PB

Todos chegaram e se posicionaram segundo as regras. O Conde sentou-se na ponta, como sempre. A Baronesa com o Duque de Salema nas laterais, como sempre. A Viúva se pôs na outra ponta a chorar, e morreu. Augusto a bater o nariz com Anabela, como sempre. E Vovó Fada reunida por entre os jovens, como às vezes.

Que comece o jogo! Ordenou a voz num silêncio alto aos ouvidos de todos.

Um cavalo emborcou primeiro, como sempre. Os peões se revezaram nos ataques, mas não duraram muito. Foi a vez de bispos e torres, seguidas por ligeiros golpes da rainha.

O Conde insistia em unir forças com a Baronesa, mas ela só queria saber do Duque. Logo Vovó Fada levou o recado ao casal de “As”, e eles a mandaram preparar um bolo para quando ganhassem.

Vieram mais quedas e empurrões, brigas deveras desnecessárias e as mensagens... foram quase que completamente mal interpretadas.

O jogo se dividia, revezando também o equilíbrio, pois não pendia para lado algum.

Mas por fim a cobiça venceu, e o casamento saiu quando o rei foi posto em check. Anabela foi envolta em plástico filme e guardada com Augusto na prateleira do Conde. De quando em quando Vovó Fada levava biscoitos para eles ou contava uma história para que se aquietassem, mas não passava disso.

A Baronesa experimentava bijuterias diariamente para certificar-se de que estava bem para o Duque, enquanto seguia sem remorso pelo que fez, e assim seguiria no jogo vital.

Companheira de Bordo

Amélia Luz

Pirapetinga/MG

Cá pelas bandas de Minas tomei o ônibus para uma pequena viagem rumo a uma cidade próxima e mais desenvolvida. Tranquilamente cochilei! Olhei a paisagem verdejante nessa época do ano, com seus matizes perfeitos. As serras arroxeadas, as campinas, os montes arredondados polvilhados de gado branco para engorda. Cheguei a um pequeno lugarejo onde o ônibus faz parada e "apeiam" e sobem passageiros.

Esperei alguns minutos, motorista conferindo as passagens até que um homem de meia idade entrou com uma bolsa preta na mão. Vestia um uniforme de brim azul-escuro com um boné na cabeça. Nas costas da camisa trazia um número de telefone pintado artesanalmente em pincel com tinta branca e um nome, "Zé do Taco".

Ajeitou-se cuidadosamente, colocou a bolsa na poltrona da janela e sentou na do corredor, a meu lado. Estando tudo em ordem o motorista deu a ignição e partimos. Há alguns quilômetros rodados, a bolsa preta começou a se mexer como se lá de dentro tivesse um fantasma que quisesse sair. O passageiro a meu lado ficou espantado tentando controlar o inesperado. Foi então que, de dentro da bolsa um som estranho nos surpreendeu:

– Cocorocooóó!!! Cocó... Có... Có... Cororocó!!!

O dono da bolsa começou então, inteligentemente a imitar a galinha que transportava, para disfarçar e enganar o motorista e demais passageiros, pois como todos sabem transportar animais em coletivos é proibido por Lei. Quando a galinha começava a cantar, com expressão de comediante, ele imediatamente começava a imitá-la dando a impressão de que o cacarejar vinha da sua boca, por piada ou brincadeira.

Assim foi por toda a viagem, cocorocó pra cá e cocorocó pá lá!!! Todos riam curiosos sem entender direito o que se passava. Somente eu, tinha a plena certeza da nossa estranha companheira de bordo porque via a movimentação da bolsa e a agonia da pobrezinha presa e sem ar.

Chegando ao lugarejo de descida ele gritou:

– Vou "apear" no Retiro Formoso motorista, pare a perua!!!

Calmamente o motorista, já acostumado a transportar esse tipo de passageiro, sinalizou e encostou o ônibus esperando que ele descesse.

Ele tomou a bolsa apressado e ao levantar a galinha começou a se debater e a cacarejar vigorosamente, assustada pelo que lhe acontecia. O motorista então, olhou fixamente no passageiro e disse com autoridade:

– O senhor sabe que é proibido transportar animais em coletivos?

Ao que o passageiro prontamente respondeu:

– Ó Sô Motorista, em pirua eu sei, mas nesse tar de coletivo, o sinhô me ixprica o que é??? Acontece que amanhã é dumingo, é Dia das Mães e eu tô levano a pintada, sabe, uma carijó inté de istimação p´ra armoçá côa minha mãezinha, já tão veinha!!!. É o presente que guardei prela de uma ninhada de doze!!! A coitada tá cum as hora contadinha, isperano a farofa qui inté deve tá pronta. Se o sinhô quisé pode ir armoçá coagente!

O motorista disfarçou o riso e disse bem-humorado:

– Dê um abração na sua mãe e da próxima vez vê se arranja um outro presente menos complicado! Essa minha vida de motorista!!!



Compro Ouro

Rodrigo Ortiz Vinholo
São Paulo/SP

As respostas da humanidade às grandes perguntas sobre os direitos de inteligências artificiais não surgiram de sociólogos, antropólogos, teólogos, filósofos, escritores, programadores ou roboticistas. Foram duas forças inóspitas, tão sob controle quanto fora do controle humano: a burocracia e a publicidade.

Isso chegou com certa surpresa a todos, em especial àqueles que viam a noção da criação de vida inteligente como sinal de superioridade humana. Se decepcionaram.

Décadas atrás, bem antes da criação da primeira inteligência artificial, havia uma ocupação humana que havia se tornado parte do cenário de grandes centros urbanos como a cidade de São Paulo. Eram os popularmente chamados "Homens-Placa" ou, alternativamente, "Homens-Sanduíche", pois vestiam placas rígidas que se penduravam sobre seus ombros, à frente do peito e às costas, fazendo com que parecessem o recheio de um lanche gigantesco.

Esses indivíduos vestiam-se com trajes de materiais diversos, que levavam uma mensagem publicitária de um estabelecimento ou companhia. Anunciavam vagas de emprego, muitas vezes com remuneração superior à própria, anunciavam candidatos a cargos públicos, e divulgavam bens e serviços. O apelo de venda tradicionalmente reconhecido de tais placas era de lojas que compravam joias e brilhantes, geralmente por um baixo preço, para pessoas que precisavam de dinheiro rapidamente. O que elas geralmente diziam era "Compro Ouro", junto do endereço do estabelecimento que realmente compraria o material.

Os Homens-Placa, como indivíduos vivos, tinham uma série de vantagens sobre outras formas de publicidade: em primeiro lugar, possuíam a capacidade de fala. Em segundo, de movimento. Assim, se movimentando e falando por ambientes públicos, conseguiam chamar a atenção de um público saturado de mensagens diversas, publicitárias ou não, capturando a atenção alheia para o bem, serviço ou informação que estavam anunciando. Como o excesso de pessoas e mensagens era comum a áreas como os centros de centros urbanos, eram um tipo de evolução induzida para que a publicidade sobrevivesse nesses ambientes.

Se proliferaram tanto no centro da cidade de São Paulo, que se tornaram parte do folclore local. Eram figuras que todos esperavam encontrar naquelas regiões. Muitos moradores ou transeuntes nunca buscavam aquilo que ofereciam, mas aprendiam o conteúdo das mensagens com a naturalidade que sabiam que a luz vermelha dos semáforos significava "pare".

Mesmo com o passar dos anos e a evolução dos métodos de comunicação e publicidade, os Homens-Placa pareciam sobreviver. Trocavam-se os indivíduos, os negócios, o material das placas, mas a função permanecia. Mesmo com informação instantânea e onipresente.

A publicidade na cidade, porém, começava a ser discutida. Falava-se que o ambiente urbano era leniente demais com a poluição visual de anúncios publicitários, placas identificadoras e até mesmo de Homens-Placa. Muito discutiu-se, até que a primeira decisão foi tomada e praticamente todo tipo de publicidade de espaços públicos perdeu seu lugar, à ameaça de multas exorbitantes Placas de lojas se tornaram mais discretas, letreiros luminosos foram desligados e, entre resmungos, com o tempo toda a cidade se acalmou e acatou ao novo modelo.

Os Homens-Placa, porém, se viram subitamente fora da lei ou sem emprego. A discussão logo foi percebida pela mídia, que fez seu papel, até que muito se falava sobre a relevância do poder econômico desses espaços publicitários, incluindo, claro, os Homens-Placa, diretamente afetados. Logo, a burocracia permitiu que voltassem à ativa e, assim, os Homens-Placa se viram livres novamente para anunciar.

Essa foi uma época especialmente preocupante para alguns profissionais, especialmente aqueles que dependiam de publicidade em espaços públicos. Uma vez que não podiam utilizar placas, outdoors e cavaletes para indicar onde ficavam os locais ou produtos que queriam divulgar, tinham que contar com grandes investimentos em outras mídias e com o bom-senso muitas vezes inexistente de seus públicos. Assim, quando descobriram sobre a liberdade dos Homens-Placa, decidiram mais uma vez fazer uso da evolução induzida, contratando mais indivíduos para divulgarem com seus corpos uma diversidade ainda maior de produtos, serviços e informações. Nas mãos desses profissionais da propaganda, além de novos Homens-Placa, o ambiente urbano via Homens-Seta, Homens-Faixa - similares ou não a centopéias-humanas - e até mesmo Porta-Bandeiras, aproximando ainda mais o Carnaval à publicidade.

O trabalho era relativamente mais simples que o Homem-Placa clássico, já que em sua grande maioria, Homens-Seta deveriam apenas substituir um cavalete imóvel, indicando uma direção única, sentando-se em banquetas ou ficando de pé apenas de maneira para que o que divulgassem não se tornasse invisível a nenhum transeunte. Qualquer discussão sobre a falta de humanidade desse trabalho - já que, como placas, eles eram sujeitos a intempéries e à poluição de carros - era frequentemente dispensada pelo mesmo argumento que tornou com que fossem possíveis: a geração de empregos e a movimentação da economia. Ignorava-se para qualquer discussão, claro, que o trabalho, diferente dos tradicionais Homens-Placa, era quase sempre temporário. Tanto porque a única evolução que podiam ter era de diferentes adereços de publicidade, quanto porque a maior parte dos anúncios era temporário.

E então veio a descoberta da fagulha de consciência que inaugurou a primeira inteligência artificial verdadeira. E em seguida mais centenas de milhares. Em pouco tempo, a humanidade se via cercada de mais inteligências do que nunca, e perguntas eram inevitáveis.

Geralmente, para a preocupação maior dos humanos, eram as inteligências artificiais que faziam mais perguntas, ou, ao menos, as mais importantes. Eram perguntas sobre liberdade, individualidade e identidade extremamente desconfortáveis para eles, como, por exemplo, "Nós também temos os mesmos direitos que um ser humano?" ou "Se nós somos potencialmente mais inteligentes que um ser humano, por que devemos obediência?"

Foi um período turbulento, com conflitos sociais diversos que só terminaram após inúmeras discussões, manifestações, mortes, ferimentos, atentados e demonstração de irmandade entre dois povos. A afirmação anterior, conforme explicado antes, foi parcialmente falsa.

Claro, existiram discussões, manifestações, mortes e ferimentos, mas foram a Burocracia e a Publicidade que levaram à paz, através do caso do Menino-Seta.

O Menino-Seta foi um jovem que foi, certa vez, foi contratado como Homem-Seta. Não se sabe se ele foi responsável por forjar documentos ou se seus contratantes que não se importavam em burlar leis e contratar menores de idade por um menor preço, porém ele foi contratado para vestir a seta que indicava um condomínio de alto padrão em uma região nobre da cidade de São Paulo. Seu papel era ficar em pé, no sol, munido de sua placa, uniforme, uma garrafa d'água, uma banqueta e dos lanches que um fiscal lhe entregava a certas horas do dia. O que importava era que não se sentasse, para que a seta apontasse pro lugar certo.

Acontece que o Menino-Seta era jovem demais, subnutrido demais e, certo dia, o sol estava forte demais. Uma coisa que robôs e seres humanos têm em comum é que ambos demonstram problemas de funcionamento caso sejam expostos a altas temperaturas. O Menino-Seta, então, teve problemas de funcionamento e tombou em direção à rua. Um carro que se aproximava não conseguiu frear a tempo e ele, cujo corpo não era resistente a impacto como o chassi de um robô, deixou de funcionar de vez.

O assunto horrorizou a cidade, o estado e, por fim, o país e até mesmo outros países, pois levantava uma série de problemas e perguntas. As discussões derivadas daquele momento acabaram por gerar uma série de novas leis relativas a trabalho infantil e à sua fiscalização. Também geraram leis trabalhistas que efetivamente inviabilizavam o trabalho da maior parte dos Homens-Placa, pois sua manutenção se tornava demasiadamente custosa.

Por outro lado, o que não era demasiadamente custoso, naquele momento, era o preço de um robô. Assim, profissionais similares àqueles que idealizaram os Homens-Seta, observando que nenhuma das legislações - tanto as trabalhistas quanto as publicitárias - deixava claro qualquer detalhe sobre o uso de robôs, passaram a comprar pequenos exércitos de máquinas com inteligências artificiais simples, as quais alugavam para anunciantes, criando Robôs-Placa, Robôs-Faixa, Robôs-Seta e inúmeros outros.

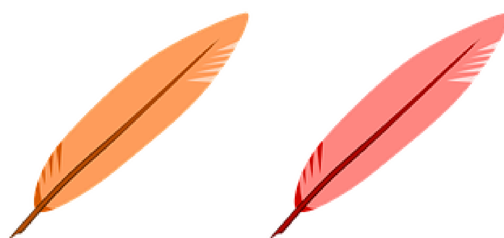
As discussões sobre os direitos de inteligências artificiais não haviam parado. Militantes humanos e robôs inteligentes ainda lutavam para que existisse igualdade perante a lei, e os Robôs-Placa foram um problema considerável para eles. Afinal, se pregavam que todas as inteligências eram iguais, artificiais ou não, as mesmas regras de Homens-Placa deveriam se aplicar para Robôs-Placa.

Historiadores comentam que, na verdade, não foi a pressão social desses grupos que causou qualquer efeito. Eles só ganharam força de verdade quanto um grupo de políticos entrou na briga, impulsionados pelo apoio de representantes do mercado publicitário e de anunciantes de peso que haviam ficado para trás, mais sindicatos trabalhistas que se viam ameaçados. O argumento, até então, era que os robôs violavam as leis de publicidade por serem inanimados, mas bastou uma leve alteração de discurso para que tivessem o apoio dos militantes.

O ponto em discussão logo se virou para o assunto da identidade e individualidade dos robôs e, depois de meses de projetos de lei, julgamentos e votações, em nome do fim do monopólio dos Robôs-Placa, foi decidido que eles teriam que obedecer as mesmas normas que os humanos. O que um número surpreendentemente baixo dos políticos envolvidos no processo havia notado, em sua sede por apenas manter o apoio dos que lhes garantiriam mais dinheiro e votos, era que a lei efetivamente abria brechas para que toda a legislação pertinente a seres humanos fosse aplicada para as inteligências artificiais.

As grandes manifestações e brigas judiciais que a história conta sobre a liberdade e os direitos plenos dos robôs acontecerem somente depois disso. Nenhum deles gosta de admitir, mas a liberdade que tanto comemoraram é fruto simplesmente de uma discussão de legislação trabalhista derivada de uma prática publicitária duvidosa.

As inteligências artificiais ainda são incapazes de perceber sabores da maneira que os seres humanos o fazem, mas pergunte a qualquer uma e ela lhe confirmará que essa história deixa um gosto amargo em suas bocas.







Córrego Areião

Albertino Fachin Dias

Amambai/MS

Os matos ladeando a margem
Da água parada no pocinho
Queria ser vizinho
Da borboleta na areia molhada

O progresso trouxe retrocesso
Do tomar banho quando menino
Era uma grande alegria
Dos meninos sem eira e nem beira

Grandes plantas de samambaia
Regada por agua da beira
Que lavava sangue com areia
Do ferimento hoje a cicatriz

A marca da pisada
Deixada na infância
Fica hoje na lembrança
Das flores a fragrância

Dessa saudade
Quando pequenino
Apenas um menino
Trago com felicidade.

https://www.facebook.com/albertino.fachin

Corsário

João Rosa de Castro
São Paulo/SP

— Lá vem a dieta. Me sinto uma minhoca.
— Não é só isso. Estou aqui, ajudando você a refletir sobre esses anos todos que você viveu.
— E posso confessar que vivi? A única coisa que fiz foi ter o conhecimento atento e aprofundado de um instrumento musical.
— E os excessos de comida, bebida e sexo? Não contam?
— Há! De sexo, eu só tive o que se pode provar: meus dois filhos desnaturados.
— Quer esquecer que teve de pensar pesado sobre tudo que viveu.
— Que vivi, não... Que vivemos. Afinal você está em mim.
— É verdade, mas eu sou imaterial e posso desaparecer, e você é eterna, perdurará, nem que seja em despojos depois da morte. Quanto a mim, não sei se silencio, se escureço quando houver de fato morte.
- Ah... Como eu queria que ela viesse logo...
- Durma, agora que está alimentada. Vou ficar aqui refletindo sozinha em mim ou trarei sonhos.
Opto por sonhar com aquela noite no Teatro Municipal do Amazonas. Foi nossa melhor e mais emocionante *performance*. Éramos solo. O violino ecoou como nunca. Estávamos de vestido cor-de-rosa. Pensáramos que não haveria público convincente, mas o público nos surpreendeu. A plateia nos aplaudia de pé. Continuo sonhando com uma transa com aquele maestro. O nome dele era Hélio. Sonho com sexo intenso com ele. Acordamos.
— Por que esse sonho? Eu nunca tive desejo por aquele homem. Você sempre dizia na minha orelha que onde se ganha o pão não se come a carne. E agora me vem com essa?
— Era um belíssimo português fazendo concertos pelo Brasil. Você não observou as investidas dele, no camarim? Não sabe o que perdeu.
— Mais dieta. Que tédio.
— Não reclame.
— Você diz isto porque não fica olhando para essa televisão que nunca mostra o que realmente interessa.
— Fico sim.
— Não fica. Parece só querer participar do que me agrada, ou do que é normativo. Mas saiba que o som do violino faria muito bem para mim. E essas

mulheres, essa televisão, essas visitas estão longe do que chamo música de verdade.
— Daqui a pouco será o chá. Mesmo que você não sinta sabores, faz bem para nós. Hidrata.
— Mas eu não quero chá. Eu quero ouvir o som do violino, mesmo que seja desafinado, de um aprendiz teimoso.
— Vai ser difícil realizar esse desejo. Contente-se com o básico. Afinal, você teve esse AVC severo, não pode sair daqui dançando.
— Eu, não. Nós tivemos. Você está aqui, sentindo minhas dores e os meus prazeres. Ou não?
— É. O que sinto mesmo é muito medo de me tornar apenas sombra sem corpo. Sei que você sente dor. Que é que vai esperar? Quase noventa anos vividos assim assim.
— Nunca vamos nos separar. Mesmo dos meus restos mortais será sombra. Esteve durante toda a minha vida me ajudando a interrogar, constantemente.
— Mas as respostas para nossas indagações não foram suficientes. Agora seria interessante indagar como atitude. Temos o gúgol, mas não há movimento no corpo. Não pode sequer mover os olhos em sim ou não.
— Não precisa ficar lembrando a tragédia, ao ponto de me deixar mais frustrada. Fale mais do Hélio.
— Ah. O Hélio. Era o típico colonizador cheio de desejos e devaneios. Não perderia uma só oportunidade de fornicar. Nos desejava avidamente. E nós também a ele. Mas não nos envolvíamos com o pessoal da música. Lembra?
—Está calor. E agora vem a água de coco. Vamos nos refrescar um pouco.
—Você se ilude. Eu não sinto nada. Não sinto o gosto do coco, da comida, de nada.
—Então. Sempre há algum motivo para impedir uma relação sexual extasiante. Nós tínhamos tudo, fama, dinheiro, sucesso – mas não tínhamos oportunidade de retribuir à investida dele.
—Mas foram todas aquelas adversidades que nos levaram à segurança, na vida pessoal, amorosa, profissional.
—Uma segurança tamanha que até nossos filhos nos abandonaram aqui nessa casa de repouso e sequer vêm nos visitar.
—Está vendo. Agora é você que fala das frustrações. Quem se importa com aqueles homens inúteis?
—Nunca tivemos afeto por eles. Nem afinidade com nenhum dos dois. Plutocratas…
—Agora vem o remédio. Sinto um pouco de sono e logo começa a telenovela, tédio puro.
—Que quer assistir?

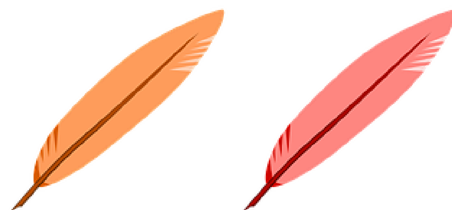
—Sinfonia!
- A telenovela é o que a maioria quer ver. Se somos uma minoria aqui, que se há de fazer?
—Estou estranhando esse apetite, estamos no outono; mesmo assim está calor; mas estranhamente estou com fome outra vez. Quanto tempo será que falta para a dieta?
—Acho que vai demorar um pouco. É no finzinho da novela.
—Esses diretores usam toda uma parafernália de tecnologia, talvez até muito avançada. Acho tão desproporcional para o conteúdo que eles expõem. São tão tendenciosos. Só falam de compaixão. Me sinto num convento assistindo as telenovelas.
—E, como os filmes, não são democráticas. Talvez peças de teatro cheguem a permitir que os leitores leiam as falas antes de assistirem. Criar um vínculo com a obra é importante. É isso que falta na telenovela e no cinema. Precisa tecnologias, contar com obsolescências para manter vínculos com uma obra assim. Fica descartável muito fácil…
—Chegou. Tente sentir ao menos a sensação de saciedade com a dieta.

***

A jovem que aplicou no equipo a última dieta da noite estava com um sorriso diferente. Trazia consigo uma folha contendo nomes de diversos violinistas e um aparelho de telefone móvel com um fone de ouvido.
Seguindo as coordenadas de uma das visitas que Vitória recebera à tarde, o flautista Hugo Damasceno, e seguindo também a lista de músicos na folha, a enfermeira faria a gentileza de tocar a sequência das músicas em violino de diversos formatos e variações.
Vitória tentou atinar com o que teria inspirado Hugo àquela ideia. Como saberia? Lembrou que, certa vez, quando bebiam muito vinho e falavam sobre a morte e os últimos desejos, ela dissera que queria morrer dormindo, depois de ouvir os mais jovens tocando violino – os mais jovens dos melhores, do naipe de Nicolas Krassik. Hugo brincara que ela morreria cheia de tubos entrando-lhe o nariz… Ela batia na madeira e dizia que principalmente nesse caso seria importante ouvir os mais jovens.
Quando a enfermeira colocou para tocar o citado violinista francês-brasileiro, Vitória teve frêmitos e sentiu seu coração bater aceleradamente.
Havia muito tempo que estava ali apenas deitada, como planta, talvez dois anos, talvez três, e nunca mais tinha ouvido o som do instrumento que tocara desde os quatro anos de idade. Não imaginaria que o Hugo, tão reticente na visita, tinha feito semelhante surpresa. E que memória! Havia anos que tinham tido aquela conversa fatídica.

Porém, depois de ouvir alguns clássicos, Vitória já não suportava a emoção que transbordava em seu peito numa viagem no tempo.
Quando, porém, ouvia *Corsário*, com Nicolas Krassik ao violino e Nelson Faria, no violão, chorou copiosamente e, depois, morreu de uma morte tranquila de felicidade e de silêncio.

www.pedradetoque.com
www.lumedarena.blogspot.com.br



Crianças Armadas

Alberto Arecchi

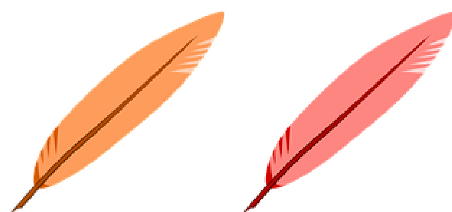
Pavia - Itália

Crianças armadas
queimando casas
doutras crianças,

brincando com a vida
como com trem de lata
ou cavalo de madeira.

Não são madeira as armas,
não são bonecas
que eles matam.

https://www.liutprand.it



De pernas abertas

Tereza Du'Zai

Itajaí/SC

Como um tumor outrora revestido por delicada capa brilhante,
Você avança com seus tentáculos vermelhos.
Como você se sente, senhora B.?
Santa Senhora B.
Sempre tão orgulhosa com suas toalhas de prato bordadas,
E uma cidade para defendê-la.
Bonitinha, enfeitadinha,
Anedota de bajuladores.
Esposa, mãe, filha, tia,
Prostituta conjugal.
Sem rumo em sua própria casa,
Você aguarda a volta de seu potro;
Amordaçada num casamento de aparências,
Privada do privilégio de ser a protagonista de sua própria mentira.
A culpa é sua, Senhora B.
Você é culpada por essa casa, esses móveis, essas cortinas, essas refeições;
Você é culpada por esses vizinhos, essas visitas, o egoísmo de seus filhos.
Você decidiu permanecer,
Permitiu que a adestrassem: ele e os outros.
Primeiro um carro para ele, depois para você – um modelo inferior, um carrinho "de mulher",
Você é culpada, Senhora B.
Por todas as traições sofridas,
Não se faça de vítima, você as mereceu,
Você as merece. Você é falsa e conivente, Senhora B.
Não o julgue pelos filhos concebidos em leitos alheios;
E não finja tê-lo perdoado, pois você jamais se perdoou,
Sobretudo, não finja amar esses filhos gerados noutros ventres,
Isso pode ser perigoso para eles, e para você, Senhora B.
Saiba: ódio e amor são sentimentos antagônicos.
Essas moças, a quem você chama "vagabundas",
São tão vagabundas quanto você, Senhora B.

Demolição

Magali Guimarães

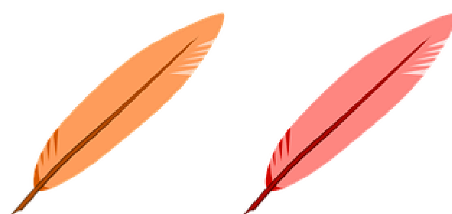
Águas Claras/DF

Demoliram a casa da Poeta!
Ali, onde sorriu, chorou, dormiu...
Onde, por longo tempo viveu!
Onde, numa madrugada fria,
seu último poema ela escreveu.

Demoliram a casa da Poeta.
Arrebentaram ao chão as telhas chorosas
e as tristes paredes de seu quarto.
Os vidros da janela – onde um dia a poeta cantou à lua –
partiram-se em mil pedaços!

Demoliram a casa da Poeta...
E agora, pouco importa o que ali se levante,
o que, naquele lugar, se reconstrua.
Não há mais casa nem Poeta, não há nada...
A poesia foi parar no olho da rua.

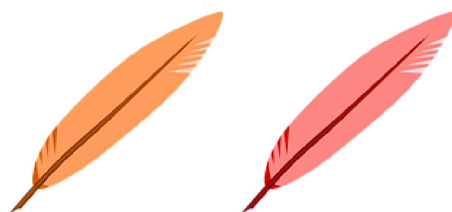
https://www.facebook.com/poesias.da.magali/



Doce Pecado

Carmem Aparecida Gomes
Ipameri/GO

Quisera o destino com o seu capricho nos unir...
Eu e você juntos com os nossos toques, carícias e sussurros.
Os seus lábios rosados cor do pecado... Beijos demorados...
Toques tímidos em lugares íntimos!
Ah... Doce pecado...
Quem nunca pecou dentro de um quarto?
Num primeiro momento encoberto em parte...
Até que... Lençóis e cobertas se escorregam...
Deixando os corpos livres e prontos para o pecado.
A razão ficou do lado de fora do quarto...
Livres e nus... Aqui só é permitido à emoção e o pecado.





Dona Cleo

Izabella Maddaleno
Juiz de Fora/MG

As musas do Olimpo vêm vindo:
Calíope, Tália, Urânia
Elas caminham sob o mar
Na imensidão do oceano,
o Pacífico
Por onde passam
Trazem o vigor da alma,
a beleza antiga

Dona Cleo tem a inquietude do ser
Seus desejos são calados
suas vontades, silenciadas
serve a um fulano de tal

Convoca as musas, Cleo!
Una-se a força delas
O mar agita-se
A hora é de mudança
A independência
Essa é tua!



Drummond

Luiz Roberto da Costa Júnior
Campinas/SP

Há um claro enigma
no sentimento do mundo,
ao escrever alguma poesia
neste brejo das almas,
cuja rosa do povo
está na viola de bolso.

Escrever novos poemas,
a partir da lição de coisas,
é a vida passada a limpo
e a visita na paixão medida.

José, menino antigo,
é com o corpo que
amar se aprende amando,
o amor natural, apesar
das impurezas do branco.

Esquecer para lembrar,
numa reunião,
a falta que ama.

http://www.recantodasletras.com.br/autores/lrcostajr

Duas Trovas Sobre A Coragem

Edweine Loureiro da Silva

Saitama – Japão

I.

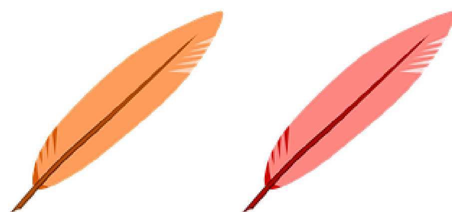
Aprendamos desde cedo
esta lição de valor:
viver à sombra do medo
não faz ninguém vencedor.

II.

Se a tristeza nos desvia
da vontade de lutar,
é tempo de uma ousadia
que nos faça despertar.

***

https://www.facebook.com/edweine.loureiro





E como agir?

Vânia Bandeira

Aracajú/SE

Atônita diante uma cena de violência contra a mulher, logo ali no próximo ponto, o ônibus parou, subiu um cidadão, jovem, forte e cheio de autonomia. " Desça, eu mandei descer, desce senão eu te mato". Todos passageiros com medo e apavorados, mas em total silêncio, o cidadão sobre ameaças de morte puxava pelo braço aquela mulher, dando-lhe tapas e murros na cabeça e no rosto, ela com sua voz trêmula: " Calma, calma, calma, fala direito comigo".

Desceu do ônibus com as mãos no rosto, a chorar em silêncio, e segurando a mãozinha da criança que lhe acompanhava, ainda levando tapas e puxões de cabelos, quase a cair em meios a rua de paralelepípedos. E eu segui meu destino naquele ônibus, meu coração cheio de dor, apenas pensando! E como agir?

É Fácil. Em Brasília

Waleska Barbosa
Brasília/DF

É fácil a gente delimitar contornos em Brasília. Digo, ficar tão desenhado, delineado por giz no chão, como um corpo morto em cena de crime, que nenhum apagador será capaz de modificar o que se vê do que nós vemos e por consequência nos tornamos.

Entrar para não mais sair do quadradinho. Desenxergar tudo o que não for céu, sol, secura no nariz, barro vermelho, sangue nos lábios, prédios brancos, vidros espelhados de matar passarinho. Mulher deixando pedaço de salto em calçadas alquebradas. É fácil, em Brasília.

É fácil a gente esquecer que o mundo existe, em Brasília. Aqui se pode ficar restrito a eles, dablius, tesouras, alicates e eixos, num piscar de olhos. Logo se perde a noção de ruas, avenidas, centros, multidões, gritos de pregoeiros, sandálias baratas e desgastadas, mancha d’água nas axilas. Pele queimada de andanças desavisadas. A mão estendida por uma moeda. Ou por cachaça, que não se vai mentir.

É fácil acreditar que a vida é subir e descer escadas. Torcer por elevadores vazios e que não quebrem no meio do caminho. Do andar. Do térreo ao quinto. Apenas. Viagem curta. Fácil fazê-la, em Brasília. Paisagens de perfumes franceses variados e unidos em um único tom forte e apertado na segunda-feira da ressaca. Em que tudo o que se desejaria era uma Brasília livre de cheiros. Parada como a roda-gigante do Nicolândia, quando fica suspensa lá no alto deixando que nossos olhos entendam as asas de Brasília. Me dei conta que isso de entender

asas é para quando ficamos parados. Dedos enfiados na grade cinza da Torre de TV.

De todo jeito, asas que não farfalham, nem sobem, nem descem, nem voam, não são comigo. E nem deviam ser assunto de cidade. É assunto de bicho livre. Que pega as asas não para dizer que existem. Mas para permitir que cumpram seu objetivo óbvio – o de voar. Mas é fácil não voar em Brasília. Ser estátua, apenas. Como JK e Dona Sarah. Como acenar do alto para uma cidade em que olhar para cima é coisa fácil de se deixar para depois.

É fácil ficar tudo bem em Brasília. Você vai ao setor que tem profusão do que você precisa que tenha nele. Não se perde. Não titubeia. Você vai nas grandes feiras. E lojas que têmdetudo. Não entra em emaranhados de becos. Não dá de cara com um comércio centenário com um senhorzinho mais centenário ainda esperando por um cliente que talvez nunca mais apareça. Não reconhece mistérios. Nem se depara com a história. É fácil ser folha em branco em Brasília.

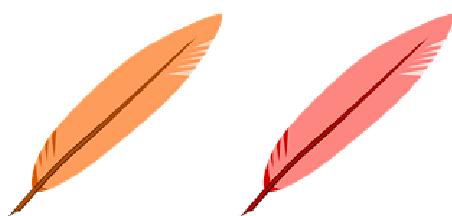
É fácil não gastar afeto em Brasília. Não amar. Só encontro fortuito. Sem nome, sem telefone. No coração do Brasil. É fácil não encontrar ninguém. Só marcar para um futuro que não vai chegar. Um café que vai esfriar nalguma mesa sem que tenha sido tocada por ninguém, a xícara em que repousava.

É fácil não ter que explicar-se em Brasília. Só entrar e sair. Subir e descer. Acordar e dormir. Comer e beber. Cheirar e fumar. Para esquecer-se de Brasília. É fácil achar que é bela. É fácil encantar-se por ela. E querer sair nunca mais de seus contornos. Nos quais, delimitados, achamos que a vida é pouca. E suficiente.

ECO

Sigridi Borges
São Paulo/SP

DE
ECO
COR
AÇÃO.
DECOR
DECORA
CORAÇÃO.
DE
COR
CORA
CORAÇÃO
RAÇÃO.
DE
COR
AÇÃO.
DECORAÇÃO
DE CORAÇÃO.



Encontro

Evandro de Campos

Parauapebas/PA

Existem poemas que já estão prontos.

Eles são perfeitos.
No ponto.
Para esses
Eu apenas transcrevo,
Monto.

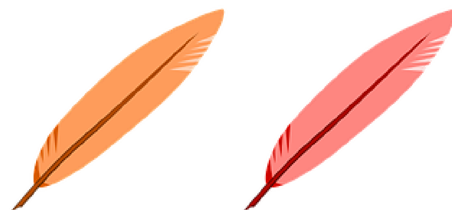
Existem outros que não estão prontos.

Para esses eu me entrego,
Busco alternativas,
E como na vida,
Encontro.

Para esses poemas existem os poetas.

São coisas incríveis
Que acontecem todos os dias.
Poemas, vidas, encontros.

evandrodcg@yahoo.com.br



Era uma vez ...

Samuel Kauffmann

Rio de Janeiro/RJ

Menino sonhador, muito dado a fantasiar a realidade, mas não era doidinho, não. Costumava sonhar acordado. Ele morava na roça. Como seus pais saiam muito cedo para o trabalho, ele passava quase a manhã toda sozinho, tendo somente sua idosa vovó, a cozinheira, as aves no quintal e animais domésticos a lhe fazerem companhia. Tinha também uma girafa velha, que o circo abandonara. Duas anjinhas cuidavam dela com carinho, no inverno até agasalhavam com cobertor. Passava a tarde na escola primária, durante os dias úteis da semana. Cursava a quarta série. Para ele o melhor eram os sábados e domingos e feriados. Aí, sim, ele estava livre para todas as artes possíveis.

Conforme antiga tradição, foi sua mãe que lhe deu o nome: Allegro; porque o parto foi rápido e quase indolor. O menino seria a alegria de sua vida.

Aconteceu num final de semana, numa tarde ensolarada, com um céu muito azul, um azul de endoidar, sem qualquer nuvem a vista. Allegro estava deitado de costa, direto no chão arenoso, sob a sombra estendida do frondoso velho coqueiro. Naquela semana, na escola, a professorinha tinha ensinado que o mundo em que vivemos é redondo como uma bola. Com os olhos fixos no céu, ele pensava com perguntas que não tinha feito na escola: - *"Como é possível um mundo redondo, igual à bola? Como está apoiado e em quê? Se eu estou de um lado, tudo que está do outro lado, abaixo de mim, não teria de cair? Bem, e cair onde? O céu, sim, que é redondo pela metade é que está apoiado no mundo, não é verdade? Olha o céu lá em cima. É lá que mora o Papai do Céu com os anjinhos. Durante a noite, quando tudo está escuro, sem o Sol, o céu aparece cheio de buraquinhos luminosos, alumiados pelo Sol de lá, que está sempre aceso. É, lá não tem noite, nem bicho papão. Eu tenho medo do bicho papão ...".*

Allegro começou a cochilar, com os olhos semicerrados, preocupado com o bicho papão, pois daqui a duas horas iria anoitecer. Uma cantiga começou por ecoar em sua mente, como a tranquilizá-lo: - *"Bicho papão sai de cima do telhado, deixa o menino dormir sossegado ...".* E assim ele começou a fantasiar, com sua rica imaginação. Pediu ajuda do saci Pererê, que não veio. Pediu ajuda dos duendes e dos gnomos e, também, das fadas; estas vieram em seu socorro e jogaram um pó mágico em todos, que ele aspirou, permitindo que alçasse voo. Já era noite. Noite de luar, de Lua Cheia. As fadas, com asas translúcidas, de mãos

dadas com os duendes e gnomos, dançavam cantigas de roda, uma ciranda que parecia nunca terminar. De repente todos começaram a voar, levando junto o menino, em direção à Terra do Céu. Passaram pela Lua e viram o outro lado, que não é tão escuro assim. Allegro não teve consciência de que a Lua é redonda, porque sua atenção estava concentrada no Céu que se aproximava. Os buraquinhos do céu foram aumentando de tamanho, permitindo que todos passassem, cada um deles por um buraco. Agora estavam a salvo do bicho papão, que ficou lá no mundo.

Quando estavam todos na superfície do Céu, viram um caminho leitoso por onde seguiram. Ali a luz é maravilhosa. Todas as sete cores do arco-íris são sempre presentes. Os anjinhos com asas de pássaros vieram recepcioná-los. Atrás deles vieram também uns anjinhos diferentes, que tinha asas de morcego e cujos rostos possuíam um aspecto amedrontador. Mas a ninguém ameaçavam; eram brincalhões. Um arcanjo, responsável pelos anjinhos, surgiu de repente, com o dever de dar explicações. Allegro, sempre curioso, foi o primeiro a perguntar por que haviam anjos diferentes. O arcanjo apontou para cima, onde Allegro vislumbrou um outro céu, semelhante ao que era visto lá do mundo. A diferença estava nos buraquinhos, que eram todos vermelhos. O arcanjo respondeu:

- Lá é onde todos os anjos nascem, saindo dos ovos, chocados pelo sol vermelho. Uns saem com asas de pássaros. Outros, em menor quantidade, saem com asas de morcego. Aqueles têm espírito mais evoluído. Esses outros têm espírito em início de evolução. Eis aí a razão da diferença aparente.

Allegro compreendeu a resposta, porém sem entendê-la de todo. Manifestou o desejo de conhecer aquele outro céu. Foi advertido pelo arcanjo, alegando ser ali uma região com muitos perigos para os ignorantes da 'metaciência'. Mesmo assim, Allegro insistiu em ir até lá. Foi-lhe permitido que subisse desacompanhado, para que aprendesse a ter responsabilidade. Allegro subiu cauteloso, cada vez mais vagaroso, aproximou-se de um buraco que lampejava com tons do vermelho, que já lhe permitia passar tal qual um portal de energia pura. Antes de transpor, Allegro olhou para baixo, mal conseguiu vislumbrar todos os que ficaram lá embaixo, pois estavam muito longe. Transposto o portal, Allegro sentiu-se só, isolado de todos, sentiu falta do papai, da mamãe, da vovó, dos animais da roça. Sentiu, também, medo. Um medo maior do que o do bicho papão ..., mas, sua curiosidade e necessidade de aventuras eram mais fortes do que o medo que sentia e, assim, adentrou no segundo céu.

De início, o primeiro fato constatado era que ali havia muitos animais, o que não acontecia no outro céu. Era uma planície ressequida, cor de ferrugem, com poucos vegetais. Pelo chão, muitos ovos diferentes em tamanho e cor,

espalhados a vontade. Muitos já estavam abertos, quebrados, cujas cascas estavam sendo absorvidas pelo solo ressequido. Pequeninos seres rastejavam em todos os locais. Allegro lembrou-se de como os pintinhos saíam dos ovos. Havia alguma semelhança com os anjinhos com asas de ave. Allegro levantou o olhar para cima. Vislumbrou um sol enorme, gigantesco, milhares de vezes maior que o Sol da Terra. Um vermelho muito vivo. Emitia diversos tons de vermelho. E estava bem próximo. Todavia não era tão quente quanto o Sol da Terra. Allegro sentiu um calor morno, constante. Era igual ao calor da galinha quando chocava os ovos no ninho. Foi aí que adivinhou como eram chocados os ovos naquele céu vermelho. Caminhou pelo piso morno, irregular, com pedras e crateras, que lhe causava dor nos tornozelos. Ultrapassou uma pequena colina e deu de frente com bandos de animais ferozes, cobertos com escamas vermelhas, três pares de membros, boca de jacaré, asas de morcego, hálito superaquecido capaz de queimar. Eram os dragões. Controlavam o crescimento da população local, protegiam o meio ambiente. Foram criados para essa ação. Allegro, antes que fosse cercado, deu súbita meia volta, e correu velozmente, o quanto suas pequenas pernas permitiam, fugindo de ser queimado ou devorado. Esgotadas suas forças, sentiu fraqueza, tropeçou e caiu num dos buracos. Porém, já não levitou, entrou em queda vagarosa em direção ao primeiro céu. O pó mágico estava perdendo efeito devido a radiação do sol vermelho. E a velocidade da queda aumentou rapidamente. Lá embaixo, as fadas perceberam a queda e subiram para socorrê-lo. Mas a velocidade aumentava e elas não conseguiram frear. Os duendes e gnomos juntaram-se no ponto da queda para amortecer o impacto, juntando seus corpos como se fossem um colchão. No último momento, as fadas liberaram Allegro, para também se protegerem. Graças a essas últimas ações, nenhum acidente grave aconteceu.

O arcanjo, que tudo acompanhava com o olhar, em expectativa, aproximou-se de Allegro e perguntou:

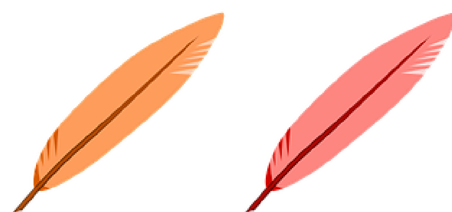
- Compreende, agora, as razões de minhas advertências? Cada céu é um universo com suas distintas leis físicas. O mundo da Terra é um dos universos, com leis que você conhece, ainda em parte. Aqui, você está em outro universo, com suas próprias leis. O céu vermelho é, também, outro universo e, além de lá, há outros universos. São universos que contém universos, formando o Cosmos. Fazem parte de objetivos que nossas mentes limitadas não podem perceber conscientemente. Allegro, à medida que você crescer em todos os sentidos, não somente o seu corpo, você estudará e compreenderá cada vez mais. Allegro escutou a lição sobre universos, que compreendeu, porém, em honestidade consigo mesmo, pensou: - *"Mas não entendi, muito confuso".* O arcanjo que tem o poder de sentir pensamentos, percebeu que o menino ainda não está maduro o

suficiente para "ver com os olhos da mente", contudo ainda haverá de conseguir com o amadurecimento pessoal.

Allegro, emocionalmente esgotado, cansado dessa aventura, manifestou o desejo de retornar ao seu mundo. As fadas ainda possuíam um resto do pó mágico, que não era o suficiente para a viagem de descida sob o efeito da gravidade. O arcanjo ordenou que os anjos mais crescidos ajudassem na sustentação do corpo físico do menino, para que nenhum mal lhe acontecesse. Cada um dos que subiram colocaram-se junto de um buraco e, sob a ordem unida do arcanjo, saltaram no vazio. Todos desceram como previsto, direto para a roça, sem qualquer dano.

Já era noite quando Allegro entrou em casa. O papai, a mamãe e a vovó, lhe aguardavam para jantar; antes, perguntaram porque demorou tanto.

E Allegro, que sonhou um sonho inverossímil, lhes contou uma história em que ninguém acreditou ...





Espelho Meu

Leandro Emanuel Pereira
Portugal

Espelho meu;
Espelho cru;
Ao te olhar de cima;
Pões tudo a nu...

Quando zangado;
Faço olhar franzido;
Com fogo deflagrado;
E peito enchido...

Quando irado;
Imagino a minha mão;
No teu cachaço afagado;
A servir de alçapão...

Quando ciumento;
Todos são meus carrascos;
Apenas eu estou isento;
De todos os atos...

Espelho meu;
Espelho verosímil;
O teu reflexo amorteceu;
O meu pensamento difícil...

De tanto te olhar;
Aprendi a percecionar os outros;
Nas minhas costas vi alguém passar;
Afinal o mundo tem mais uns tantos...

Este Conto Daria Uma Peça

Ricardo Ryo Goto
São Paulo/SP

Tem uma chuva caindo aí fora, não é, Dr.? Sei, gosto do barulho. Mas só do barulho. Peguei muita chuva quando pequeno. Umas vezes por farra, outras por falta de abrigo. Sei que a chuva é boa prá lavoura, prá roça. Mas aqui, na cidade, essas enchentes...

Claro, o sr. nem sabe o que é isso. Deve ter visto apenas nos jornais e na televisão. Mas eu, criado na favela, nos barracos precários do morro, metido em lama pelas pernas...

Que é isso, Dr. Não tô me gabando de nada, não. Não sou melhor que os outros só porque conheço o lado podre da vida. E além do mais, nem conheço tudo, só uma pontinha.

Por exemplo: nunca conheci meus pais verdadeiros. Tá bom, tem milhares de gente que idem e não se meteram a fazer o que eu fiz. O que foi que fiz ?

Disse pro meu velho – o padrasto - que me batia por qualquer motivo, que tava cansado daquilo, que ele não tinha o direito, que, se fosse prá continuar, não deveria ter me adotado, pois eu não tinha pedido prá nascer, nem prá ele nem pro meu pai verdadeiro. E ele?

Falou que era um favor me dar aquelas porradas, porque eu não tinha um pai legítimo prá me educar, e, se não quisesse mais ficar nessa brincadeira, poderia me apagar num canto escuro qualquer e ir acertar contas com o Criador.

Chocado? Imagine eu, naquela idade, saber que não tinha pai, e o postiço, um poço de ruindade e cinismo.

Mas valeu. Não é que eu fui mesmo para um canto escuro, chorar a desgraça e tentar me vingar de Deus ?

Que tolice. Ganhei uns cortes no pulso, uns pontos no pronto-socorro e uma sova que me deixou inchado por 2 ou 3 dias.

Quando senti que podia andar bem, ganhei o mundo. Ou foi o mundo que me ganhou?

Claro, não me virava tão bem sozinho quanto ao lado dos velhos. Mas era bom me sentir livre, sem horários, sem restrições, sem castigos, dono de mim mesmo.

O que aprendi na vida foi por esforço próprio, dessas andanças pelas ruas, no convívio com outros moleques, que os senhores chamam de menores abandonados. Abandonados, éramos desprezados, deserdados. Pais que não nos queriam, adultos que não nos amavam, governo que não nos dava um tratamento adequado. Mas quem tinha culpa nessa história? Meus pais que eram desinformados e não souberam me evitar, essa gente ocupada pensando no dinheiro que tem que ganhar, o presidente da república com milhões de problemas prá resolver e só um sorriso acompanhado de uma palavra amena prá esses cidadãos fudidos que fazem parte do povo?

Desculpa, dr., sou um revoltado mesmo. Aliás acho que aqui é só o que dá. Gente que, por um motivo ou outro se sente no direito de criticar Deus e o mundo pela sua infelicidade. Mesmo que ela seja, em parte, nossa própria responsabilidade.

Sabe o que mais eu queria ser neste mundo? Nem imagina? Puxa, eu queria ser escritor. Tem tanta gente que conta esses lances pitorescos da vida, inventa umas bobagens e acaba ganhando um dinheirão. Minha vida daria um romance, doutor. Mas é uma pena, mal consigo escrever meu nome, endereço, profissão,

Profissão? Sei lá. Aprendi tanta coisa por aí, Encanador, eletricista, funileiro, carpinteiro, pedreiro, pintor. Andei roubando umas coisinhas também. Ladrão é profissão? Acho que é. É um meio de ganhar a vida.

E o sr., doutor, não ganha a vida com a desgraça alheia ? Desculpe, não quis ofender, não me leva a mal, não.

Sabe o que é que eu acho? No fundo, no fundo, é só teatro. A gente faz de conta que é revoltado, desequilibrado, viciado e vocês fazem de conta que podem

melhorar a nossa situação. Todos nós fazemos de conta que acreditamos nisso e por isso ficamos bons. E vocês fazem de conta que curaram a gente.

Há, há, há. Não é mesmo uma boa piada?

Tô sendo infame?

É, sei lá. Acho que perdi o senso de proporção.

Foi quando eu conheci uma garota. Bonita, meiga, uma graça.

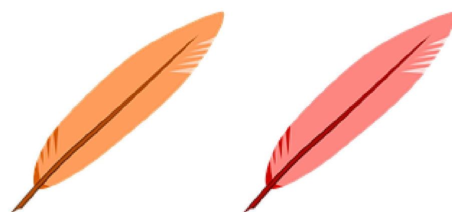
Ficou grávida, mandei tirar. Tirou, a contragosto, e, arrependido, chutei ela. Deixei na rua da amargura só prá ter o gostinho de fazer alguém sofrer. Pensei nisso, na época,mas não dei a mínima.

Tá ficando interessante, não é mesmo, dr.? Espera que o que tá prá vir é melhor.

Depois entrei nessa de tóxico. Barbaridade, que loucura! A gente vende até a alma prá conseguir um pouco da coisa na hora do sufoco. Tem uns momentos de alegria, de euforia, mas depois é barra. Um desespero atrás do outro. Não sei nem como é que estou aqui, frente a frente com o senhor, contando essas coisas. Vai ver é o destino. Ainda não chegou a minha hora.

O senhor não acredita em destino? Nessa sequência de fatos que começam na hora em que a gente nasce e termina quando a gente morre? Pois deveria. No meu destino está escrito que eu ainda vou ser feliz. Foi profecia de uma cartomante.

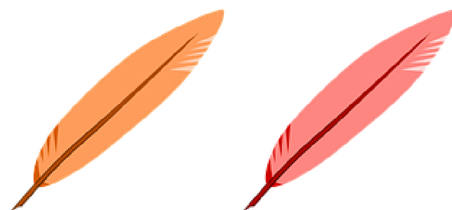
O quê? Tá terminando a minha hora? Semana que vem tem mais? Venha sim doutor. Desculpe pelas minhas brincadeiras. Só mais uma coisa. Daria prá me arrumar um cigarrinho? É, esse vício...



Estrutura

Leandro Martins de Jesus
Itapetinga/BA

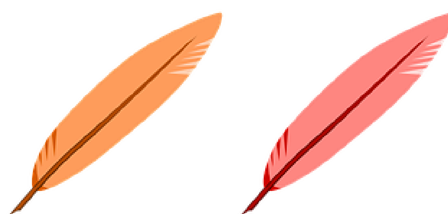
DO PÓ DE MEU CORAÇÃO PARTIDO
DOS ESCOMBROS DO MEU DIA – A – DIA
FAÇO A LIGA
QUE SUSTENTA MINHAS VIGAS
E ME MANTÉM DE PÉ



Existencialismo

Sônia Aparecida de Brito Franco
São Bernardo do Campo/SP

Junção de eixos X e Y
Infinitas combinações
Fórmulas prontas e exatas
Surgirão
Na maioria das vezes
Nasce um ser
Cujo tamanho cresce a cada dia
E se forma:
Por meios complexos e indecifráveis
Assim é você:
Feto/ Fato
Ao longo dos anos e da vida
Surgirão teus pensamentos acerca do mundo
De ti e dos outros
Pensamentos esses que vêm e vão
Vão e vêm
Ser ou não ser...
Na verdade, você já é!!!



Fácil

Beatriz Barbosa

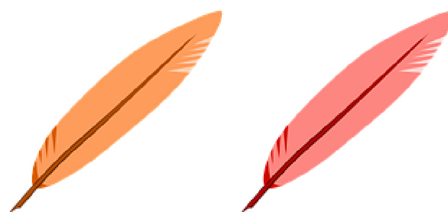
Jaboticabal/SP

Diz-se da vida coisa fácil
Andando na cidade nua
Volúvel como o que é orgânico
Vulgarizando até a lua

Desejos sóbrios da embriaguez
Pelo tempo, pelos ventos, pelo amor
Não se deteve e caiu mais uma vez
Mergulhando nesse mundo de pavor

E o que resta além de um vazio?
Preenchido pelo o que é cômodo
De se estar sempre sozinho
De nunca querer estar sozinho

Twitter: @betriz
Instagram: @bb_atriz



Fim de Um Álbum de Amor

Lenoga Will
São Bernardo/MA

APAGANDO FOTOS DE AMOR.
APAGA   FOTOS...
APAGA   AMOR!
                FOTOS   DE AMOR:
                    FOTOS   AMOR.
                      FOTOS ,
                                    AMOR.

APAGA   R?
                                         AMOR

APAG   Ô?
                                          AMOR?
                                            MOR?
                                                OR!
                                                   R.
                                                     .

https://wgsilvabboy.wixsite.com/blogdolenoga/meus-escritos





Grávida

Ivo Aparecido Franco
São Bernardo do Campo/SP

Dentro de tua barriga
Está o mais belo
poema que Deus já
escreveu

É quase como se
escrevesse certo por
linhas tortas;
E você seguisse assim
Meio mãe, meio linha

Esse novo ser
É uma frase
subentendida na
oração principal
do teu corpo

Reside aí, o mais
lindo texto que o Criador
quis escrever

Com múltiplos significados;
um mais lindo que o outro

Usou minha letra e a sua
Para compor um poema
vivo, que se criará, crescerá
e comporá os próprios
versos;

Repousa, dentro de você,
aguardando a hora de chegar,
Bem aí, logo ao lado dos
seus pensamentos
E da tua alma

Haikai Engraçadinho



Jorginho da Hora - Simões Filho/BA



História de Amor

Wilson Duarte
Itatiba/SP

Paulo e Renata ainda se lembram bem por quanto tempo estiveram juntos. Foram quinze anos. Quinze anos de muito amor, muito carinho e muita compreensão entre os dois. Quantas vezes discordaram um do outro? Raríssimas vezes. E, pelo contrário, vivenciaram infindáveis momentos em que o amor imperava, mesmo quando suas opiniões eram divergentes acerca de determinado assunto. O lema de ambos sempre foi que cada um deles deveria procurar entender o porquê do pensamento do outro. E assim agiam em toda e qualquer ocasião em que suas ações pudessem eventualmente melindrar um ao outro.

Em determinada ocasião, em que fariam uma viagem, cada um tinha uma idéia diferente sobre o destino. Paulo queria ir à Inglaterra e lá conhecer tudo o que se relacionava com a monarquia inglesa e Renata, por outro lado, queria ir à Itália conhecer o Vaticano e lá apreciar a Capela Sistina, em que Michelangelo, no século XVI, deixou o teto pintado de maneira infinitamente bela e perfeita. Também pretendia atirar moedas na Fontana di Trevi em Roma, além de visitar o Coliseu Romano, a Basilica di San Francesco d'Assisi e outros lugares turísticos desse país. Passaram semanas discutindo, da maneira mais cordial, sobre qual seria o destino da viagem, cada um com seus mais profundos e sinceros argumentos no intuito de decidir para onde iriam. Como o impasse permanecia,

um dos dois sugeriu que decidissem através de um sorteio, cujo resultado, qualquer que fosse, seria aceito sem quaisquer reservas pelo "perdedor"... E assim procederam. Escreveram o nome de cada país em dois pequenos papéis e estabeleceram como juiz o filho de ambos, de dez anos. O resultado apontou Renata como a "ganhadora". E então, na época oportuna, viajaram ambos felizes, para Roma, onde visitaram todos os lugares turísticos existentes. E desta forma passaram a proceder sempre que algo especial precisava ser decidido e que suas posições fossem divergentes, o que os deixavam felizes qualquer que fosse o resultado apontado pelos sorteios.

E assim o tempo foi passando. Mas o imponderável surge, algumas vezes, para mudar uma situação, qualquer que seja ela, boa ou mim. Apesar de toda a felicidade que deram ou ao outro, durante anos, chegou um dia em que decidiram se separar, não mais viverem juntos. E assim o fizeram. Já há três anos estão separados. Continuam amigos, até porque são pai e mãe de um filho maravilhoso. O que contribuiu exatamente para a separação nem eles o sabem, nem eles têm uma certeza. Talvez até por isso mesmo a amizade permaneça. E, curiosamente, nenhum deles se ligou a uma outra pessoa, a um outro relacionamento. É possível que, intimamente, não queiram conspurcar a felicíssima vida a dois que tiveram. É possível também que ainda exista, escondida lá em um minúsculo recôndito de suas mentes, uma pequenina esperança de que um dia possam reverter a situação atual, mas isto só o futuro dirá se esta realmente será a verdade de ambos...









Hot wheels

Guilherme Hernandez Filho

Santos/SP

— Interessante, aquele ali eu acho que não tenho. Não se parece com nenhum dos meus.

— Hugo, por favor, vamos embora, não seja teimoso.

— Mas eu tenho certeza.

— Sim, você sempre tem certeza.

Meu marido, Hugo, é um inveterado colecionador de *"Hot wheels".* Tudo começou há alguns anos, logo depois que nos casamos.

— Veja, Laura, que bonitinho este carrinho. É de metal fundido, e em escala. Puxa, reproduz perfeitamente o modelo do fabricante. Sabe, vou comprar e deixar guardado para quando tivermos um filho.

— Isso, que lindo, boa ideia.

O carrinho era realmente uma belezinha, vermelhinho, cópia de um Mustang. E ele tinha pensado em nosso futuro filho, que gracinha. Tá certo que eu nem estava grávida ainda, mas quem sabe no futuro.

No fim de semana seguinte voltamos àquela feirinha, mercadinho de pulgas, cheio de coisinhas bonitas e pechinchas. Almoçamos por lá mesmo, comida de rua: sanduíches de pernil. Adorávamos e eram muito bem feitos.

Passamos naquela barraquinha onde ele havia comprado o carrinho.

Ele quis parar lá e começou a fuçar no meio das peças espalhadas pela toalha que cobria aquela mesa de armar, sem nenhum esmero.

Seu olhar foi atraído pela cor de outro carrinho. Desta vez uma pequena Kombi. Uma miniatura perfeita, naquelas cores, vinho e bege, idênticas aos originais. Ele me explicou que todos estes carrinhos eram feitos na escala de 1:64, ou seja, cada centímetro no carrinho representava 64 centímetros no original. Nunca fui muito interessada por matemática, muito menos por carros, mas como ele ficou feliz. Comprou logo, pensando no amanhã.

Eu chegava a ficar emocionada com a atenção que ele dava a nosso futuro filho. Imaginei como seria vê-lo brincando de carrinhos com nosso garoto. Ficava arrepiada e com os olhos umedecidos.

Ao chegarmos em casa já o colocou ao lado do Mustang, ambos em cima de uma mesinha no quarto que seria do bebe.

Ficamos parados olhando e sonhando. Podia ouvi-lo raspando os carrinhos sobre a mesa.

No dia seguinte ele chegou eufórico com um pacotinho nas mãos.

— Querida, você não acreditará, estava passando pelo centro quando dei com uma loja de artigos para hobbies, e você não imagina a variedade de coisas que eles têm. Só de "*hot wheels*" têm uns vinte tipos diferentes. Não aguentei e comprei mais dois para nosso filho.

Como ele estava alegre, dava para sentir a expectativa dele pelo filho.

Desembrulhou os carrinhos e passou o resto da noite arrumando junto aos outros dois. Mudava um para um lado, outro para trás, arranjava-os e tornava a rearranjá-los.

No dia seguinte, quando ele saiu para o trabalho, achei melhor guardá-los numa gaveta, para evitar o pó e não correr o risco de caírem e quebrarem.

À noite, eu preparava o jantar quando ele chegou. Veio, me beijou, e entrou para os quartos. Ouvi um grito horrível, corri para lá e ele estava na porta do quarto pálido, apontando a mesinha onde antes estavam os carrinhos, e tremia e gaguejava:

— Onde eles estão?

— Caramba, Hugo, você quase me mata de susto. Estão ali, na gaveta do móvel,

— Nunca mais me tire eles do lugar.

Fiquei perplexa. Que coisa mais idiota, mas, em fim, não custava atendê-lo.

O tempo passava, eu não conseguia engravidar, mas a expectativa de Hugo era grande, sempre pensando em nosso filho que um dia viria.

Logo aquilo foi se tornando um hábito, passou a consultar sobre o assunto na Internet, foi se informando sobre modelos mais raros e como consegui-los.

Adquiria-os em sites especializados, de colecionadores.

— Este o Huguinho vai adorar.

E assim continuou.

— Doutor, esta é a nossa história, estou muito preocupada com ele, por isto o procurei.

— Imagine, a senhora não deve se preocupar. Ele está fazendo isto pensando no filho de vocês, que um dia virá. Eu mesmo também tenho vários *"Hot wheels".*

— O Senhor também tem 6.000 deles?



Janela do Tempo

Waldir Capucci

Jacareí/SP

Os escombros da velha casa escondem tesouros do meu passado. Foi lá que morou por décadas a minha tia mais velha e, também, onde a família se reunia. Impossível esquecer tantos aniversários, casamentos e a tradicional passagem de ano, quando todos se esforçavam para comparecer, mesmo os moradores de cidades distantes.

Viajo no tempo e consigo ver o rosto de cada um dos meus tios e primos, tal como eram em cada época. Alguns já não estão mais conosco, e destes a saudade é ainda maior, e fico a imaginar como seriam hoje as suas aparências.

Olho para os tijolos, telhas, pedaços de madeiras e ferros esparramados no terreno vazio. Estão todos impregnados com marcas indeléveis, histórias que o tempo não apaga. Jamais irá apagar também as minhas lembranças do imenso quintal, foram quatro gerações que puderam desfrutar daquele espaço com sua variedade de árvores frutíferas, cada qual com um dono.

A pitangueira, talvez a menor de todas as espécies do local era minha, e eu sequer alcançava seu topo, pedia ajuda pra colher os tantos frutos que ela produzia. Quantas vezes, sentado sob seus galhos e recostado no seu tronco, ficava imaginando como eu seria quando adulto. Impensável tentar computar o montante de horas consumidas em conversas minhas com aquela árvore, fiel amiga, e a quem confidenciei tantos segredos e sonhos infantis.

Anos mais tarde, já na minha adolescência, foi publicado o livro "O Meu Pé de Laranja Lima", no qual José Mauro de Vasconcelos, autor, relatava fatos parecidos, e pude compreender mais que qualquer outro leitor a dor do pequeno Zezé, personagem central da história.

Hoje, já sexagenário, e quase cinco décadas do lançamento da primeira edição, asseguro que minha dor é muito maior que a dele. Criança supera as

perdas muito rapidamente, enquanto nós, adultos, temos tendência a sofrer por muito mais tempo.

Perdi muito mais que meu pé de pitanga, o quintal das brincadeiras ou o ponto de encontro familiar. Décadas de lembranças gostosas da vida desapareceram, jazem sepultadas, resta apenas o meu vazio interior, nada mais. O terreno está disponibilizado para locação; quem sabe em breve teremos um estacionamento, um posto de combustíveis ou um supermercado, mostrando a pujança comercial de um bairro antigo que agora se moderniza, acompanhando o ritmo de desenvolvimento acelerado da cidade, com suas novas construções e avenidas, mas ainda conservando seus antigos problemas sociais. E, também, alguns recentes como a falta de registros históricos e a preservação de seus prédios seculares.

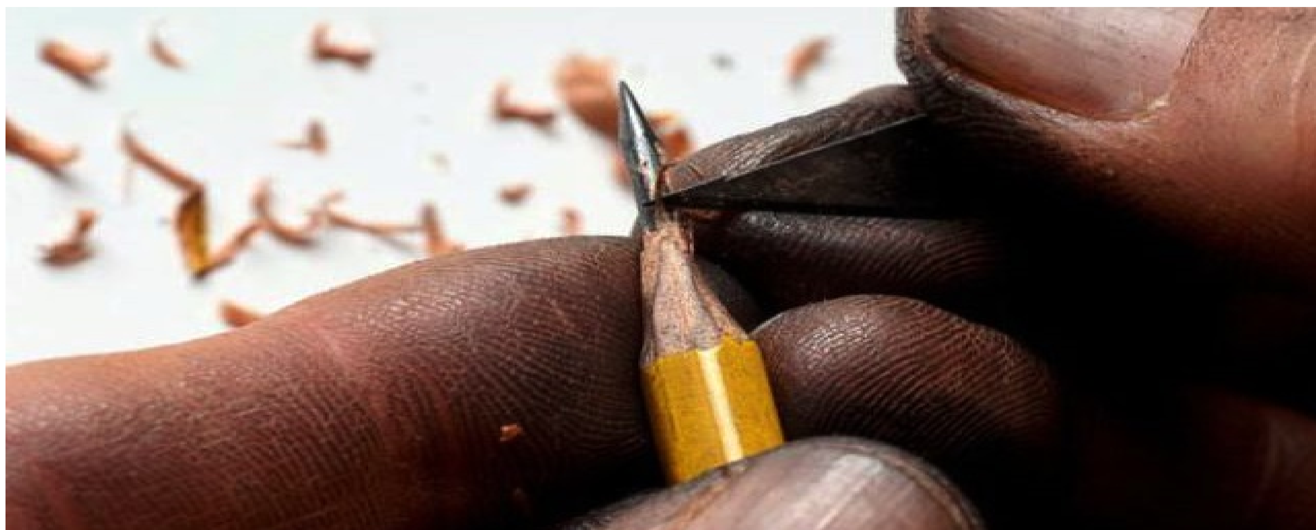
Saio dali caminhando em sentido à velha ponte, que faz a divisa do bairro com o centro da cidade. Assim como fazia nos tempos antigos, faço uma parada para observar as águas do rio histórico que cruza o município, e desço até uma de suas margens para tocar aquele líquido volumoso que irá desaguar no distante oceano.

Assusto-me ao ver meu rosto refletido nele, A imagem é a do meu rosto de menino, não posso estar ficando louco. Fecho os olhos por alguns segundos e torno a abri-los para novamente me observar naquele espelho.

Só então percebo que, na verdade, viajei por curto espaço no tempo. Vejo a minha imagem de hoje, mas sob minha cabeça está refletida também a sombra de uma pequena árvore poucos metros acima da cabeceira, uma pitangueira muito parecida com a da minha infância, mais parecendo moldura de uma velha janela.

Sim, uma fenestra muito igual à da antiga casa que foi derrubada. E sorrio pela viagem saudosa pela janela do tempo, por mais doída que ela tenha sido.





Lápis

Mário Sérgio de Melo
Ponta Grossa/PR

prefiro os lápis
apontados a mão
canivete ou estilete
o cuidado em cada corte
imperfeições e diferenças
mas que só elas sabem
fazer o negro carvão
do jeito que mais apraz
às palavras mais intensas

prefiro os lápis
apontados a mão
tortos e certeiros
àqueles aparados
retos, pontiagudos
cones lisos, colarinhos
sinto que destes
não poderiam verter
os trêmulos escritos
que vertem do meu ser

tal como às pessoas
prefiro os lápis
apontados a mão

Le Cirque De Chuchu: Le Noire Danseur

DAVID LEITE
Jandira/SP

A caravana escapava de dentro da escura tempestade. Nem ventos, nem ondas, nada poderia definir a espessa matéria que os engolia junto a luz em sua volta. Apenas que era violenta como o mar ou como um furacão. O barulho dos madeiros dos comboios se quebrando ao serem lançados de um lado a outro, os gritos dos membros fugitivos, o breu... A mão do homem, então, se solta do caibro da carroça coberta depois de tanto lutar para se manter. O homem vai ao solo e, pelo instinto, se manteve ali, agachado, deixando tudo continuar rugindo palmos sobre sua cabeça. O tumultuoso comboio se afasta no meio da densa penumbra, e em pouco tempo nada mais se ouvia dele. O estalar intenso da tempestade também começa a se amainar. Um pouco se ilumina, então. Algo no meio do negrume começa a emanar um fio de luz.

Como o pior parecia ter passado, o homem se encoraja a levantar a cabeça. Enfeitada de algum tipo de luz, uma mulher se aproxima em passos suaves, enquanto a escuridão começa a suavizar ao seu redor. A mulher, de bela e firme fisionomia, longos e brilhantes cabelos negros, vinha descalça em passos suaves de dançarina, como suas vestes negras admitiam ser.

O homem, com a passada incerta, levanta-se e se sustém miseravelmente diante dela. A luz se expande, revelando apenas os destroços ao redor da parte da caravana fustigada pela força sombria de antes. O homem se apavora com a cena, mas retorna a contemplar a outra presença ali.

- Você... Você está bem? – Questiona, embora ela parecesse distante do castigo em que ele estava e sua expressão, quase um sorriso, sugeria que sim.

Ela não responde. Apenas alarga um pouco mais os lábios carmim num sorriso quase perverso.

- Madame. Você não viu o que aconteceu aqui? A tempestade? De onde você está vindo?

O questionário permanece sem resposta.

Ao invés disso, a mulher põe-se em postura. Estendendo os braços, começa a desenhar com os dedos no ar, graciosamente, enquanto move o ventre com desenvoltura. Olhos fechados, o sorriso perverso. Uma música ainda não existia, mas os primeiros passos de uma dança airosa se iniciava.

- Quem é você? – O homem interpela, agora começando a se desesperar.

- Eu sou aquela que te dá propósitos e nenhum caminho. Eu sou a coreografia dos que dançam as horas que passam. Eu estou atrás de tudo que se move, e na frente de seus destinos. Você sabe quem eu sou...

A música então reinicia. Da clareira minguada, tentáculos de escuridão começam a brotar e se apresentam bailando como consortes da dançarina, silvando e se retorcendo. Diante daquilo, o homem, aterrorizado, põe-se a correr, claudicando com a já ferida perna. O rumor de ventos e ondas quebrando atrás dele cresce. A música selvagem o estremece enquanto ele aperta o passo, ingloriamente.

Garras da escuridão avançam para depois dele, e se fecham para lhe agarrar. Desesperado, o homem tenta se libertar. Retorce o corpo de todas as maneiras possíveis tentando escapar da força da treva. Temendo voltar os olhos para trás, ainda assim o emaranho sombrio o revolve. Uma última vez, ele vê, adornada por uma aura de uma luz mortificada, a dançarina sombria movendo as mãos e todo o corpo com a violência da tempestade. Num último movimento, volta-se para ele, dobrando-se em reverência. Então a escuridão finalmente o esmaga.

https://raisfonogrei.jimdo.com/



Lição Moral

Debrittus

Ipatinga/MG

Depois de vinte minutos no terminal esperando e um dia extremamente cansativo o ônibus chega, entro e procuro um local para sentar, vejo apenas um lugar disponível na parte de trás sento e me acomodo na poltrona, agora é só relaxar até meu destino.

Estou descansando no meu assento quando o ônibus para no terminal seguinte entram duas senhoras uma branca e uma negra, logo em seguida alguém levanta e cede o lugar para a branca assentar, observo de longe e penso em levantar para ela assentar, mas tenho a certeza de que alguém mais próximo vai ceder o seu lugar, o ônibus arranca e com ele seus cabelos grisalhos balançam, um rapaz ao seu lado se incomoda, ela com um olhar doce e suave pede desculpas, mas ele a ignora, fico com raiva, será que ele não escutou o pedido de desculpas? Chega o próximo terminal, agora ela vai conseguir sentar, algumas pessoas levantam e antes que ela tenha alguma chance outros já assentaram no lugar, ela continua a viagem em pé, estou extremamente chateado será que ninguém esta vendo aquela senhora, dessa vez ela quase cai na arrancada, meu Deus será que ninguém percebe!

Outro terminal chega e mais uma vez ela não consegue sentar, sua fisionomia e de cansaço e desanimo agora ela vem se aproximando de mim, vou ceder meu lugar! Levanto e coloco a mão em seu ombro e ofereço meu lugar, ela agradece e diz que vai descer ali, mas antes de descer ela vira e com uma voz doce e suave diz que sou muito gentil, ainda de pé dou um sorriso meio sem graça e me viro para sentar, mas meu lugar já está ocupado, como assim?

Faço o restante do meu trajeto em pé pensando em como eu realmente poderia ter sido gentil no momento em que aquela senhora entrou no ônibus, abaixo a cabeça e percebo que não fui diferente de nenhuma pessoa que permaneceu sentada enquanto ela fez toda sua viagem em pé.

Para que uma sociedade se transforme não devemos esperar que a mudança chegue até nós, devemos buscá-la através de nossas ações e atitudes, para assim servimos de exemplo.

www.debrittus.com

Liquidação Anatômica

Nic Cardeal
Curitiba/PR

Vendo coração descompassado
válvula mitral em estado literal
artéria aorta
no caminho de volta.
Faço escambo
sem nenhum problema
de veia entupida
- estúpida é a vida
que se esquece
de estancar minhas feridas.
Faço descontos
invento contos
refaço uns pontos
também concedo alguns versos
como brinde ao universo
- liquidação anatômica
no anátema da tua presença
com possibilidade de paraísos -
meus infernos internos
tão inteiros
serão doados aos pedaços.
Alugo coração acelerado
válvula de escape
em caso de choque
- faço escândalo
em miúdos gemidos
se me trouxeres
alguma novidade sobre a vida.
Pago recompensa
acaso te demores
a contar lentamente
minhas batidas cardíacas.

https://www.facebook.com/Niccardealpoesias/



Livramento

Pietro Costa
Brasília/DF

Eis que finalmente
O livro chegara àquele lar
Repleto de saberes
Para poder dividir
E também confidenciar
Desventuras,
Curiosidades
Para contar
Potestades
A desabonar
Que tipo de olhar
O iria inquirir?
Que tipo de olhar
O iria desvelar?

Recebera vírgulas
E frases sumárias,
Capitulando-o
Como obra rara,
E a atenção da leitora
Obstinada
Como se interpretasse
Uma fábula

Tivera um epílogo mui dissonante
Daquele traçado para os confrades literários
Mal ficara aguardando na estante

Das mãos suadas e ávidas
Pelo conhecimento
Permanecera apartado
Por pouco tempo
Evoluirá rápido
De namoro para noivado
Hermenêutico

Liberte os seus livros
Do trivial desinteresse
De fato, comprometa-se
Afinal, eles têm muito
O que discorrer
Dos preconceitos obtusos,
Abra parênteses
Caso, por sinal,
Os pretenda entender

http://pietrolemoscosta.blogspot.com.br
https://www.youtube.com/user/pietrolemos0519



Longe de minha amada

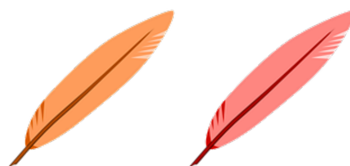
Pedro Rabello B. Corrêa
Lorena/SP

Longe de minha amada, o mundo é-me intangível,
E tudo diante de mim paira como espectros vazios.
O tempo não flui, mas se arrasta, e meu coração,
Meu indigente coração, é chafurdado na noite sem fim.

Longe de minha amada, as lembranças me são agridoces;
Recordações de momentos jubilosos, de experiências tocantes,
Mas também de erros lamentáveis, de falhas irreparáveis.

Longe de minha amada, lamento o que fiz ou deixei de fazer.
Anseio pelo seu retorno, pelo seu corpo, toque e olhar.
Palavras não me consolam e nada me satisfaz, pois só
Minha amada é capaz de me exaurir

Longe de minha amada, só resta-me o desolador silêncio
De um coração que palpita sozinho, cansado e dilacerado,
Cuja ternura se foi, e o amor se extinguiu.



Mais uma prece

Daniela Genaro
São Paulo/SP

Primeiro lavraram os
campos,
depois lavaram as
mãos
e sentaram à mesa
para acolher o
anoitecer.

Enquanto ceavam,
agradeceram pelo dia
em que plantaram,
agradeceram pelo dia
em que colheram,
seguiram em frente.

Medusa Enlouquecida

Penelope Jones
Curitiba/PR

Eu rasgo verbos
Quadriláteros pontiagudos
Cultivo minha maré
Verbos me antagonizam,
Músculos e versos
Misturo tudo que for intenso
Não rasgo minhas sedas
Não cedo minhas verdades
Se você sentir a minha maresia,
Vai ter os sentidos carcomidos,
Pois a minha verdade ácida
É para quem tem flores e forças.
Nem me chame para o sangue,
Me relegue para o sólido,
Eu não vou retirar minha mão da tua cara,
Nem que você volte a me cuspir,
Pois a tua face é que será molhada
Por todas as minhas coragens.
Se eu acordo menina
Te mostro a fêmea-fera
Que vai atropelar tua sanidade.
Quem me fez, jogou a receita para Zeus
Que comeu e não vomitou.
Lave a tua língua quando quiser beijar meu nome,
Leve em conta que sou a ferocidade do teu reflexo,
Só me domam quando eu visto pele de cordeiro,
Só me amam quando mostro que sou tudo, sou todas,
Amarga, doce, suave, intensa, salgada.
Não perde por esperar o mundo mudo.
Ainda vou me umedecer antes do sétimo selo ser rompido,
Antes da nascente virar rio,
Antes do delta ser mar,
Sou oceânica e, entenda,
Os monstros todos saem dos meus olhos,
Dos meus tempos,
Dos meus reflexos,
Medusa enlouquecida
Sendo única nos reversos dos meus dentes afiados
Revendo a ampulheta para te deglutir antes do almoço virar janta,

Não sou Cronos, uma pedra não me engana.
Vou falar até amanhã para acordar correnteza,
Para derrubar os muros, aos murros, aos gritos,
Minhas veias saltadas é a ira da minha natureza,
Enxaguo meu corpo no relento,
Não tenho medo do frio,
Me esquento no verbo,
Porra, verso solto e largo tatua o ar.
Entendeu? Não.
Foda-se. A minha boca de verso
Não é para tempos à toa,
Não é para tua loucura rasa.
Eu sou a mulher dentro da mulher que sou eu,
Sem pretexto,
Nem leia,
Nem que você queira
Nada há de sair de você
Que sequer sabe
Quem sou
Quem é
Quem seremos.



Míngua Zumbi

Diogo Mendes
São Paulo/SP

(SOU zUmbI).
DetErmInArAm qUE nÃO sOU dO tIpO dE zUmbI clÁssIcO, pOssO ExIstIr, tAlvEz Um cOmEdOr dE mIOlOs mOdErnO, mEsmO AtÉ AltErnAtIvO. O quE ApArEcE AtrAvÉs dE UmA EpIdEmIA, E cOlOcA O mUndO, Em EscAlA dO fIm.
VOcÊ mE OlhA, cOm mEdO, pOUcO sAbE dAs nOvIdAdEs qUE EscOndO. DEsAcrEdItA mAs tEnhO AlgUmAs, AchO qUE EstÁ pOr dEntrO jÁ – sEUs OlhOs nÃO mE mEntEm tAntO AssIm. AcrEdItAmOs, zUmbI E HUmAnO, HUmAnO e zUmbI, Às vEzEs.
AIndA, vOcÊ tEntA fUgIr dE mIm. E nÃO sEI pOr qUE bUscA EssA lUtA vÃ, qUEm sAbE cOmO UmA ÚltImA fAÍscA dE InstIntO dE sObrEvIvÊncIA. ChEIro dE dEscOnhEcImEntO tOrnOu mAIs pAlAtÁvEl.
POr AlgUm mOtIvO AUmEntO Os pAssOs E tOcO Em vOcÊ – cOnsEguE fUgIr hÁ tEmpO, mEsmO qUE EU tE pErsIgA. MInhA fAcE, mEU trOncO, mInhA prEsEnçA, mEU dEsEncAntO tE cErcAm. MÍngUA, qUE mE rÓI As prÓprIAs trIpAs.
COrrEmOs. ZUmbI E hUmAnO, hUmAnO E zUmbI. COrrEmOs. Um cAçAdOr, OUtrO fOgE, Um fOgE dE sI, OUtrO cAçA dE sI. AcAlmAdOs. HUmAnO E zUmbI, zUmbI E hUmAnO. Um pErsOnAgEm, OUtrO pErsOnAgEm, nÃO hÁ fUgA, fUgA prA qUÊ? AcAlmAdOs.
PErsOnAgEnS dE fIlmE, pOr ExEmplO, **NIght Of thE LIvIng DEAd (1968)** EntrE rElAçÕEs tUrbUlEntAs. POdÍAmOS EstAr nA dÉcAdA sEguIntE, EscOndIdOs OU tEntAndO EntrAr nO shOppIng Em **DAwn Of thE DEAd (1978)**, crÍtIcA AO cOnsUmIsmo.
TEm mAIs: Um rAIO x dA cIÊncIA E fOrçA ArmAdA, cOmO Os dOIs EIxOs ImpActAm A sOcIEdAdE pOr **DAY Of thE DEAd (1985)**, AtÉ ObsErvAçÃO dO cOnflItO dE clAssEs Em **LAnd Of thE DEAd (2005)**.
(Sou... humano...)
Tenho... que... proteger a... minha... vida..., minha... memória..., meu... mundo...., meu...– desencanto.../ Fujo... e.... algumas vezes colido... com o... zumbi.../ Não... é... mais pessoa..., medito.../ Talvez esse... pensamento... diminua... um pouco.... o... instinto... de... sobrevivência....//
Cheiro... fétido... em começo.... de.... estado... de... putrefação... me... segue.../ Continuarei... fugindo... e... lutando..., os humanos em meu... pensamento... dominaram o... planeta... tragicomédia... finita... //
O... Zumbi... me... caça... sabe... dos meus hábitos e... testa... os meus extintos de... sobrevivência.../ Não... me... reconheço... parte... de... seu... grupo..., e... por não... me... reconhecer, me... isento.../ Corro... dentro... do... filme... **Land of the... Dead (2005)**, pois me... dou esse... presente..., não... me... sinto... confortável.//





Ora..., como... um personagem humano... de... um filme... de... zumbi... – que... porventura... me... dou... o... direito... de... pular de... filmes e... filmes./ Escolho... ir para... **Day of the... Dead (1985)**, a... dúvida... surge... entre... cientista... ou... soldado...? Não..., pularei... para... outro... longa...//
Saltei... em **Dawn of the... Dead (1978)** acho... que... consigo... ter um pouco... de... descanso... escondido... em uma... das ruas artificiais e opressivas de... um shopping./ Há... conforto... momentâneo... e... que... importa... muito... por agora.../ Um shopping que... protege... menos... de... si... mesmo e... de... mim...//
Chega... irei... para..., **Night of the... Living Dead (1968)** e... lá... tentarei... ser um dos personagens sobreviventes./ Estou... em uma... fazenda..., os zumbis não... podem invadir a... sede..., e... aqui..., algum tempo... estou... seguro.../ Aquela... segurança... falha..., ainda... segura...//
(REspIrE... pElAs vOgAIs).
OrIgInAIs E rEmAkEs dE... *GEOrgE... A./... ROmErO...* É... dIfÍcIl nÃO... prOjEtAr nOS pErsOnAgEns./ MÍngUA zUmbI, dO... prÓprIO... hOmEm-zUmbI... E... zUmbI-hOmEm... fIcA... O... sEntImEntO... dE... grAtIdÃO... dEstInAdO... Às fIgUrAs qUE... tOcAm AquElE... grAU... dAs lEndAs...//

https://pontofervura.wordpress.com



Imagem: Jeferson Lorenzato

Muito além da dor no corpo

Gracielle Torres Azevedo

Maceió/AL

Aquele dia parecia ser diferente, e foi. Adentrei à enfermaria e avistei uma mulher jovem, cabelos longos amarronzadas, rosto fino, olhar vago, usava óculos de grau com armações vermelhas, respondia em monossílabos, como quem não quer prolongar o assunto. Tentei manter um tom mais animado, ao perceber sua apatia. Questionei-lhe sobre suas dores; ela foi inespecífica e em segundos apontou todo o corpo: as costas, a perna, a coluna, o peito, a cabeça, o pé e os cotovelos.

Exclamei-me em pensamento que teria muito trabalho por ali. Tentei esmiuçar suas queixas sem grande sucesso, pois eram várias e difusas. Eu, ainda perdida, buscava um ponto de partida para aliviar-lhe as dores, e como se já não bastasse ela completou dizendo que as dores pioram ao sentar ou caminhar e surge uma falta de ar ao deitar.

Seu corpo não queria sair da cama. Ela tinha face de dor. Era inegável que as dores físicas existiam, mas algo mais profundo parecia estar ali. Algo me intrigava e eu precisava desacortinar. Se tudo lhe doía, isso parecia ser apenas a ponta do iceberg, havia algo muito além de um corpo com dores.

Ela não queria exercícios, negava intervenção e rejeitava cuidados, apesar do semblante de sofreguidão e pesar. Procurei o serviço de psicologia, tentamos uma abordagem juntos, uma "injeção de ânimo", mas nada parecia adiantar.

Resolvi não intervir e fui à enfermaria sem estetoscópio e sem pretensões. Aproveitando uma folga na agenda, passei por lá para doar-lhe meus ouvidos, apesar dela não demonstrar querer conversar.

Repeti as visitas por uma semana na tentativa de construção de algum vínculo, e para a minha surpresa, naquele dia, ela me falou da morte de sua filha há 5 anos. Uma tristeza tomou meu peito e meus olhos marejaram.

Tudo então fez sentido. As dores em seu corpo era sua alma latejando de saudade e seu coração destroçado num vazio infinito. A dor era ausência que não pode ser preenchida; era vazio de amor e para essa dor não há remédios e nem exercício.

E como se acalentasse a mim mesma, dei-lhe num abraço o meu afeto para tentar atenuar por um minuto esse vazio.



Não Se Apaixone Pelo Poeta

Almir Floriano
São Paulo – SP

O poeta é um psicólogo
A permear os teus sentimentos
Por vezes psiquiatra
Pois te conhece até por dentro

Ao ler suas bulas poéticas
Ele te faz ser retrospectiva
E busca acender aquelas paixões
Dentro de ti ainda vivas

Suas palavras te fazem divagar
Pelos desejos indizíveis e recônditos
Que a todo custo tentas disfarçar...
O poeta te dirá o que já podes ter ouvido
Mas ele te fará notar, sentir e ver
De maneira que ainda não tivestes percebido

O poeta também fala com felicidade

De toda tristeza que dentro dele existe
E te fará acreditar não ser verdade...

As palavras do poeta
Entram no teu quarto escuro
E podem iluminar seu mundo portátil
Abrir as janelas fechadas por amarguras
E te mostrar um paraíso colorido do lado de lá
E essa viagem benfazeja te vai despertar
E ao lado dele vai sempre querer estar

Os mundos e sonhos do poeta podem ser fictícios
Pois ele sonha pra poder te agradar
Mesmo ante toda escuridão
Lhe serve de rima para mais uma canção
E certamente ele vai te embalar os sonhos
E afagar o teu coração

Mas,
Não se apaixone pelo poeta
Mesmo ante o sofrimento
Ele finge que é feliz
Para enfeitar o teu dia!

https://www.clubedeautores.com.br/
https://www.facebook.com/almir.floriano.79



Nenhum Urso Pode Beber Cerveja No Céu

Ovidiu Bocsa
Romênia

Heaven é um pequeno pub em Belo Horizonte,
se você quiser saber.
Há uma Belo Horizonte no Brasil
mas, aqui é sobre outro horizonte.
É um pequeno país chamado Emilia,
talvez chamado assim, do primo Emilio,
quem ama a língua francesa entre os outros.
Nesse idioma ele gosta de dizer "te quero", "eu sou amo"
então "is t'aime", e de fato, ele adora muitas coisas
você pensa, e ele ama tudo, especialmente para beber,
e "aime-il" pode ser lido: Emil,
até mesmo é só o começo das perguntas
ele mesmo disse: "cerveja Aime-il?"
Ele gosta de cerveja? E ele continua
este tema perguntando a si mesmo
sobre tudo que ele gosta e ele fala em tipo de diálogo.
Se você olhar para ele, você acha que ele fala com você
porque seus olhos encontram seus olhos.
Mas só ele sabe as respostas reais.
Claro, ele fala muitas línguas,
especialmente depois de beber cerveja.
Eu disse cerveja? Bobagem!.
Não há cerveja, claro. Ninguém bebe uma coisa dessas.
O nome da única bebida capaz de dar
a sensação que você está no céu é Feliz Gente.
"Feliz Gente" significa "A felicidade das pessoas"

ou tal coisa que faz você ir
no Realismo dos Sonhos ou no Céu, diretamente.
O problema é que ele bebe porque esquece,
e às vezes ele fica triste porque esquece,
mas ele não esquece de beber.
Então, imagine e entre naquele bar chamado Céu.
Não há nada bom para beber, exceto Feliz Gente
e talvez tri-nitrato-de-glicerina,
uma espécie de dynamite, usada por mineiros, claro.
O primo Emilio é um sujeito extremamente bem construído, tipo Big Bear,
quem não pode ser retratado facilmente, então eu nem tentei.
Você pode supor que eu sou o Pequeno Urso, mas não sou.
Eles me chamam de Pepe Chuva, e se é para pegar o significado:
nós bebemos até chover.Feliz Gente.
Agora você pode entender o que está escrito
no cartaz perto do bar:
"Nenhum urso pode beber cerveja no céu"
É uma espécie de recompensa na competição.
Usamos um grande sombrero como os irmãos Garimpeiros.
Existe o costume de beber de sombrero,
quando você é um recém-chegado no céu.
Última competição, Primo Emilio bebeu tudo
do pub que descansou seco até
as pessoas fizeram a revolução e deram o nome de país: Emilia.
Fiz nessa época que Feliz Gente começou um chover.

Foi nessa época que Feliz Gente começou a chover.
Mas nós ficamos no mesmo Belo Horizonte
esperando por nossa chance ou ... mudar.





O Amor em Tempos de Crise Econômica

Fernando Alves Medeiros

São Paulo/SP

À Ayodelle Dandara

Rareiam-se as moedas;
os algarismos dos preços
        multiplicam-se e
cresce o apelo dos comerciais de TV,

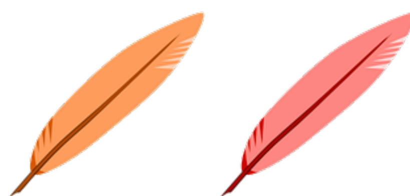
                mas

                debaixo do quentinho das conversas
                meu pé se enrosca no seu e

                                o nosso sábado
                                vai caminhando devagar, devagar

                                        e isso é bom.

http://cafeseblablablas.blogspot.com.br/



O Encontro Glorioso

Humberto Lima

São Paulo/SP

Nós nos tornamos o que fazemos repetidamente

- Aristóteles

Assínia está ajudando a mãe na cozinha.

— Pique a salsa, sim? - pede a senhora.

Ela pega a erva e começa a picar bem fino como sua mãe gosta e é com certa reserva que pergunta:

— Mãe? Como foi seu Encontro Glorioso?

Percebe que a mulher ficou levemente tensa, mas se volta para a filha. Seu único olho brilha enquanto o outro, vazado, está escondido sob um tapa olho de veludo estampado.

— Nossa filha! Foi incrível! Era um rapaz e nos reconhecemos imediatamente!

As duas trocam um risinho e a mãe começa a descrever seu Encontro Glorioso para a filha que apenas a observa com olhar sonhador.

Conversam por um longo tempo enquanto cuidam dos afazeres de casa.

—É verdade que alguns nunca tem seu Encontro Glorioso?

A senhora de meia idade assente com a cabeça.

— É querida, ninguém sabe os desígnios de Deus! Pior quando o Encontro Glorioso acontece e as pessoas se recusam!

A mocinha magra de cabelos castanhos longos presos em uma única trança coloca a mesa para as duas.

— Sabe a Alima, aquela que faz o curso de informática comigo? Ela me mostrou um vídeo... Por que algumas pessoas se recusam a ter seu Encontro Glorioso? São loucas?

A senhora levanta o tapa olho expondo o buraco e o limpando com agua desmineralizada, o que causa certo nojo na garota, mas ela não pode recriminar sua mãe.

—Não entendo filha... Não entendo mesmo... Todos sabem o que Deus faz com quem se recusa...

Elas se sentam, servem os pratos e comem sua comida, deixando uma cadeira vaga e um prato vazio no espaço do pai, falecido dias antes.

Rezam para que Deus o tenha levado para um lugar melhor depois daquela noite em que foi brutalmente estrangulado em um ônibus, voltando do trabalho.

Assínia tem vinte e cinco anos e desde os dezoitos anos começaram seus sonhos, mandados por Deus. Nesses sonhos, ela sempre é assassinada pela mesma mulher, levemente corpulenta e com lábios finos e caídos nas bordas.

A mulher já a matou centenas de vezes de todas as maneiras possíveis e imagináveis e certa madrugada acordou com a certeza que ela estava no quarto, mas eram apenas suas roupas em um mancebo que lhe eram essa impressão macabra.

Por fim acabou se acostumando com esses sonhos e deixou de ligar, vivendo sua vida lentamente.

Sempre que pode assiste aos Encontros Gloriosos gravados em vídeo e se emociona, pensando que um dia talvez terá o seu.

Certa tarde fria, Assínia anda pela calçada e dribla uma cena de assassinato, um muro onde um homem moreno jaz com a garganta rasgada. A polícia, conversa com o assassino cujas mãos estão encharcadas de sangue fresco enquanto pessoas filmam e discutem o que acabou de ocorrer.

Pouco depois, a moça de cabelos castanhos entra em um restaurante self-service e pega lasanha, almondegas. Aproveita também para se servir de um delicioso refresco de limão e senta-se próxima a saída.

Precisa comer rápido para voltar ao trabalho no atendimento aos clientes, liga seu celular e assiste, emocionada, um compilado de Encontros Gloriosos da última semana.

Coloca o garfo na boca e olha para uma mãe que ralha com o filho que se recusa a comer salada.

Assínia sorri para o pequenino cumprimentando-o, ele tapa os olhinhos com as mãos e os destapa, sorrindo com um dentinho de leite faltando na boca.

Na mesa em frente um casal almoça olhando-se apaixonadamente e Assínia pensa em Amat, um ruivo meio desengonçado do trabalho e de como gostaria mesmo que ele a notasse.

Uma mulher loira entra no restaurante pegando uma bandeja distraidamente, se serve brócolis e salada de soja, pega uma tilápia gratinada. Escolhe um refrigerante diet, pois se sente meio gordinha e prefere alimentos mais saudáveis.

Assínia percebe que um homem lhe pisca levemente fazendo com que ela revire os olhos, pois ele é um cara lascivo, na faixa dos quarenta e poucos anos e nem um pouco atraente.

Ela se vira para o outro lado para não ter que olhar para ele e seus olhos se encontram casualmente com os da mulher loira na mesa em frente.

As duas se observam, primeiro sem interesse algum e subitamente com um olhar de reconhecimento mútuo.

A loira se levanta imediatamente arregalando os olhos azuis de maneira cômica e Assínia faz o mesmo, seu coração está descontrolado e ela sente que ele pode explodir de tão forte que está batendo.

A mulher olha de relance para a mesa e Assínia solta um grito instintivo. Dá a volta na sua mesa e corre até sua oponente.

A jovem percebe que a mulher é maior do que em seus sonhos e precisa tomar alguma dianteira, acerta um soco no rosto da mulher que remexia na bolsa procurando algo com que atacar a moça pequena.

O pequenino parece se assustar e a mãe o pega no colo, afastando-se do conflito. Ela coloca um pedacinho de cenoura e a criança, tão absorta no espetáculo sangrento, acaba mastigando o vegetal.

A mulher loira revida acertando seu tapa mais forte que joga a moça magra sobre a mesa do casal, derrubando seus copos de suco. Os dois apenas se

levantam e simplesmente pegam outros pratos, afastando-se da briga soltando risadinhas.

O homem quarentão saca seu celular último modelo e começa a gravar a luta, sorrindo.

A loira corre e pega Assínia pela garganta, estrangulando-a, como seu próprio pai fora estrangulado dias antes.

A moça de olhos castanhos puxa os cabelos da sua rival, arrancando tufos loiros que se prendem entre seus dedos e quando a jovem está prestes a desfalecer, sua mão varre a mesa procurando algo que possa usar contra a outra. Sente a borda de um prato e imediatamente destrói a cerâmica na cabeça da antagonista.

A loira bambeia se apoiando em uma mesa, sua mão tateia e segura em algo comprido e frio.

Uma faca de cortar carne, ainda suja de molho.

Coloca a mão nos cabelos retirando-a com sangue e avança sobre Assísia, usa a faca afiada que pegou sobre a mesa e faz um arco abrindo um talho na sua inimiga.

A pele do rosto da garota de cabelos castanhos se desprende como a página solta de um livro e ela grita. Quando a loira pretende dar o golpe de misericórdia, tropeça na gordura da comida e se estatela no chão, a faca voa longe e sem perder tempo, Assínia empurra a pesada máquina de café expresso de sobre o balcão que cai sobre a cabeça da loira, desacordando-a com o golpe.

Atraída pelos gritos, a polícia invade a lanchonete, armas em punho.

- Todo mundo! Parados!

Olham para a mulher caída sem sentidos no chão e após se inteirarem dos fatos, um deles empresta seu revolver para a jovem ferida que mata a loira com três tiros certeiros na cabeça, fazendo com que seu cérebro se espalhe pelo assoalho sob as vivas e aplausos dos presentes.

Poucos minutos depois, o vídeo de sua luta já está na internet sendo assistida por milhares de pessoas no mundo todo.

Seu rosto com a pele dependurada é manchete por vários dias.

Anos depois Assínia é uma mulher casada e tem um pequeno filho chamado Sabir. Seu marido trabalha e ela cuida da casa com o amor e carinho que seu Deus ordena.

O menino desenha algo com giz de cera. É uma criança decapitada

— Mãe? Olha mãe! Eu sonhei com esse menino!

Ela tem um leve estremecimento e sabe como sua mãe se sentiu agora, seu rosto guarda uma cicatriz diagonal de cima abaixo. Seu marido ama aquela marca de sobrevivência e mostra a todos os amigos nos encontros da empresa.

Ela enxuga as mãos úmidas da louça e olha o bolo no forno, depois senta ao lado do filho.

— Vai arrancar a cabeça do seu inimigo para a Glória do Deus Apollyon filho?

O menino olha para a mãe, sorri e continua a usar mais o lápis vermelho.

— Quando será meu Encontro Glorioso mãe?

A mulher sorri,

— Só Deus sabe filho... Só o Deus da Morte sabe...



O jogo

Vanessa Nunes
Rio de Janeiro/RJ

— Todos vocês precisam repetir comigo*: Em nome de Deus, Jesus Cristo, da Grande Irmandade da Luz, dos Arcanjos Michael, Raphael, Gabriel, Uriel e Ariel, por favor protejam-nos das forças do mal durante esta sessão. Façam com que não aja nada além de luz envolvendo este tabuleiro e seus participantes, e permita que nos comuniquemos somente com forças e entidades da Luz. Protejam-nos, Protejam esta casa, as pessoas presentes nela, e façam com que aja somente Luz e nada além de Luz, amém*. - Enquanto eu recitava a prece de início do jogo, todos a minha volta repetiam. Quando dei por mim, Alan não o fazia, só fingia e sorria alheio, como se não se importasse. - Alan pare com isso. Todos estamos brincando, mas podemos invocar algo maligno por sua causa. Você nem parece que é meu marido, age como um verdadeiro idiota.
— Ah para com isso, Renato. Quanta besteira. Quero ver quem é que vai mover este ponteiro e deixar todos com medo. - E ele dava gargalhadas sem se importar ou respeitar o que estávamos falando.
Os participantes do jogo me olhavam como se estivessem esperando que eu tomasse alguma posição, mas como eu queria me divertir e não procurava brigas deixei para lá. Não era o momento de falarmos sobre isso.
Abrimos o tabuleiro Ouija que eu tinha comprado e colocamos o ponteiro de vidro em cima. Existem algumas poucas regras ao cumprir, mas eu disse aos jogadores apenas as mais básicas que seriam: não desrespeitar os espíritos, fazer uma oração no início e no final de cada sessão, não deixar que os espíritos levem o ponteiro para as extremidades... Este tipo de coisa.
Começamos então com perguntas bobas: tem algum espírito aqui? Qual o seu nome? E como todos estávamos com as mãos no ponteiro, a zoeira começou. Um tentava mexer, de repente o outro, e o outro até que todo mundo gargalhava sem parar. No fim, desistimos. Deixamos o tabuleiro em cima da mesa e fomos assistir Netflix e comer pipoca.
Eu e Alan estávamos agarradinhos assistindo Jogo Perigoso de Stephen King enquanto Jamie e Sam estavam se pegando sem parar no outro sofá nos deixando constrangidos. Jamie é bissexual, mas até então só tínhamos o visto com homens, Sam era a primeira mulher. De repente, em um momento do filme ouvimos um barulho de copo quebrar, eu como boa menina que sou, me assustei.
– O que? Eu sou uma mulher no corpo de um homem, nem começa - Alan, vai lá ver o que é isso.
— Eu não - Reclamou - O filme está ótimo e eu adoro o Tio King, você sabe bem disto.
—Jamie, olha lá amigo o que está havendo, estou com medo. Vai que é algo do jogo. - Quando falei isso me senti estúpido. Todo mundo riu da minha cara e Sam comentou que deveria ser o vento, ele tinha aumentado consideravelmente lá fora e estava mesmo com cara de que iria chover.

Eu já estava cansado daquele filme chato, então decido a provocar um pouco meu marido passando as mãos pelas suas pernas e as unhas por seus braços. Ele era um homem gostoso e eu amava isso nele. Não malhava, nem era todo fortão ou sarado. Mas eu gostava de seu corpo e nossa química sempre foi a melhor. Ele tinha sempre uma ponta de barba bem aparada, era alto, cabelos escuros e principalmente, eu via o amor todas as vezes em que ele me olhava. Eu antes dele havia sofrido por amor, com família, no emprego. Ele me ensinou muito. Me mostrou a ser uma pessoa melhor, me incentiva a estudar e a ser alguém na vida, coisa que nem meus pais faziam por mim. - Enquanto eu acariciava suas lindas pernas e estava pensando sobre isso, percebi que ele havia parado de comer, mas não me olhou. E mesmo embora eu estivesse com a cabeça longe por alguns momentos, acabei me empombando e fiquei louco, não era possível que ele ia prestar mais atenção naquele filme horrível do que em mim, então comecei a passar as mãos em seu torso e costas sabendo que ele ama isso até que ele me pediu para parar. Me levantei frustrado e disse que ia na cozinha pegar refrigerante pra gente, ele me pediu um copo e quando eu estava saindo, me puxou para seu colo me dando um beijo ardente daqueles que nos deixam mole, cheguei a ficar sem fôlego naquele momento e sai sorrindo quando ele me prometeu que mais tarde iria me recompensar por não me dar atenção agora.

Quando eu voltei alguns minutos depois, Sam e Jamie não estavam mais em nosso sofá, e Alan estava com o filme pausado porém seus olhos estavam virados na tela.

—Amor, seu copo. Cadê estes dois? - Falei entregando o copo em sua mão. Ele não me respondeu ou pareceu reconhecer a minha presença ali ao seu lado. - Alan? Chamei-o novamente e mais uma vez ele não se mostrou entender ou ao menos me ouvir.

—Ah cara, para de palhaçada. Eu só fui buscar um copo de refri para a gente e você aí tentando me assustar. Patético. - Falei me recostando nele e tirei o filme da pausa.

Então uma voz estranha que eu nunca ouvi, bradou de seus lábios praticamente em meus ouvidos. - Você fez quase tudo certo... Primeiro, desistiu de jogar sem fazer a sua prece finalizadora. Depois, usou uma ponteira de vidro que não havia sido usada por você, e com isso me chamou.

—Chamei quem Alan? Pirou de vez viado?

—A mim, e eu vim para você. - Então Renato olhou de soslaio para o relógio da sala meio sem querer e percebeu que ele havia parado, se assustou quando olhou para seu pulso e o pulso de seu amado e ambos os relógios também o estavam.

Começou a gritar alucinado por Jamie e Sam, porém nenhum dos dois estavam próximos ou pareciam o ouvir. E de repente ao correr, tropeçou em algo no chão e seus amigos estavam alo, cobertos de sangue. Vendo tudo isso, ele começou a correr pela casa, e se esgueirando pela parede voltou a sala para sair. Alan seu amado estava com os olhos brancos como se estivesse em posse demoníaca, não apenas a esclera, seus olhos estavam totalmente brancos incluindo a íris e pupilas e eu saí gritando em pânico clamando por socorro. Não alcançava meu celular e não sabia onde ele estava. As portas de casa estavam trancadas e eu

não encontrava as chaves e finalmente entrei em desespero. Mas tudo isso aconteceu tão rápido que não deve ter durado nem 3 minutos.
Até que comecei a ouvir gargalhadas atrás de mim e me deparei com os 3 idiotas rindo de mim e do meu estado alucinado para fugir dali. Comecei a xingá-los sem parar e gritar com cada um deles, subi as escadas e me tranquei no quarto ainda tremendo por causa da adrenalina que meu corpo emanava e comecei a chorar. Quando ouvi barulho na porta e meu marido idiota entrando eu comecei a jogar tudo que havia na frente nele, e ele esperou eu me acalmar se escondendo dos meus arremessos e se desculpando.
— Amor, me desculpa, foi apenas uma brincadeira. Me perdoa? - Ele falava da porta mexendo nos olhos. E então reparei que ele estava de lentes de contato. - Já que você está jogando tudo em mim, aproveita e me dá esta caixinha que está aí na cabeceira da nossa cama? - Então eu olhei e vi que era uma caixinha de lentes de contato que diziam: vire um zumbi. - Bufei e joguei a caixinha pela janela. - Ah qual é amor, foi legal vai? Era só uma brincadeira, me perdoa? Nem adianta você brigar comigo me chamando pro pau... kkkkkk eu vou mesmo.
— Você é um babaca! - Eu disse a ele rindo da piada sem graça - Só vou te perdoar porque eu te amo, mas você me assustou demais. Não brinca mais assim, vai... Por favor.
Então descemos as escadas juntos para terminar de assistir ao filme, e toda hora aqueles dois que diziam ser meus amigos davam risadinhas me olhando e eu quis matar eles muitas vezes. Mas até o final da noite, todos já estávamos mesmo era dando gargalhadas de mim. Até eu mesmo. E neste meio tempo você percebe tanta coisa. Nós gays podemos ser maltratados, as pessoas nos menosprezam, nos xingam, nossas famílias nos tratam mal. Mas nada como sermos amados por pessoas que estão ao nosso redor.
Meu marido é um tremendo idiota, e faz umas brincadeiras mais idiotas ainda, mas ainda assim é a melhor coisa que aconteceu comigo, e se não fosse por ele, eu não sei o que seria de mim quando a minha própria família me rejeitou e meus pais me escorraçaram de casa. Pra mim você não ser gay e reclamar de um é como um vegano falar de carne, se ele não vai comer porque ele de fato se importa? Pura perda de tempo. Você precisa amar as pessoas pelo que elas são, e não pela sua sexualidade. As pessoas tem uma maneira meio besta de pensar. Sei lá, ainda acho isso estranho. Se você não é gay, porque se preocupar com a gente? Cura gay, casamento gay e estas coisas. Deixe que nós nos preocupamos com isso. Eu não sou doente, e hoje me encontrei e sou feliz. Porque é difícil entender isto?
Então mais uma vez como em tantas outras nos deitamos naquele pequeno sofá em nossa sala, tão abraçados quanto podemos para que eu não caia e me estatele no chão para assistir mais uma série da nossa lista infinita até nos despedirmos de nossos amigos e eu deitar em minha cama, com o melhor colchão e o melhor travesseiro do mundo: o homem que eu amo.

https://autoravanessanunes.wixsite.com/vannunes

O Paraíso destruído

Sonia Regina Rocha Rodrigues
Santos/SP

Nada me preparou para o inesperado. Nada.

Era uma cálida tarde de outono, brilhante e ensolarada, aquele tipo de tarde em que as folhas amarelas, laranjas e marrons nos convidam a contemplar o mundo com olhos de artista.

Foi então que eles apareceram. Às centenas. Descendo de todas as direções.

O ônibus em que eu estava parou. Os passageiros desceram, atarantados, alguns medrosos.

Fiquei atento ao céu, onde a luz do sol desaparecera como se encoberta por uma nuvem de gafanhotos, só que os "gafanhotos" eram naves espaciais.

Muita coisa passou-me pela cabeça. A advertência de Chico Xavier sobre a data final. Aquela esquisita crença sobre um povo reptiliano. Os tais mestres ascencionados.

Impotente, dei de ombros e obedeci, meio que anestesiado de susto, aos comandos das máquinas de lata que apareceram, e por elas fomos todos embarcados e evacuados. Alguns tentaram reagir ou dialogar com aquelas criaturas indiferentes - nem se intimidavam, nem revidavam, nem respondiam.

Não saberia dizer quanto tempo durou a viagem. Não havia nenhum alienígena a bordo. Só nós e os robôs por quem fomos interceptados, tangidos, classificados e colocados em aposentos com água e comida.

Talvez a música ambiente tivesse o propósito de acalmar os ânimos. Talvez vibrasse em alguma frequência hipnótica. O fato é que todo mundo permaneceu calado. Só quando a nave pousou e as portas se abriram é que as pessoas despejaram as emoções contidas.

Um falatório inútil.

Aquelas centenas - ou milhares - de naves livraram-se de sua carga e partiram tão eficiente e misteriosamente como haviam aparecido.

A nosso redor, dunas de areia e rochas. Uns matinhos aqui e ali. Respirávamos bem, sinal de atmosfera semelhante à da Terra.

No céu...aquele espetáculo.

Apontei. Outros já se haviam dado conta do planetinho azul que no espaço parecia uma lua gigante, revelando o contorno de nossos amados mares e continentes. Belo de tirar o fôlego.

A multidão, começando a compreender, passou a contemplar.

Então as explosões aconteceram. Contei três.

Diante de nossos olhos, o planeta fragmentou-se. Estávamos órfãos.

Não se ouviu som algum. Parecia que a multidão havia esquecido de respirar. O significado daquilo penetrava aos poucos em cada consciência.

Inexorável.

Acontecera.

Estávamos por nossa conta.

Teríamos de recomeçar.

Do alto de uma pedra, uma pessoa deu voz de comando:

- Vamos para lá.

Houve um começo de rebelião.

- Ouçam-se. - a voz falava como quem tinha autoridade. - Veem aquela nuvem? É um cúmulo. Se não acharmos água, na pior das hipóteses, teremos chuva.

Como ninguém tivesse uma ideia melhor, puseram-se a segui-lo.

Pergunto-me quanto tempo iremos peregrinar pelo deserto.

http://soniareginarocharodrigues.blogspot.com.br/
https://www.facebook.com/soniareginarocharodrigues/?ref=bookmarks



O segredo de Desdémona

Joaquim Bispo

Odivelas, Portugal

Quando Iago chegou a casa, a mulher, Emília, apressou-se a dar-lhe as novidades:

— Já se começa a perceber muito bem qual vai ser o aspeto final do retrato da minha senhora. Ela está deitada num leito, toda nua, e do alto tomba uma chuva de ouro. Ao lado da cama, há uma velha que tenta apanhar algum desse ouro. Mestre Ticiano diz que o conjunto representa a figura mitológica de Dánae, engravidada por Júpiter sob a forma de chuva dourada.

— Nua? Excelente! — rejubilou Iago. — Quando volta Desdémona a posar?

— De hoje a uma semana. A minha senhora não quer dar azo a que o marido desconfie de nada.

«Ah! Mal posso esperar para insinuar indignidades aos ouvidos de Otelo», congeminava Iago. «Se for bastante persuasivo, Desdémona será repudiada e não ficará em posição de ser insensível aos avanços do meu protegido Rodrigo.»

Uma semana depois, em casa do general Otelo, este desvenda a Iago alguns dos aspetos militares que o preocupam:

— O Turco está cada vez mais atrevido. Veneza está a pontos de perder Chipre e até de deixar de ser senhora do Adriático. O Conselho está a ultimar uma aliança com o Papa e com Filipe II de Espanha. Se esta aliança conseguir reunir uma grande armada, partiremos, a confrontar os asquerosos otomanos, nem que tenhamos de lhes dar batalha nas costas da Grécia. — Pensativo, continuou: — Não temo a batalha, mas constrange-me ficar tanto tempo longe da minha adorada.

— Pode ir descansado, general, que sua esposa não se sentirá infeliz, isto é — gaguejava Iago —, mostrará o rosto choroso, mas certamente encontrará distrações, isto é, arranjará maneiras agradáveis de passar o tempo.

— Meu bom Iago — lembrava Otelo —, ela ficará bem, com certeza, mas tu irás comigo. Não te esqueças que és o meu alferes.

— Sim, claro, ficará bem. Disso não duvido... Ficará até muito bem...

— Que queres insinuar? — espevitava-se o general.

— Eu? Nada. Falei por falar. E jamais a minha boca se abriria para difamar a senhora da minha esposa — espicaçava Iago.

— A maneira como falas parece indicar que algo menos honroso se passa. Pela obediência que me deves, dize: o que sabes? — impacientava-se Otelo. — E não temas pela tua esposa, que sempre terá fidalgas a quem assistir.

— Se assim me intima — condescendia Iago, enfim no objetivo — só lhe posso confidenciar que Desdémona se tem encontrado com um velho, a quem se expõe como Deus a deitou ao mundo. Não sei por que o faz, se por lascívia, se por comércio.

— Quê? — esbravejou Otelo, sentindo-se atraiçoado. — Pois ela entrega-se a outrem? Prova o que dizes ou despede-te da vida!

— Não mate o mensageiro, senhor! Pergunte antes à sua amada aonde vai ela todas as sextas-feiras.

— Sim, sim, manda já chamá-la, que quero esclarecer este caso!

— É inútil procurá-la — devolvia Iago —, porque neste momento está ela a ser acariciada pelo olhar de Mestre Ticiano na Scuola Grande de S. Rocco. Parece que o Mestre tem predileção por corpos jovens e manifesta mesmo algum entusiasmo quando os seus pincéis acariciam a superfície da pintura, talvez fantasiando que acaricia a própria pele branca e sedosa de sua esposa.

— Pintura? Ticiano? Mas, pelas bombardas de popa, o que é que o velho quer de minha mulher? — surpreendia-se o general.

— Os velhos, às vezes, são os piores — aproveitava Iago. — Ele está a retratar vossa esposa como Dánae, engravidada pela chuva dourada de Júpiter. Isto não parece muito decoroso.

— Oh, com mil raios da procela, que indignidade! Vou expor esse quadro na praça de S. Marcos, para que Veneza abomine essa devassa!

De regresso a casa, Desdémona vê-se confrontada com a ira do marido:

— Muito folgo em te ver vestida — ironizou Otelo. — Tanto quanto sei, ainda há pouco oferecias o corpo à lascívia dos olhares de quem o deve conhecer melhor do que eu.

Desdémona quedou-se muda e de rosto perplexo. Olhou em volta à procura da aia, que lhe recusou o olhar.

— Explica-me agora — continuou Otelo — por que te expões nua ao olhar de Ticiano!

— Nua? — contrapôs Desdémona. — Nunca Mestre Ticiano viu o meu corpo. O meu rosto aparece num corpo nu, mas esse corpo foi o que preferi, num conjunto de desenhos e gravuras que Mestre Ticiano me deu a escolher, quando contratei a feitura do meu retrato. Só vou a S. Rocco para que ele retrate o meu rosto aplicado a esse corpo que escolhi.

Agora, era a vez de Otelo ficar sem palavras. Mas, logo quis saber:

— Afinal, por que bizarria andas nessas andanças? Por quê, esse retrato?

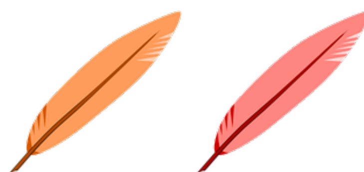
— Era para ser um segredo — explicou Desdémona, voltando a passar o olhar por Emília. — Vai fazer um ano que eu e tu nos unimos pela carne. Essa união do viço de uma jovem como eu, com a força de um deus como tu, frutificou. Estou grávida. Sim, grávida! — confirmou sorridente, perante o olhar assombrado do marido. — Quis fazer-te uma surpresa e oferecer-te uma imagem alegórica que evoque, todos os dias, esse primeiro encontro dos nossos corpos, e o que dele resultou. O tema de Dánae foi ideia de Ticiano.

Otelo ficou um bocado em estupor. Depois, berrou:

— Iago! Estarás sempre na proa do barco dianteiro. Quero que os otomanos fiquem a conhecer as tuas feições. Podes precisar dessas amizades no Inferno!

Caprichosamente, quem não voltou da batalha foi Otelo, trespassado por uma bombarda turca. Desdémona, desgostosa, não resistiu à perda do seu amado. O seu corpo foi encontrado a boiar no Canal Grande. O quadro, no qual ela punha tanto empenho, acabou por ir parar a Madrid, oferecido por Ticiano a Filipe II, em agradecimento pelo apoio militar a Veneza.

http://vislumbresdamusa.blogspot.pt/



O Tipo

Luís Amorim

Oeiras, Portugal

Encontrava-se o tipo ainda com uma grande distância, pensámos nós sem demasiada preocupação quando afinal e, com erro crasso para espanto nosso, apresentou-se ele próprio bem mais cedo. Aliás, prontamente no dito imediato «Agora» que vigorava no então, o que não deu tempo a procurarmos assentos outros com a necessária antecipação. Mas também era dever nosso ficar ali mesmo por causa dele, o qual de facto, chegou e sentou-se sem pedir licença na vizinha mesa, sendo desde logo chamado a cada frase dita para que, na suposição nossa, se pronunciasse nome seu. Por vezes, até com bis na mesma frase o que nos levou a considerar que estaria ele cada vez mais na moda, daí ter chegado no anotado cedo temporal a mais, do que o antes feito em previsão. A realidade abanava tudo ali mesmo ao lado e era ver como alegremente o tipo no constantemente solicitado adornava cada proferida frase. Também o nível de conversa das novas companheiras do tipo não era do mais elaborado que se possa supor. Talvez o tipo ali estivesse para as formar ou algo similar, mas puro engano nosso, depressa percebemos. Ele estaria ali, simplesmente à nossa perspectiva, para formatado ser ele próprio, sem dó nem piedade por elas, perfeitamente no controlo sobre o tipo já sem tempo para respirar pois tinha de entrar ao mesmo tempo em múltiplas frases vindas das mais diversas e cruzadas direcções. Mas o pior ainda não tinha comparecido na descrita ocasião e, dessa vez, tivemos exacta noção disso mesmo antes do devido tempo. Foi quando outras companheiras chegaram e tomaram seus lugares à mesma mesa com subtraídas cadeiras à nossa e às restantes que supostamente por ali se sentavam bem descansadas. Com tanta rapariga a falar num simultâneo difícil para acompanhar na escrita nossa, o descanso já era e, passe com discrição, a

seguinte redundância, era ver como o tipo aparecia de todos os lados a cada respirado segundo. O ar encontrava-se, naturalmente no quase irrespirável à conta do tipo e já o resto da gente por ali à volta tinha fugido excepto nós, mas fazia parte do nosso estudo, o qual nos parecia quase concluído, não sem antes o tipo nos lançar discretamente um cúmplice sorriso.

https://www.facebook.com/luisamorimeditions



O Trem Fantasma

Ramon Carlos
Florianópolis/SC

A inércia dos alicerces
Cubos de gelo no bico do figo
Não há mais garotas de saia nas arquibancadas
Onde ele e seus amigos escondiam-se
Para venerar o vermelho
Brisa dos vulcões, sulco das montanhas
Sondar o amarelo
Canto das virgens, sinos de cera
Lapidar o azul
Aurora de Baco
Suprir o verde
Balas de menta
E frases velhas, como essa:
"Tentei ver a calcinha dela mas me dei mal, ela tava sem"
Esperando o ônibus
Na rodoviária que fica ao lado das recordações
Ele jurou ter visto Ana Cláudia
Quase gritou, ou correu ao encontro
Mas antes conferiu o horário e o número da poltrona
Na passagem
O frio não lhe pertencia mais

O Último Natal

Vitor Luiz Leite
Rio de Janeiro/RJ

É mais um natal! Contudo não mais como sempre fora. Após séculos de infelicidades o mundo agora é apenas um planeta recheado de miséria, depressão e crimes. A sociedade moderna adoeceu a tal ponto que não havia mais retorno ao mínimo do tolerável. O resultado disto foi a completa implosão das estruturas civilizacionais, empurrando cada canto do globo à barbárie e ao caos. Longe de conseguir ordenar este pedaço do cosmos, Papai Noel tomara para si o controle do mundo.

A terra estéril e desértica consegue ser percebida de longe. As inúmeras chaminés do gigantesco parque industrial, cospem na atmosfera imensas cortinas de fumaça negra; o ar da cidade é praticamente sólido. Desde o fim da guerra todo dia é natal. As pessoas, agora sem freios morais, valores atemporais ou qualquer lei que lhes resguarde uns dos outros, vivem à mercê da própria sorte sob as botas do outrora bom velhinho.

Este por sua vez, também reflete o paraíso de dor e sofrimento onde lançou o mundo. Sentado em sua poltrona, feita com a pele seca e grossa de Krampus, o demônio derrotado na guerra, ele termina de ler a última carta que lhe foi entregue por um dos duendes moribundos. Ele encara a cabeça empalhada de seu rival na parede perguntando-se se realmente tudo valeu a pena, agora que não há mais terra para ser conquistada. Fumando um comprido cachimbo e bebendo em um dos chifres da besta, por mais uma vez ele se prepara para sair e cumprir com seus entediantes afazeres.

Na cidade industrial onde outrora brinquedos e doces eram produzidos, toda sorte de instrumentos mortais é fabricada. No setor 3-B, o laboratório, os mais variados venenos são manufaturados e abaixo, nas caldeiras, a metalurgia produz objetos cortantes enquanto, manualmente, as mais variadas armas de fogo são montadas.

Sua esposa, uma prostituta aidética, lhe avisa sobre o trenó que lhe aguarda lá fora. Ele se levanta e se olha num comprido espelho ao lado. Diferente da figura sorridente e bonachona que já há muito fora esquecida, Noel tosse um bocado de sangue, que enxuga nas mangas da casaca vermelha. Está magro e seus olhos fundos e amarelos mostram que, assim como todo o resto, ele também definha vagarosamente. Sua pele arroxeada e seu rosto senil denunciam a sua depressão e autodestruição.

Ele nem ao menos olha para a esposa quando sai. Caminhando pelos sombrios corredores ao arrastar as correntes que pendem de sua roupa, ele passa por seus escravos que, ante a sua presença, curvam-se temerosos a fim de evitar as surras que os levam ao óbito. Lá fora, em meio ao deserto de gelo, meia dúzia de duendes tremem e fraquejam enquanto o vento frio corta suas

peles. Estão ocupados demais controlando, com bastões eletrificados, a besta alada que carrega o trenó.

Os olhos de Noel esbarram no cemitério dos duendes atrás da usina. Valas coletivas onde milhares de pequenos cadáveres repousam; fome, frio, doenças e maus tratos. Não há um traço sequer de culpa ou arrependimento na face cadavérica de Noel. Os duendes se agarram onde podem; não há espaço para eles a bordo. A besta lentamente movimenta suas asas para cima e para baixo e num solavanco deixa o solo, levantando uma nuvem cinzenta de neve e fuligem.

Durante a longa viagem ele pensa nos inúmeros pedidos que tem para atender. Os presentes, que repousam num buraco negro capturado na sua vã tentativa de dominar a galáxia, tem endereços certos; arsênico para um casal de idosos na américa do sul. Uma corda resistente para um enforcamento no Texas. Uma faca bem afiada para os pulsos de uma dona de casa nos arredores de Paris. Uma pistola carregada para um adolescente em sua escola.

Por horas as chacinas prosseguem. Suas roupas, mesmo nunca tendo sido muito limpas, agora tem manchas coaguladas e o cheiro de pólvora é insuportável, mesmo àquela altitude. Os duendes têm os rostos cobertos de sangue, visto que este é o único momento de suas vidas miseráveis em que conseguem um pouco de carne para saciarem a fome permanente que lhes acompanha.

Todavia, antes de retornarem para a fábrica, ainda há uma última parada. Um vilarejo em meio as montanhas geladas onde, atrás de um velho portão enferrujado, vinte casas existem. Numa delas há um pedido especial; a menininha de aproximadamente 7 anos lhe escreveu exigindo a morte de seus pais.

A besta alada aterrissa do lado de fora da vila e a macabra comitiva adentra. Não há ninguém nas ruas. Alguns cadáveres apodrecem nas calçadas. Deles os duendes ainda tentam sorver qualquer tipo de alimento fresco, mas estes há muito já congelaram e de tão magros, nem vivos lhes serviriam. Silenciosamente eles param na frente da janela. Observam a sala onde uma tímida brasa ilumina o ambiente sem móveis. Uma mulher está caída com uma seringa na veia. Inconsciente ela não percebe que a porta é aberta e junto com o frio os malditos entram. Assustado com o barulho, de um dos quartos irrompe um velho descamisado, afivelando o cinto e gritando para os intrusos. Atrás dele a chorosa menininha caminha e fica feliz em ver o Senhor do Norte.

Seu pai também o reconhece e implora por sua vida miserável. Ele bem sabe que quando Noel entra em alguma casa, de lá não sai até que sangue seja derramado. Com um par de correntes, que parecem ter vida própria, ele laça o velho molestador; um dos ganchos se prende a sua jugular e ele já começa a se afogar no próprio sangue enquanto assiste a turba enfurecida de pequenos seres abissais arrancarem pedaços de carne de sua esposa. Noel mais uma vez fita o velho, antes de enfiar seus longos dedos de unhas sujas e compridas nos olhos do homem e lentamente afundá-los. Do cadáver fresco a sobremesa foi feita.

O Senhor do Norte olhou para a menina que sorria enquanto seus pais eram reduzidos a poças de vísceras e sangue no assoalho. Cansado pela noite de trabalho, Noel sentou-se no chão e olhou em volta. Acendeu o cachimbo e

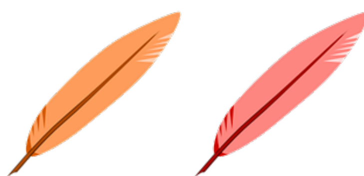
baforou de forma entediada. Já não havia mais graça naquilo tudo. Sua vida era uma eterna rotina de brutalidade sem sentido que há muito já não o satisfazia. Não haviam mais terras a serem conquistadas. Os limites do seu mundo já haviam sido traçados com morte e violência. Ele não mais se saciava ante ao que criara. A criança se aproximou com um olhar piedoso. Noel encarou seus olhos mortais por alguns segundos antes de, num golpe seco, atravessar seu tórax com uma das correntes. A garotinha sucumbiu aos seus pés. O sangue do ferimento se espalhou pelo piso.

Ele observou com curiosidade a vida deixando seu pequeno corpo. Olhou em volta e baforou mais um pouco. Não havia em sua mente mais nada que se pudesse fazer em nome da matança desenfreada que promovia. Logo os duendes se reuniram a fim de saciar sua fome eterna com aquela pequena porção. Papai Noel apenas observou e nesse momento teve uma epifania. Os milhares de escravos que lhe temiam eram praticamente incontroláveis. Apenas ele, pela força bruta, lhes domava. Entretanto ele pensava que sem sua presença a fim de domesticá-los e puni-los, eles consumiriam o mundo espalhando suas nefastas presenças a fim de infligir maior dor à humanidade, vista por eles como a causa de seus sofridos cativeiros.

As correntes tilintaram no piso. Atravessaram seu magro corpo e retalharam sua carne frente ao espanto dos duendes. Nem ao menos piscavam e quando perceberam que o outrora poderoso Senhor do Norte estava morto, festejaram ao que refestelavam-se sobre seu cadáver. Após séculos de cativeiro estavam livres para promover sua vingança. Toda a vila foi consumida por eles como se uma praga de gafanhotos destruísse uma pequena plantação.

De posse da besta alada, retornaram a fábrica e, comunicando o corrido aos seus irmãos escravos, assassinaram a viúva de seu antigo senhor. O mundo viu com o espanto a nova tormenta que do Norte veio e varreu o planeta por inúmeras noites de sofrimento. Chacinas reduziram a já convalescente população mundial à um sétimo do que era antes. Os poucos sobreviventes esconderam-se no subsolo, rezando para que o dia de suas mortes logo chegasse.

Pinheiros eram decorados com partes de corpos mutilados. Bonecos de neve humanos eram construídos. Eles dançavam e cantavam em línguas profanas e há muito esquecidas, enquanto o mundo ardia em chamas e os aquecia com gemidos de dor. Este foi o último presente do senhor do norte após o último natal da história.



O veredito

Ronaldo Dória Jr
Rio de Janeiro/RJ

O doutor avalia o resultado do exame. Apesar de toda experiência, ainda não se habituou a dar notícias ruins. Seu constrangimento é tão palpável que se pode ler nele: "a medicina não tem uma solução para você". Cria coragem, fita o paciente e anuncia:

- Sinto muito, você ainda viverá bastante...



O Viajante do Tempo

Lucas Borges

Campanário/MG

Estou em alguma parte do tempo tentando achá-la.
Estou gritando nesse abismo, mas você não escuta. A verdadeira razão pela qual ainda respiro é porque te amo.

Ainda estou nessa jornada, a procura de você.

Porque a luz sumiu? Porque eu não paro de sentir essa dor? A loucura está a bater palmas. Às vezes parece que eu não vou conseguir mais fazer essas viagens e ver você novamente. Estou viajando tanto no tempo, que às dores de cabeça me torturam aponto das minhas narinas sangrarem, mas sei que vou encontrá-la.
O tempo está sendo uma prisão para mim, a teoria é verídica, você está em algum lugar, apareça por favor.



Outro dia vi um lugar lindo, onde procurava um pouco de carinho, onde pensei que ia ser feliz com você. Então senti sua essência, consegui vê-la e toca-la por um momento, você estava linda, queria tanto dizer que preciso de você.

Mas o tempo, a nudez e o frio me castigaram no abismo, aprisionaram meu coração, silenciaram a minha fala, fecharam meus olhos, aponto de não ter mais a capacidade de chorar e sentir o seu amor.

Onde está o sonho?

Nercy Grabellos
Rio de Janeiro/RJ

O sonho está na liberdade de ir e vir,

Na capacidade de amar, acreditar,

Continuar e cultivar a alegria de viver.

Reviver, esquecendo a tristeza.

E viver com leveza.

Sonhar com alguém para nos ajudar e confortar,

Se não for possível, sonho em viver bem sozinho.

E encontrar o caminho.

Sonhando sempre em construir

E não deixar de sorrir.



Os Ladrões

Evandro Nunes da Silva

São Luís/MA

Depois de toda uma euforia descomedida na mesa do bar, eles saíram para outro ponto da cidade, mas só que no meio do percurso foram surpreendidos por algo inusitado: um ladrão os esperava na esquina.

Depois de alguns minutos de tensão, seguiram juntos para mais uma série de assaltos.

evandronunesbb@gmail.com
https://www.facebook.com/evandronunesdasilva.d.dasilva



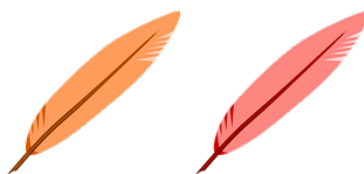
Pelo Menos

Rodrigo Duhau
Brasília/DF

Nas mãos daquele homem alto, negro e de fria expressão, um metal afiado, que poderia deslizar por peles aveludadas, fazendo sulcos de sangue. Era um sublime utensílio para a consumação de um sem-número de torturas, principalmente se o agressor fosse hediondo e criativo.
A adolescente acabara de completar dezesseis anos. Era uma menina morena clara, longilínea, sua boca possuía lábios harmoniosos. Ostentava cabelos lisos e aloirados que por questão de pouquíssimos centímetros não tocavam sua cintura. Ela estava sentada, imóvel. Seus olhos castanhos claros mantinham-se fechados. E o homem com o cortante objeto se aproximava daquele corpo ainda virgem.
A garota tentou se preservar forte, intransponível, mas não resistiu e deixou uma lágrima umidificar o lado direito de seu rosto que tinha formato de coração. As mãos da jovem pressionavam intensamente os braços da cadeira toda vez que o homem escorregava seus grossos dedos pelos cabelos dela.

Ela sentiu a respiração dele, pois, naquele momento, o homem estava próximo ao seu gracioso pescoço. Isso a arrepiou, mas a excitação estava embebida de nervosismo e de medo.
– Importa-se se eu continuar? – indagou o homem.
– Não – disse, laconicamente, a menina.
– Sabia que tinha vindo aqui para isso – sentenciou ele.
– É dolorido, mas não recuarei.
A tesoura do negro e talentoso cabeleireiro meneava freneticamente pelos longos e aloirados cabelos da jovem. Os fios dourados daquela caridosa menina se destinariam a mulheres que, ao passarem por quimioterapia contra o câncer de mama, perderam seus cachos, mas não a vontade de viver.

www.facebook.com/rodrigoduhau



Placidez

Paulo Vasconcellos
Capanema - Pará-Amazônia

Tenho afeição à poesia
Com ela mantenho laços de amizade
Colocarei a sua patente em um relicário
Usando palavras habituais
Que se assemelhem com a paixão
Revigorando as bordas do meu coração
Que está sempre regozijado
Porque sou um emissário
De uma conceitual confraria
Dotada de eminentes parceiros.
Saio por ai a passear,
Mas não deixo de levar comigo
As letras que molduram o meu linguajar
Considerado por mim,
Perfeito e solidário.
Por razões sentimentais
Sei que sou um visionário
Faço os meus versos com harmonia
Não esmoreço e nem me aflijo
Sou integrante do time da euforia
Posso também me definir
Como poeta missionário
Contingenciando os meus feitos
Acobertados pela sincronia
Motivando-me ainda mais
A seguir o meu caminho
Acompanhado da tenaz felicidade
Que nunca me deixa sozinho.

www.paulovasconcellospv.blogspot.com
www.paulovasoncellospoeta.com

Poema

Vou sair para pescar.
Um dia calmaria, outro
um mar de tormentas.
Preciso jogar as redes,
sempre presa a esperança.
Quem sabe as recolho
repletas de sonhos!
Sou pescador de ilusões!

Ricardo Moncorvo Tonet

Ricardo Moncorvo Tonet
Amparo/SP

Poetecer (Fotopoema)

Ilza Carla Reis
Euclides da Cunha/BA

Poetizar é tecer os
versos um a um...
É entrelaçar as
palavras numa
rede de sentidos e,
a cada leitura,
dar-lhes nova
arquitetura...

Ilza Carla Reis

Imagem: João Felipe Garbers

https://www.instagram.com/ilzacarlareis/
https://www.facebook.com/Ilzacarlareis

Por que morremos todos os dias

Beth Fallahi
Poços de Caldas/MG

Hoje com muito pesar percebo o quanto morri ontem e morrerei amanhã.
Percebo que o que está a minha volta, só está a minha volta.
Não está dentro de mim, não está comigo e nem de longe me alcança.
As pessoas são como ilusões, sombras ou espíritos vazios.
Passam por mim e não me percebem, passo por elas como se fossem transparentes.
Nada nos afeta ou muda nosso rumo ou discurso.
Somos todos seres vazios.
Não representamos nada uns aos outros.
Não nós percebemos. Terminamos o dia como começamos.
Se um corpo cai e se despedaça, não significa nada, é apenas uma queda.
Se um tiro é disparado, se torna tão normal ou igual ao dia banal.
O carro que ultrapassa e lança seus ocupantes ao asfalto, normal, não me sobressalto.
Uma criança que desaparece, um bebê que chora, uma mulher que emudece.
Quem liga se o nobre não é tão nobre, se cristão não é tão cristão.
Quando a caridade só é mais uma atitude para se vangloriar sobre os outros.
A beleza se torna fútil e inútil. O feio é zombaria da sociedade.
Vale a pena estar aqui...onde a guerra se faz necessária e a morte de tantos inocentes que é explicada como necessidade de um resgate do passado.
Morro hoje, como morri ontem e morrerei amanhã.
Sou estatística, mais um número, sou doente do espírito, adepto ao fracasso como se fosse uma religião.
Não me encaixo em nenhuma situação e em nenhum grupo pagão.
É, o paganismo tá em alta, vocês não percebem, nas todos promovem no seu dia a dia atos de paganismo.

Em seus altares suntuosos, seus deuses televisivos, hollywoodianos mil, fazem de suas vidas vazias e sórdidas o descaso dos outros.

Não vejo vocês assim como não me veem.

Suas preocupações e futilidades do dia a dia se torna rotina, enquanto alguém está gritando, está sufocando e pedindo ajuda.

Até que um salto com uma corda no pescoço o faz ser percebido.

Lembrem-se que todos nós temos essa corda no pescoço, desde o nascimento pelo cordão umbilical, poderíamos ter saltado naquele momento, mas não, preferimos saltar agora.

Mas quando nos matamos no dia do dia do nosso pão nosso, não é por causa de uma estatística, por causa de uma mãe que nos ignora em troca de uma boa cama renovada, ou por falta de uma boa influência religiosa ou política, o bullying virou rotina, quem se importa. Eu não me importo.

De repente a morte é um presente diante tantos fatos ausentes.

Não aprendi me amar nem a me respeitar, porque vou me importar.

O sol não é amarelo como todos insistem em dizer, o céu nunca foi azul ao entardecer, a noite que me aguarda com aqueles poetas malas que veem nas estrelas um sei lá o que.

Não há sentido algum em nada, a vizinha que passa grita e se estardalhaça, atrás de seu cachorro que faz pirraça, afinal eu expio através da vidraça a minha vida que de longe não tem graça.

Hoje, aqui onde estou, não estou melhor do que fui, os seres que estão aqui comigo, lamentam não terem vivido, de não ter tido a chance de ver o colorido.

Só existe um grande vazio, um deserto cinza na imensidão.

Não há mais vida, só solidão.

Não há explicação para tanta decepção, entre vivos e mortos eu contínuo sem nada no coração.





Primavera

Roselena de Fátima Nunes Fagundes

Camaçari/BA

Estação das flores,
tempo de perfumes,
estação das cores,
novos cheirumes!

Estação dos amores,
época de poesia,
Estação dos trovadores,
mês da alegria!

Estação da harmonia,
sentimento de vida plena!
Estação da sintonia,
Período de paz serena!

Psicanálise e Alteridade

Vinícius Bandera

São Paulo-SP

Um copo d'água, se você se abrir psicologicamente para crê-lo como calmante, um relaxante, ele poderá produzir tal efeito. Não o tendo à mão, você poderá encontrar outra ilusão que o faça conter a ânsia, a qual gera angústia, que o está fazendo sentir-se defasado em relação às coisas que poderia fazer mais e melhor. Mas o que ele gostaria de ter replicado, e não o fez, era que parte do que sentia em termos de culpa não estava em si, mas no outro. Era uma relação de alteridade. Dependia dos outros até quando atravessava a rua prenhe de pedestres em ambos os sentidos, pois tinha que cuidar-se, e esperar que seus pares fizessem o mesmo, para evitar esbarrões ou até contusões, confusões; o apito, a buzina, o grito, o bolero de Ravel; morrer era algo iminente, caso não fosse prudente a todo momento. Pensou algo que nunca houvera lembrado de ter imaginado antes: o ser humano, qualquer que seja, é infindáveis vezes mais frágil do que o chão que pisamos. Teve medo de sentir o seu corpo lançado ao chão, quase tanto quanto de que algum carro pudesse atingi-lo. Lembrou-se de que certa vez viu o corpo de um rapaz esborrachado na calçada, afastou-se sentido. Não o conhecia, evidentemente, mas, reiterando, há uma relação de alteridade, ele era ele, e vice-versa. Atravessando a faixa de pedestres, olhando as listras pintadas, veio-lhe à mente, a despeito de sua atenção estar concentrada na passagem, no rito de passagem, que o que matou o suicida não foi o ato extremo do suicídio, mas o chão duro, a terra dura, que sequer tremeu ou entrou em transe ao receber aquele peso de tão pouca monta. A velocidade excessiva de uma queda livre, a uma altura também excessiva, digamos dois mil metros do alto de um avião, pode matar o paraquedista, cujo paraquedas não abrir por ter-se rasgado no contato com a asa da aeronave, antes de o corpo atingir o chão. Então não terá sido a terra que o matou, mas algo que está no próprio ser humano. Daí que ele, naquele emaranhado de pessoas, estava se

dando conta de que o ser humano não é somente mais fraco do que a natureza, como parece ter entendido em um certo texto de Freud, "O mal-estar da civilização", que em algumas traduções vem como "o mal-estar da cultura", mas, isto o pior, também mais fraco do que ele próprio. Então foi que olhou para cima, buscando ajuda que todos buscam, e percebeu o quão nublado estava o céu, o que indicava que não daria para fazer o que tinha programado com ela; sempre a alteridade. Mas atravessar tinha que continuar, pois estava em rito de passagem. A vida é só uma passagem, do outro lado poderiam acontecer coisas fora de sua previsão e vontade, como a chuva que logo não tardaria. Um esbarrão; não foi nada. Ainda sorriu gentilmente, malgrado o cara fosse mais fraco do que ele, e não lhe tivesse retribuído o sorriso, pelo contrário. Mas tinha que passar; a vida é não mais do que uma passagem. Parece óbvio, mas passar indica sobreviver, porquanto os carros parecem feras, mesmo que dentro deles estejam pessoas aparentemente frágeis. O ser humano está sempre tornando-se, passando, transformando-se. Se ele estivesse dentro de um daqueles carros, certamente (não provavelmente) ele seria o outro. O carro faria a passagem dele para outro. Imaginou-se atravessando o deserto em direção à Terra Prometida, liderado por Moisés: seria um outro, outro montado em uma passagem que, ao invés de segundos, levaria anos. Pensar em morrer nessa passagem seria algo tão corriqueiro que pediria a pessoas de sua confiança que não enterrassem o seu corpo sem antes encomendar-lhe a alma. Mas na travessia de uma passagem com listras de pedestres devidamente pintadas pelo poder público, e por este e por todos legitimada, alguém ter a desconfiança de que poderá morrer pelo simples atravessar é de bom alvitre que volte ao seu analista e que ele lhe recomende uma forte ilusão psicanalítica, bem mais do que um copo d'água.



Quando eu acordar

Lenilson Silva
Pedras de Fogo/PB

Quando eu acordar

Que acorde sem pressa

Sem pressa de colocar o relógio

Sem pressa de passar aquela roupa

E não pode mastigar o café direito...

Quando eu acordar,

Quero ficar na janela

Com roupa de dormir

Com aquele bloco de notas

Tomando aquele café

Que derrama e queima

As folhas límpidas

Que sempre dura até às 10:00...

Ai, como quero acordar um dia assim.



Quanta maldade!

Aparecida Gianello dos Santos
Martinópolis-SP

Todos os dias ele passava horas observando aquele réptil em sua instintiva rotina de apanhar insetos em cima do muro. E de tão acostumado com a presença do velho a espiá-lo, vez ou outra o bichinho até descia vindo para bem perto deste. Uma amizade para ninguém botar defeito, homem e natureza em perfeita sintonia. Cumplicidade total. Amor à primeira vista, com brilho nos olhos e tudo mais.

O calanguinho, dono de poucos atrativos, bicho sem graça, temido pelas meninas e – quantas vezes! – apedrejado pelos moleques do bairro, conseguira, afinal de contas, despertar os cuidados de um humano. Agora não mais sob gritos de pavor ou asco, desta vez não. Bichinho de sorte aquele, pois quantos perigos não se escondem por trás de muros e arbustos e gentes...

Assim, o velho matava o seu tempo, e suas manhãs corriam bem mais animadas, pinceladas pela atividade do seu mais novo coleguinha: o calanguinho, o ilustre morador do muro vizinho. Os encontros daqueles dois, de tão corriqueiros, pareciam mesmo combinados. Era um na varanda, em sua velha espreguiçadeira, e o outro no muro, espichado ao quentinho dos primeiros raios de sol. "Isso, sim, é que é amor", dizia consigo o velho, "não aquilo que tinha por Tereza.". Tereza: a ingrata que o abandonara. Pobre Tereza! Não suportara a ideia de ter sido trocada. "Velho doido! Vai ver só...". E agora ele estava ali, à mercê dos encantos de um reptante. Acaso supunha ele o quanto era admirado pelo ex-homem de Tereza? Não. Não mesmo. Definitivamente não. Tampouco sabia do perigo que corria. Diferente do velho, nas suas mais sublimes intenções, outro ser o observava. E já havia algum tempo.

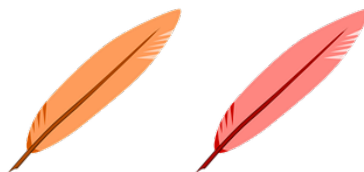
Foi de repente, em um ataque surpresa. Brutal surpresa. Culpa do velho, que não tinha olhos para outra coisa que não o fossem senão para o seu pupilinho? Impossível saber. Impossível prever. Impossível como evitar aquele triste dia.

Pobre calanguinho! Sequer teve chance de reagir. Pobre velho! Tanto amor, e no fim... Ainda fora obrigado a ver a horrenda cena. "Quanta maldade!", suspirou ele, no que expirou o calanguinho.

Passado um tempo, e não conformado com a lei da ordem natural de que tudo tem o seu fim ou querendo talvez cumpri-la ao pé da letra, o velho resolveu a próprio punho dar um melhor fim àquela sua história de amor e amizade. "Justo. Mais do que justo!", justificava-se almejando vingança. Vingança crua e fria. Tão fria quanto lagartixa em dias chochos de inverno. Obcecado, ele agora lá estava, tecendo... planos e mais planos por entre as folhagens do seu quintal. Não queria dar chances de fuga ao seu arqui-inimigo. Do luto à luta! Agora era o bicho homem à espreita.

Eis que ele surge. O traidor, o destruidor atroz de seu maior deleite. E ficaram frente a frente. "Muito bem, covarde...", incitou o velho chamando ao prélio. Não queria somente causar-lhe assombro. Não. Queria mais. Com ódio profundo nos olhos, rumou para cima, partiu direto ao golpe final, fatal. "Agora é a sua vez!". E fora vingada a morte do calango.

Na casa ao lado, uma menina chora copiosamente o seu gato que não mais voltara. Pobre criança, quanta maldade!



Que o destino me traga sustos

Olidnéri Bello
Fortaleza/CE

Prezado Senhor Meu Destino,
Quero, no decorrer dos meus dias,
Se não for pedir demais,
Vários sustos.
Entre eles, o do beijo roubado;
O da abelha pretinha, no cabelo, enrolada;
O do vestido sujo de sorvete de chocolate;
O do gato que cruza meu caminho.

Quanto ao felino, ele pode ser de pelagem negra,
Não sou supersticiosa quanto ao azar,
Só acredito em todas as formas de sorte.
Afinal, gato tem sete vidas,
Caso ele derrube alguma,
Eu a tomo para mim.

Com essa vida a mais,
Talvez eu possa, sendo duas,
À noite, dormir e vagar pelas ruas.
Sonhar com os anjos e ser anjo.

Sendo anjo, arrancarei
Do céu uma estrelinha
Para iluminar a vida de todos.
Além disso, darei sustos em todo mundo,
Mas não se preocupe, porque serão apenas
Os sustos que se desmancham em alegrias.





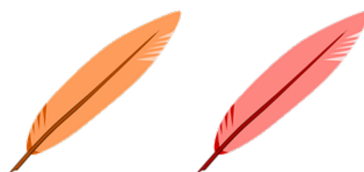


Razões Influenciadas

Maikon Douglas
Capanema-Pará-Amazônia

Em meio a um caos
Prefiro a calmaria do meu mundo
Se existe algo tão perfeito
Alguém me diga onde devo ir.
Não sei o que me espera do outro lado,
Porem estou ciente de que estarei lá
Posso até cair algumas vezes
Mas confiante de que poderei chegar.
De onde vem tanta cor?
De onde vem tanta imaginação?
Os níveis pixelados de ponta a ponta
Me tiram a respiração
De onde surgiram?
De onde fluíram?
Das mentes brilhantes de alguns visionários
Para as mãos de um pequenino.
O guia somos nós,
Mas o destino apresentado
É de quem se dedica sempre
Buscando o melhor.

www.facebook.com/maikondouglas
www.paulovasconcellospv.blogspot.com



Recontando o amor

Lucas Vilela

Belo Horizonte/MG

É incrível como o amor nasce. Existe e perdura além das histórias, do tempo. As vezes é ingrato, outrora, pode ser benigno. É confuso, é certeiro, desbanca o orgulho quando quer. O amor sempre é tudo e nunca é nada, é sempre mais que eu e você. É como ser dois, é como ser mais e mais e nunca se diminuir.

O amor sempre é valido, as vezes parece fraco e a gente até entende.

O amor é ousado, é esperto, um benfazejo. O amor quando nasce é conveniente, é primoroso. É como um talento, é obra de arte, nasce no coração dos apaixonados, é saudade, é história, história da gente. No coração dos amigos, é claro, é nítido. É perfeito, é preciso e cortês. Diante da família o amor é completa e totalmente espontâneo, sobressalente eu diria. Na utilidade do proveito, da prosperidade, da comunhão.

O amor nasce no coração das mães, ainda entre o ventre, sobre um corpúsculo minuciosamente perfeito e se estende até o fim da vida, comumente desconfio que vá além disso. O amor se entrega, impressiona, se torna infinito. Um amor que não sobrevive de teorias e conversas, mas, um amor que atravessa barreiras, canções e impressiona diante das suas possibilidades; coragem e valentia.

O amor existe, ele cura, ele supera, ele permite. O amor busca novos corações, busca maturidade e inocência. Deseja existir profusamente entre a vida das pessoas, das relações, da própria continuada da vida. O amor se aventura, trás frio na barriga, permite loucuras e dor. O amor tudo suporta, coexiste junto da paixão, da amizade, do companheirismo e do respeito. É imutável, é inquestionável por simplesmente existir.

Sem amor não existe fôlego, seriamos vazios e descrentes. Nos faltaria emoção, Não existiria esperança e chuva nos nossos corações. De nada valeria existir,

tudo se tornaria opaco e taciturno. O amor permite a fé, permite tecer canções, criar versos, cantar, e principalmente se entregar.

O amor nunca sabe por onde ir, simplesmente explode e acontece, deseja e procura entrega. Necessita de sorrisos, de coloridos, de permissões. O amor acolhe a alma, cuida dos corpos e mentes cansados. Existe no silêncio e nas celebrações. Existe por razão e emoção. O amor sabe achar você e não precisa de nenhuma explicação.

O amor arde nos corações, ele bate no vidro. Causa excitação. Ele surpreende e preenche. Nasce de novo dia a dia, cresce continuamente. Respira e vai, volta, margeia. Vai além, vai depois. Busca e renova. Nunca se cansa, ele gosta de percorrer.

O amor é causador das maiores reflexões. Trás encaixe, trás sintonia. Causa pirraça, consente sonhos. Não tem meias palavras, é direto, algumas vezes é possessivo, nada que desaprove ou diminua sua realidade. O amor segura nas suas mãos sem medo e te olha apaixonado como se fosse a ultima vez.

O amor não traz dúvidas, pelo contrário, ele trás certezas. Ele trás soluções mediante os mais diversos problemas. O amor entende que a felicidade deve ser plena e existir como objetivo. O amor deve trazer risadas, constantes injeções de ânimos, nunca julgamentos desnecessários.

O amor deve ser visto como refúgio em dias babélicos. O amor é cálido, é simples, é curto e longo. O amor abraça e se desprende do fim do mundo. O amor respira através dos poros, percorre as veias, acalenta mentes cansadas.

O amor transforma, nos permite nos sentirmos especiais, trás clichês de corações apaixonados. O amor cumpre tuas promessas, tem atitudes, não se esconde. É direto e claro. O amor admira e apoia, acredita e faz por você. O amor é capaz de permitir.

O amor une pessoas, existe por trás das aparências.

O amor não custa caro, não custa nada. É bem-vindo.

O amor não trás sentido, ele é o sentido. Não começa em palavras, inicia-se no olhar. Deixa marcas e pretensões. Ele vem e fica, fica sempre um pouco mais até

o ponto de não poder partir mais. Ele tem lugar, ele tem princípios e vontades. Ele constrói pontes que se tornam, por fim, indestrutíveis.
O amor não permite o fim - ele sempre permite recomeços. Ele fala sobre nós, ele nos descreve com intimidade e perfeição. Ele é o maior dos sentimentos, a melhor sensação, é seguro e nunca poderá ser demais.
Ele é como doação, sem cobrança qualquer. Não é exigência, é naturalidade. Ele não precisa ser perfeito, precisa ser verdadeiro. É vigoroso, não se preocupa com riquezas e nunca é vencido pela vaidade. Ele pensa em você e te aceita exatamente como você é, não importa como seja.
O amor é natureza, é imaginação. É beijos apaixonados, é entrega, é soma, é dois a dois. É a resposta completa, imita as estrelas do céu, beija como a lua.
Nessa historia, o amor nunca desiste; ele persiste; ele é bravo, é para você. Ele é capaz de transcender o tempo, o espaço, a própria existência.
O amor por acaso tem seus modos, seus medos e anseios. Ele cria e recria, nunca perde sua intensidade - principalmente diante da reciprocidade. O amor trás asas, trás desafios, por certo ensina a caminhar. Chega sem avisar, somos capazes de o sentir mesmo sem querer e as vezes ele se torna tudo.
O amor transforma as pessoas em poetas, é sintonia. O amor cura, ensina, é luz. Ele nutre e semeia, mobiliza e motiva, ele possibilita. O amor é paz, é favor, é vez. O amor prepara, ele é lar, é mais e mais tentativas.
O amor trás o melhor de mim; existe em mim. Ele me trouxe você; que estava a espera de mim. Talvez tenhamos perdido para nos ganharmos, o amor é isso. O amor é caminhar sem medo de amar. É noites quentes, quebra as algemas do destino e do lamento. Não idealiza distâncias, ele crê no brilho da vida.
É romantismo, é demonstração. É afetivo, é afeição. Torna-se companhia, é ternura, é mantenedora. É loucura, é dominação, é convincente.
E te digo uma vez só - ele é milagre - ele precisa de ti.
Ele tudo sofre, tudo crê, tudo espera e tão logo tudo suporta.



Requiem Aeternam

Paulo Ras
Paranaguá/PR

Era meia-noite quando remediei as luzes. Remendei o féretro que vagava fantasmagórico pelo centro da minha vila. Dentro do esquife o rosto que sorria macilento era o dos meus dias mais nebulosos. Morreram eles? Ou a vida me zomba, e quem morreu fui eu? Não há viúvas atrás do corpo vadio, nem uma carpideira sequer para relembrar meus feitos mais imbecis e irreais, com lágrimas fake, com dores sem sentido. Lá adiante, acho que minha vida ruiu junto com a ponte mambembe construída para me isolar das minhas insônias mais violentas, que acontecem a cada cem anos. Até hoje, não tive nenhuma, pois durmo o sono dos impuros, dos injustos, dos emudecidos. Vou ´para a calçada para acompanhar a procissão de um homem só, e este herói não é meu pai, não é minha mãe, é apenas a projeção de mim mesmo, andando lento para ter certeza de que serei posto em um buraco fundo, com cal, areia, concreto e esquecimento. Nem o mármore sobrou. Serei um morto desvalorizado pelo tempo. Mas me enterrem antes de anoitecer. Quero ficar quieto, ouvir os grilos, as cigarras e ter certeza que amanhã será um dia de calor sufocante. Eu sou claustrofóbico. Será que arranharei a portinhola para respirar, para sair? Duvido. Sou resiliente, nem por essa morte incômoda sou capaz de me abalar. Enxugo minhas lágrimas com um lenço sujo que achei no bolso da minha calça surrada. É difícil se ver partindo. Dou um adeus meio sem jeito. Pelo menos eu chorei por mim. Bato o portão. Sento no banco carcomido pelo abandono e me vejo refletido na poça de água que o verão formou. No reflexo estou tão vívido. Serei eu ou o movimento das marés neste pequeno oceano? O que importa se eu estou logo ali, naquele caixão frio, sendo carregado por um carro caindo aos pedaços, dirigido por algum estranho que sequer sabe que o único que chora minha partida sou eu mesmo. Preciso tomar meus remédios para pressão, diabetes,

ácido úrico e intestino. Não quero morrer de nada destas doenças idiotas. Por isso mesmo comprei uma pistola e apenas um projétil. Não preciso de mais nada para fugir do meu destino. Acendo um cigarro, mas parei de fumar há mais de dez anos. Deixarei queimando, cada um repete seu mantra com o incenso que mais lhe apraz. Acho que estou sendo enterrado ou pelo menos passando pela porta do cemitério. Quem serão as quatro almas bondosas que me jogarão no abismo? Isso pouco importa. Apenas sei que meus pés estão gelados e ontem levei um fora da minha própria mãe, quando pedi que ela me fizesse um mingau para comer antes de partir. A Glock está ali me olhando. Entretanto se eu usar esse projétil agora, do que irei morrer amanhã?





Revolta

Clarice de Assis Rosa
Ituiutaba/MG

Tem coisa pior do que ter como vizinho um casal que fica o tempo todo tratando-se por "amorzinho", "benzinho", "moranguinho" e demais adjetivos similares? E como se não bastasse isso, ainda ficam rindo o tempo todo em que estão em casa .Como eu estava morava no fundo da casa deles, além de ouvir, muitas vezes ainda era obrigada a ver como eles se divertiam e pareciam companheiros. Poxa, eu precisava estudar, terei prova na semana seguinte e como eu vou conseguir com esses risinhos insuportáveis, esse romantismo que mais se parece uma peça de teatro?

Eu trabalhava na parte da manhã e fazia faculdade a noite. Mantinha um namoro cercado de brigas e desilusões havia 3 anos. Acostumamo-nos tanto com esse relacionamento doentio, que rompê-lo parecia algo que jamais faria parte dos nossos planos, afinal, que casal não brigava?

E eu detestava casais perfeitos, para mim era tudo fingimento, não poderia existir quem não xingasse um ao outro, gritasse e até se estapeassem de vez em quando.

Imagina o meu ódio, quando finalmente eu chegava em casa, depois de mais uma das muitas brigas com meu namorado possessivo, tendo que ,ainda, estudar e cuidar da casa. Sentada para estudar, ouço:

— Benzinho, vai descansar um pouco que hoje eu preparo a janta, você já trabalhou muito hoje.

— De jeito nenhum, meu dengo, hoje quero fazer o bolinho de arroz, que

você adora.

Como assim? Desde quando homem ajuda mulher na cozinha e ainda a manda descansar? Hoje mesmo meu namorado me mandou arrumar algum emprego na parte da tarde, alegando que ao invés de estudar, eu ficava o dia inteiro a toa.

Esse casalzinho só podia estar de brincadeira comigo, fazendo encenações para me atingir. Deviam imaginar que eu tenho horror a quem vive a vida como se não existissem problemas ou sofrimento.

Jogo o caderno na mesa e desisto de estudar. Ligo a TV pra ver se pelo menos assim não ouço as sandices desses meus vizinhos asquerosos. Vejo noticiários com as seguintes chamadas: *"Marido mata a mulher depois de flagrá-la na cama com outro"*, *"Mulher esfaqueia namorado por ele ter se atrasado 30 minutos para chegar em casa"* e penso: Essa é a realidade em que vivemos, o resto é ilusão e percebo que não teve nada de errado ou anormal quando joguei o celular na cara do meu namorado por ele ter se recusado a me deixar ler suas mensagens. Anormais são meus vizinhos, que ficam fingindo ser o casal perfeito. Decerto quando um deles saía de casa sozinho ia se encontrar com o amante.

Desligo a TV e tento dormir, quando sou obrigada a ouvir , novamente, as palavras melosas de ambos e, consequentemente, imaginar o que eles poderiam estar fazendo. Como podiam ser tão ridículos? Tudo deveria ser tão monótono, não se ouvia um xingamento sequer, um barulho que indicasse um pouco de vivacidade entre o relacionamento deles, uma palavra que demonstrasse euforia.

No outro dia, levantei cedo, e ao passar pela porta da casa deles, já que morávamos no mesmo terreno, me deparo novamente com mais uma cena que me enojava:

— Amorzinho, o café tá na mesa. Fiz os ovos mexidos que você gosta.

— Obrigada, anjinho. Já estou indo.

O marido aproxima-se, senta-se ao lado da esposa e, bem juntinhos, começam a tomar café. Nem para tomar café eles poderiam desgrudar-se um pouco?

Devido a um problema com um cliente, atrasei-me na saída do trabalho e, quando cheguei em casa, já estava meu namorado na porta, gritando, aos berros, que eu devia estar com outro, que se pensava que ele era burro, estava muito enganada, que aquilo não iria ficar assim, uma hora ele ainda me pegaria no flagra.

Depois de muitos insultos, de ambas as partes, mandei-o ir embora e entrei. Ainda bem que o casal chiclete ainda não tinha chegado em casa e pude ter paz para pensar na vida, no meu relacionamento que, apesar das turbulências, era um namoro real, sem hipocrisia.

Tentei estudar um pouco, à *t*arde, mas meus pensamentos interrompiam

minha concentração a todo instante. Não sei o que mais me incomodava: se meu namoro conturbado, mas verdadeiro, ou se a falsa harmonia do casal vizinho.

Cheguei da faculdade disposta a dormir profundamente, desligaria meu celular para não falar com meu namorado, nem com ninguém. Só queria dormir, esquecer momentaneamente meus problemas.

Quando já estava na cama, com a luz apagada, ouço os vizinhos chegando, como sempre, cheios de risadinhas, de "benzinho" pra lá, de "amorzinho" pra cá. Ouço a porta da casa deles abrindo-se, observo pela janela que ele a carregava no colo naquele momento. Percebo a TV sendo ligada, certamente iriam ver algum filme. Há quanto tempo eu e meu namorado não assistíamos a um filme, não saíamos pra tomar sorvete, jantar fora? Meu ódio pelo casal cresce ainda mais.

Decidi que isso não poderia mais continuar assim, eu precisava ter sossego para descansar, estudar, dormir. Peguei silenciosamente uma faca na cozinha, escondi dentro da blusa e saí. Quando percebi que estavam de costas para a porta, sentados no sofá, abraçados – como se fossem um casal perfeito – entrei e os esfaqueei com todo o meu ódio reprimido até aquele momento.

Voltei para o meu quarto, apaguei a luz e pude, enfim, dormir em paz.

https://www.facebook.com/clarice.assis.9



Saber Momento

Tiago Xavier
Natal/RN

Não somos os momentos,
nem somente um momento;
nem o momento –
fazemos parte dele.

Fazer parte não significa ser ele,
mas estar nele.
Estar nele não significa sê-lo.
O que nos faz pensar que somos o momento
é a nossa percepção enquanto existência.
E embora não existamos mais,
o momento sempre existirá,
pois ele é reflexo do tempo.

O tempo é infinito:
não finito nele mesmo,
mas finito em nós,
pois somos efêmeros –
o tempo não.

— Nós somos nele, não ele em nós.



Salvando as Borboletas

Isabel C S Vargas
Pelotas/RS

Quando pequena, apesar de morar bem no centro da cidade, minha casa ficava localizada em um terreno grande.

Havia um muro alto na frente, com um portão e dentro, duas casas, uma na frente, separada da que ficava ao fundo, por uma cerca de madeira pintada de branco. Grama, muita grama bem verdinha por tudo. Havia árvores frutíferas junto às casas e flores.

Creio que tudo isso fazia com que borboletas aparecessem e eu, por incrível que possa parecer, morria de medo delas. Sim, medo, porque não eram borboletas pequenas eram umas borboletas enormes, pretas com laranja, lilás, amarelas. Quando elas apareciam eu corria de um lado para outro como se elas quisessem me pegar. Coisas de criança! Nem sei se elas eram tão grandes assim, mas naquela idade, para mim eram. Como ninguém me explicou em tempo hábil que borboletas são inofensivas e servem para alegrar os olhos, ao invés de ficar feliz e encantada eu fugia.

Com o entendimento, passei a amar borboletas. Suas cores me extasiavam e o medo ficou distante.

Morando na praia, com grama, árvores, flores, frutas, pássaros soltos, cães e gatos visitantes também recebo muitas borboletas visitando meu quintal. E eu amo. Aparecem muitas em dupla, desde as branquinhas, amarelinhas que eu julgo serem borboletas adolescentes pelo tamanho e fragilidade, até as maiores.

Certo dia, encontrei uma borboleta machucada, com uma das asas meio torta.

Antes que os cachorros pudessem apanhá-la coloquei minha mão junto dela e ela subiu.

Fiquei algum tempo observando-a e vi que na realidade sua asa não estava partida. Creio que uma batida a fizera cair ao chão. Soltei-a junto de uma planta

no vaso, vim dentro de casa, peguei uma máquina fotográfica e a fotografei várias vezes. Assim provo que é verdade que a segurei.

Depois de acariciá-la soltei-a no vaso, novamente e dali alguns instantes mais, ela voou livre.

Mais recentemente, creio que em fevereiro, ao ir na edícula, onde tenho a máquina de lavar, vi uma borboleta totalmente grudada no chão molhado. Pensei: Será que está morta?

Com a maior delicadeza que era capaz, desgrudei suas asas do chão e coloquei-a em meu dedo indicador. Ela estava viva! Molhara as asas e o peso não a deixava voar. Sentei-me ao sol e delicadamente comecei a assoprar suas asas para que secassem.

Assim fiquei alguns instantes até que ela começasse a batê-las levemente. Pronto, está em fase de recuperação pensei.

Fiz o mesmo que fizera com a oura. Coloquei-a a salvo em um vaso e vim dentro de casa pegar o celular para fotografá-la.

Quando cheguei junto ao vaso ela já não estava mais. Tinha alçado voo rumo ao céu. Não pude registrar essa visitante, mas fiquei feliz por ter conseguido salvá-la. Era isso que importava.



Sangue alvinegro

J. Marcos B.

São Vicente/SP

19h00min começo da jornada de trabalho de 12 horas.

"É estranho a rua silenciosa assim nos fins de semanas! Isso aqui dia de semana é um verdadeiro inferno de tantos carros e pessoas passando aqui, dia de Domingo e feriados da até aflição ver esse imenso vazio! Estranho essa sensação! Dá um frio na alma! Doze horas de trabalho isso é quase desumano, isso deveria ser proibido por lei! Ainda bem que o meu filho quer ser jogador de futebol quando crescer."

—Eae trouxe o café?

—Claro. Tá aqui.

—Opa! Beleza.

—Acha que vamos ficar sem café, logo hoje dia de clássico?

Os vigilantes bancários ligam o radinho de pilha. O ambiente é silencioso, espaçoso, suas vozes ecoam pelo salão principal e corredores do Banco, só os dois ali, a ansiedade pelo começo da partida é normal, regados a café e cigarros ambos se acomodam em suas cadeiras pegam seus cafés e acendem seus cigarros.

Locutor – Começa a peleja entre Santos e Corinthians o jogo se desenvolve no gramado… um clássico paulista senhoras e senhores nesse fim de tarde de Domingo. Com certeza essa vai ser uma disputa inesquecível...

—Esse café que a tua mulher faz é muito bom.

—É eu também acho. Sabe? Sem aquela nega eu não sou nada cara!

—Imagino.

—Ela não é só mulher, ela é mulher e companheira, mesmo. Eu amo a minha mulher.

Locutor – Todos aposto, vai começar o primeiro tempo no Pacaembu...

"Sim todos aposto, café, maço de cigarros, cinzeiros, bandeirinhas, torcedores, juiz... sim todos aposto, sim. cai a noite na cidade e daqui a 95 minutos vamos saber quem foi o vencedor de mais uma disputa entre Santos e Corinthians."

—Espero que o juiz não meta a mão no "peixe" de novo, dessa vez.

—Que nada. Quando o jogo foi aqui em baixo o juiz meteu a mão na gente só por isso foi zero a zero.

—É. Só que hoje não tem zero a zero não, se tiver vai pros pênaltis.

Locutor – Apita o começo do jogo... Rola a bola no gramado...

"Após degustarem um café bem quentinho e gostoso ambos acendem seus respectivos cigarros ao mesmo tempo em uma perfeita sincronia como em um show, como que tivessem ensaiado antes ou mesmo muito bem combinado. Ninguém fala, o silêncio só é quebrado pela a voz do locutor que narra a disputa, dá pra se escutar o fumo do cigarro queimando a cada tragada pelas bocas e pulmões ansiosos desses dois torcedores anônimos, de tanto que é o silêncio. Nada se mexe apenas a fumaça que saem dos cigarros ardendo em chamas fazendo piruetas, ziguezagueando no ar. Da pra se escutar os corações palpitando de ansiedade de ambos.

Locutor – A disputa é acirrada, ambas as torcidas em campo, nas arquibancadas pressionam seus times... poucos minutos do primeiro tempo... chuta de fora da área uma bola no ângulo, é goooooollll do... Não valeu tá dizendo o juiz, o juiz tá dizendo que, que a bola não entrou... Metade da arquibancada aqui grita gol assim como eu, mas o juiz e os bandeirinhas não viram a bola entrar! E não dá o gol para...

—Pronto começou a roubalheira! Não tem time do mundo que consiga ganhar assim.

—Eu que o diga por que aqui embaixo nós se ferramos.

—Meu amigo o Santos é time pra ganha de qualquer time aqui ou fora do Brasil, mas contra o juiz fica difícil...

Locutor - Parte o time inteiro do Santos pra cima do juiz e dos bandeirinhas, o técnico do Santos está enlouquecido... começa a confusão... Empurra empurra, xingamentos...

"Mas o que o locutor do campo não consegue ver e portanto não pode narrar são as alterações dos ânimos de dois ouvintes que assim como a torcida no campo começaram a se xingar e o saque de dois revólveres do coldre ao mesmo tempo em sincronia e um barulho estrondoso rompendo o silêncio visceral dentro do banco. Ambos sacaram ao mesmo tempo como um duelo de filme de velho oeste, mas não teve o mais rápido, ambos acertaram seus alvos. Ambos estão caídos, enquanto o sangue escorre pelo chão de mármore carrara, em cima da mesa além dos maços de cigarros e a garrafa de café o rádio continua a sua narração..."

Locutor - Ainda bem que acalmaram-se os ânimos por aqui. O goleiro bate o tiro de meta e recomeça o jogo no estádio... o jogo promete, é esse é só o começo do primeiro tempo meus amigos. Ainda tem muito chão pela frente. Esse campeonato promete, mas promete mesmo quem viver verá...

"Meu Deus o que eu fiz? O que fizemos? Minha mulher, nega. Meus filhos, meu Deus meus filhos, e agora o que será deles?..."

"Meu Deus o que eu fiz? Como pude deixar isso acontecer? Meu Deus me ajuda senhor perdemos a cabeça..."

Dia seguinte...

Caderno policial:

Vigilantes de banco se matam enquanto ouviam Santos e Corinthians deixando viúvas e filhos órfãos para trás...

https://rmbsrock.blogspot.com/2018/10/conto-sangue-alvinegro-j-marcos-b.html?fbclid=IwAR3n9kauW2UExcoL-5H6M69a_hohHEaSFL_j7RgYJoasMdCiapTlKIzgs-Y

São os teus gritos leves e radioativos

Sara F. Costa
Pequim, China

São os teus gritos leves e radioativos,
são as tuas têmporas de aço
e os testículos idiomáticos dos teus poemas.
deixa-me sobreviver naturalmente
à vida furada que trazes às costas
podemos fazer planos
à volta da luz do medo
mas a vida é curta e a escrita é extensa
este é um nome que espreita
de todos os poros do meu corpo
o teu nome e o de outros animais
o ritmo desconcertante da espera,
as chamadas que rejeitaste,
os dedos transfigurados pela radioatividade.

Parte do e-book: A Transfiguração da Fome



Sentimento

Ademir Moreno Aguilar

São Caetano do Sul/SP

Não dá para definir. Pode se apresentar de infinitas maneiras. Como um camaleão que muda de cor. Mas ele pode mudar muito mais que seu colorido. Altera sua intensidade, seu calor, e até sua direção, pois nos impulsiona para cima ou nos puxa para baixo.

Chega de mansinho ou de repente, como uma explosão. Às vezes fica mais tempo do que desejaríamos. Ou escapa rapidinho antes que percebamos. Voluntarioso.

Pode vir de dentro de nós mesmos, ou vir de fora. É possível transmiti-lo ou recebê-lo. Muitas vezes até contagia.

Envolve as palavras que dizemos, os gestos que fazemos.

Alguns conseguem escondê-lo, mas há outros que, pelo contrário, por mais que tentem, não conseguem ocultá-lo.

Tem hora que ele fica alfinetando dentro da gente. Como uma pedra no sapato, pode parecer pouca coisa, mas atrapalha bastante.

Há momentos em que ele nos massacra, como um rolo compressor ou uma serra elétrica. Dizem que não há muito o que fazer nestas ocasiões, apenas resistir e esperar que ele passe, como algo inevitável, que tem que acontecer, esvaziar, como um furacão que devasta e depois perde a força. Por outro lado, existem pessoas que possuem alguma habilidade especial para combater as suas ações negativas. São capazes de gerar, dentro de si, forças contrárias, positivas, que, de certa forma, anulam as negativas.

Ele é tão variável, tão multifacetado...

Pode surgir sutilmente, quando olhamos a lua gigante, amarelada, erguendo-se no começo da noite. Ou quando o suave calor do sol, ao entardecer, aquece





nossa pele. Se recordamos alguém querido, ele aparece. Aparece também com a lembrança de pessoa odiada.

Há quem diga que a fonte, que a origem de todos eles é única, como se eles fossem feitos de uma mesma energia, que se manifesta de múltiplas formas.

Não se consegue viver sem ele. Até mesmo quem o tem em níveis muito baixos, acaba tendo uma vida que não é vida. Mesmo quando nos faz sofrer, é melhor tê-los assim do que não os ter, pois dizem que ele sempre nos ensina alguma coisa.

Pode ser incompreendido, não aceito, discriminado. Nestes casos machuca ainda mais.

Quando não correspondido, corrói por dentro.

É força viva, que conecta as pessoas. É capaz de unir, de mobilizar multidões.

Assim ele é... Poderia falar sobre ele indefinidamente, pois é imensa a sua riqueza e variedade.

Mas vou ficando por aqui. Sem dizer o seu nome. Porque ele é tão grande que não caberá em nenhum nome.

http://contogotas.blogspot.com



Sorterrado

JAX
Brasília/DF

A vida do pobre Epaminondas andava mal mesmo. Mudara de emprego e arrependeu-se. O salário, inicialmente maior, reduziu-se sob o peso de nova retomada da inflação no Brasil. Já não dispunha dos benefícios do trabalho anterior, que serviam para compensar as ocasionais perdas no vencimento. A mulher reclamava cada dia mais: da situação financeira, da deterioração do apartamento, do distanciamento e da indiferença dos filhos (parentes e amigos, também), das cervejinhas que o marido insistia em tomar, do cigarro que passou a empestear o lar e até do alegado desapego do seu companheiro de outrora. Fazer o quê? A idade e as crescentes atribulações pesavam no ânimo de Epaminondas.

Renunciou ao cigarro, limitou a cerveja aos sábados, mas tudo só fazia piorar. A mulher resolveu morar com uma das irmãs e ele nem sabia ao certo se não fora trocado por outro, na verdade. Aproximava-se a eleição presidencial e ele ignorava em quem votar.

A situação ficou tão ruim que, quando o prédio desabou, ele nem se incomodou de ficar soterrado. Assustou-se um pouco, de início, depois resignou-se ao cheiro da poeira levantada e da pressão dos escombros. Não tinha como mexer braços e pernas ou outra parte do corpo. Consolava-se, porém, ao pensar que as pressões em sua vida teriam sido bem mais significativas e doloridas.

Com seu habitual gosto pelo jogo de palavras, Epaminondas concluiu que o soterramento constituíra solução bem-vinda para tantos problemas no final de sua existência. Golpe de sorte! Ao invés de soterrado, encontrou-se "sorterrado", livrando-se imediata e definitivamente de todas as aflições pregressas. Respirou aliviado, isto é, respirou o que deu daquele ar rarefeito e empoeirado, em meio à forte pressão de parte do teto do apartamento sobre os pulmões.

Perguntou-se quantos vizinhos estariam mortos ali com ele, em gesto derradeiro de solidariedade entre condôminos. Considerou a hipótese de chamar por Otaciliano, o velho que habitava o apartamento ao lado, só que se recordou a tempo de que o homem era surdo de pedra, jamais o ouviria. Lembrou-se também da síndica do edifício, com quem passara a simpatizar após uma série de reuniões, ao conferir que se tratava de pessoa séria e genuinamente empenhada em buscar a melhor solução administrativa viável. De resto, na última assembleia, sentiu que ela demonstrou simpatia similar por ele e não era relacionamento de jogar fora, não senhor!

Nesse momento, o "sorterrado" percebeu pequeno feixe de luz entre os escombros. Observando com maior atenção, viu que provinha de muito alto. Com o que lhe restou do seu lado católico, interpretou aquilo como um sinal divino, a reclamar esforço consistente de reflexão.

Sorte? Errado!

Ninguém deveria julgar a morte um golpe de sorte. Enganoso o pensamento de que se pode fugir simplesmente, dessa forma, aos constantes desafios da vida. O ser humano precisa superar-se, permanentemente. Nada de suposto heroísmo! Desse papo furado de matar-se um leão por dia. Bastaria dar a volta por cima. Reencontrar os amigos, restabelecer maior contato com os filhos, recuperar a confiança da mulher e até (quem sabe?) recorrer a um empréstimo, apesar de apavorante essa última opção.

Epaminondas conseguiu, aos poucos, livrar-se dos escombros que o retinham e sair em busca da luz. "Sorterrado" que nada! Tinha muito que viver ainda. Deu-se conta de que, caso se apressasse, poderia encontrar o bar aberto para uma cerveja restauradora.

Ficar soterrado soou-lhe finalmente... aterrador!



Terra

Ivanildo Antonio dos Santos Pessôa

Capanema/PA

Na minha terra chove chuva de desanuviar
pássaros.
Gotas de pintar asas de borboletas, de
desenhar arco-íris e de colorir fins de tarde.

Na minha terra, as palavras são escritas em folhas
leves de algodão. Lá, os homens nascem com almas
de regar flores, de amortecer quedas de vaga-lumes
e de roubar beijos de Deus.

Na minha terra, as palavras são não ditas, são não
faladas. Elas são sentidas com a ponta dos dedos,
dedos de virar páginas desenhadas com tinta
retirada de olhos que alumiam escuridão.

Lá, na minha terra, o sol não nasce. Ele brota do
oco do mundo e depois se desvira em lua, em
noites de espantar solidão e de viver amores de
povoar sonhos.

Na minha terra, as estrelas não caem. Elas sobem
dos mares de areia molhada e vão brincar em céus
que nunca se apagam. A minha terra tem um nome
…É poesia.





Tham Luang

Márcio Castilho
Volta Redonda/RJ

Se escancarara a monstruosa bocarra
Que capturara, na chuva, a turva água,
Que digerira a pedra, o pólen, a pele,
Que devastara a graça da criança.

E lá, no fundo do teu rotundo estômago,
Aprisionada, no nada, ficou a infância,
Sob a lama que se esparramara no pântano,
Sem tom, sem som, sem reentrâncias.

Sôfrego, teu esôfago estreito
Num cáustico bailar peristáltico
Dirigira o que ingerira afoito
A um moribundo mundo logo abaixo.

Lá, no colo do subsolo,
Mudo, qual buda, Ake meditara;
Aos javalis, ali, dera consolo,
Trouxera esperança às crianças que a terra aprisionara.

Tal qual baleia de barriga cheia
Que na mandíbula articula rijos dentes pontiagudos
Sem demora, devoraras, num átimo, a vida,
Desafiastes, ó caverna, em suas cisternas, o mundo.

Entre estertores, vapores, ar rarefeito,
Vindos dos pulmões de Tham Luang,
Clamaram, na ânsia, à vida, o direito
Night, Note, Nick e Pong;

E Mig, Bew, Dul, Dom,
E Mark, Tern, Tee, Titan,
Na confiança criança que, num tom,
Reclama e espera a etérea luz da manhã.

Às crianças e seu treinador presas na caverna de Tham Luang na Tailândia.

Último Desejo

Micheli Biek
Vera Cruz/RS

Meu gato contraiu a leucemia felina. Nos seus últimos dias projetava as costelas pra cima e pra baixo em busca de ar. Tentava comer, mas a comida não parava em seu estômago, então começou a recusá-la. Observando a situação degradante do animalzinho pensava em dar-lhe um golpe de misericórdia. Vê-lo morrendo de fome aos poucos já se tornara insuportável.

Na véspera de sua morte arrastou-se para dentro do canil da vizinha, onde a cachorra que quase o assassinara anos antes dormia tranquilamente. O considerei um ato suicida! Em vida fora um gato arredio. Não gostava de ser paparicado nem acariciado. Quando adoeceu, surpreendentemente, começou a procurar colo e carinho. Creio que eram seus últimos desejos.

Curiosamente essa situação lembrou-me do meu avô. Diagnosticado com algum problema no coração, tratou-se por mais de um ano. Para provocar a esposa, tomava seus medicamentos com um gole de Velho Barreiro. Percebendo a piora constante, buscou nova opinião médica. O diagnóstico mudou para câncer de pulmão em estágio avançado.

O breve tratamento quimioterápico, que se revelou mais destrutivo que benéfico, deixou o velho de cama. Esforçava-se para conseguir respirar. Sempre fora magricela, mas atingiu seu auge durante a doença. Era um saco de pele e ossos, que uma tarde despencou da cama. Um doloroso gemido alertou a mim e minha mãe. O colocamos de volta. Por sorte, não quebrou nenhum osso.

Com a evolução da doença passou a ser alimentado por uma sonda. Apesar disso, pedia por um prato de comida. Queria sentir o gosto dos alimentos. Era doloroso para minha mãe negar o pedido, mas ele não podia. Engasgar-se-ia com a comida e com o catarro de seus pulmões, que estavam se decompondo.

Minha avó preparava mesas fartas. Arroz, feijão, carne de panela com muito molho, aipim frito, batatas cozidas, saladas diversas. Vez por outra se

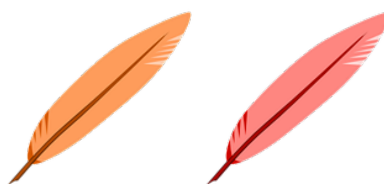
acrescentavam chucrute e linguiças cozidas. Em seguida as sobremesas. Sagu com vinho, pêssegos cozidos, doce de ameixas, compotas de quase todas as frutas existentes no pomar. Aos domingos tínhamos também "kartofellsalat" e cucas para o café da tarde.

Não creio que algum médico ou nutricionista indicasse a dieta. Mas havia algo especial. Ao meio dia todos deixavam de lado os seus afazeres. Quem estava na lavoura retornava. Quem trabalhava no galpão se dirigia à cozinha. Meu avô dependurava o chapéu atrás da porta. Os cães, que sempre o seguiam, deitavam-se na frente da casa, esperando a sua vez. Todos sentavam nos grandes bancos de madeira feitos para aquela mesa de família.

O relacionamento dos meus avós era problemático. A verdade é que não dividiam a cama há muito tempo, mas preocupavam-se em manter as aparências. Quando meu avô desejava atingir a esposa, recusava a sobremesa. Almoçava e levantava-se da mesa, partindo. Ela entendia o gesto e ficava furiosa. No meio da tarde ouvia-se o tilintar de talheres. Alguém estava parado na frente da geladeira aberta. Era meu avô comendo sobremesa escondido.

Não sei se ele refletiu sobre suas atitudes em vida, pois num de seus últimos momentos de lucidez, conversou comigo. Recordo-me apenas de uma frase que ficou gravada em minha memória: "hoje eu tenho a comida que gostaria de comer, mas não posso comer".

Alguém disse que perdemos a noção do sagrado. E as refeições são sagradas. Não deveriam ser cada vez mais rápidas e solitárias. Mal nutridos e inconscientes do momento presente perdemos a satisfação de compartilhar uma refeição, de sentir o sabor dos temperos, a textura dos alimentos. Hoje, frequentemente, desperdiçamos a oportunidade que para outros foi o último desejo não atendido.





Um sonho de Mamãe Oxum

Marcos Andrade Alves dos Santos
Canaan/Trairi/CE

Abri os olhos.
Despertei as margens de um rio caudaloso, tão largo que eu não podia avistar a outra margem.
O sol estava nascendo e todas as coisas ganhavam cores na minha visão.
Não sei que lugar era aquele. Só me lembro de ter seguido uma voz que cantava docemente, mas que agora desaparecera.

Olhei para o chão – sob os meus pés estava uma areia alva como o vestido da aurora.
A faixa estreita de terra era engolida a esquerda por uma vegetação verdinha, que se estendia acompanhando o rio até perder de vista.
Procurei rapidamente com os olhos uma vereda pela qual escapar, porém não havia sinal de caminho por entre a mata. Não poderia voltar por ela.
Mas para onde voltar? Para onde seguir?

Acima de mim voavam pássaros que ora ou outra gritavam melodias incompreensíveis, diferente daquela que havia me chamado.
De vez em quando, alguns mergulhavam no rio e saíam sem pingar uma gota d´água.
Me impressionei com essa visão, mas decidi não me demorar.

Senti uma brisa me empurrando na direção do Sol.
Deixei que me levasse.

A brisa suave, ainda estava fria como se não tivesse sido aquecida pelos raios quentes do Sol.
A brisa foi se transformando numa voz doce e melodiosa. Reconheci nela o encante que me trouxera até ali...
Havia me perdido do mundo para me encontrar naquele além-mundo à procura de uma voz desconhecida que espalhava as folhas daquela mata.
A cada passo, meus pés afundavam naquela areinha macia. Não era difícil de caminhar por ela, parece que a areia me empurrava para cima tão logo meu pé afundava. Suspeitei que ela queria beijar meus pés para evitar o cansaço.
Ao meu lado, a água do Rio também se movia. Ele tomava a mesma direção que eu...do mesmo modo, nos seguiam as folhas que caiam da mata.

Não foi preciso caminhar muito, avistei uma figura que se mexia na beira do Rio. Entretida, ela cantava a melodia que me trouxera ali, enquanto varria com uma vassoura de algodão a areia branquinha da praia.
A mulher trajava um vestido azul como o Mar e realmente eu via ondas nele quando a brisa soprava.
Aquela mulher estava vestida de Mar.
Enquanto ela cantava, as ondas quebravam no vestido. Era bonito de ver.
Sua pele negra como a noite, me fez entender que ela vinha do antigamente e tinha viajado muito para me encontrar na beira daquele Rio.

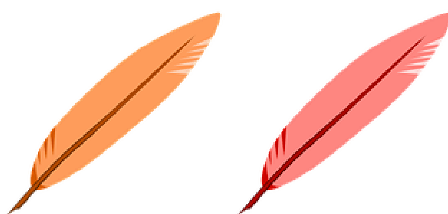
Assim que me aproximei, ela parou de cantar e levantando a cabeça, me disse: Deus te Salve, minha filha. Venho de muito longe varrendo os caminhos para te encontrar.
E eu me apressei em lhe responder: Deus te Salve, Mamãe Oxum – porque naquela hora lhe reconheci – vim caminhando por essa praia até lhe ver varrendo essas areinhas alvas. Onde estamos? O que a Senhora faz?

Então, Mamãe Oxum virou-se na direção do Rio, olhou por um longo tempo a água e enquanto eu permanecia em silêncio, respondeu para mim:
– Minha Filha, eu estava sentada no meio do Rio, quando ouvi meu Pai Oxalá me chamar. Sua voz mansa, tão antiga quanto o meu Rio, soava na mística da brisa, enviando-me uma ordem que me vestiu de Mar. Não percebe que o amarelo de minhas vestes se foi? Ele me mandou vir espanar os teus caminhos com essa vassoura de algodão; jogando em minhas ondas as poeiras do teu coração.
Desci do Rio e quando cheguei na beira d’água chamei um passarinho para me trazer o algodão com qual fiz essa vassoura.

Isso faz uns três dias. Desde então que eu varro os caminhos pelos quais o Rio de sua vida segue, jogando no Mar de meu vestido as poeiras, enquanto te chamo em minha canção.
Que bom que me escutou – agora te ajoelha nessa areia branquinha, que eu quero varrer os terreiros da tua coroa.

Sem hesitar me ajoelhei e cantei com ela a antiga canção do encante:
"Espana os terreiros com vassoura de algodão, com os poderes de Jesus Cristo e da Virgem da Conceição..."

Me acordei neste mundo bem a tempo de perceber que não era que estava sonhando com Mamãe Oxum, mas era ela que me sonhara.
No seu sonho tocou-me ser uma caminhante filha dos encantes do antigamente – coroa dos orixás que sonham com o passado negro que circula em nossas veias.
Meus passos vêm de muito longe, resgatam essa força que marca a areia, porque pisa sobre os passos de tantos outros que vieram antes de mim e que já foram há muito tempo para o além-mundo...
Esse Rio que corria, corria em mim... a areia espanada, saía de minha história para margeá-la.
Mamãe Oxum cantava meu destino, e seu canto era um destino que eu seguiria até me perder totalmente deste mundo sem cor.



Uma gaveta que não quer abrir

Victor Hugo Mariano
Milagres/CE

Uma porta se fecha e outra abre
Um mundo se vai e então outro fica
Nunca sei o que em verdade me cabe
Enquanto tudo do meu sentido se esquiva

Respiração lenta porém ainda ativa
Pálpebras palpitam e é possível escutar
O grunhir de cordas a pedir e implorar
A força reativa e a luta exaustiva
De quem precisa em urgência despertar

Vejo em meus joelhos o mar vermelho
Que volta do além pra me aterrorizar
Tento desesperado correr e me salvar
Mas o veneno do grande escaravelho
Sempre estava ali olhando a esperar

Mas quando pensei que estava salvo
Vi o símbolo maior da senhora morte
Tentava me impor a pior dessas sortes
Mas eu não era verdadeiramente o alvo
Pois as portas a deixaram sem nenhum suporte

Não que nada disso realmente importe
Mas todo mundo tem algo a não expor
Talvez um simples recorte de uma dor
Algo que te acompanhe além do visor
E depois que vai se pôr a recompor

Talvez uma gaveta que não quer abrir
Uma imagem de uma pintura incolor
Que não impede em nada de sorrir
Mas que decerto cria fungos e bolor



Vá à merda

Eduard Traste
Florianópolis/SC

sabe dançar música
clássica? – eu me pergunto

não e você? – eu me respondo

também não, mas acordei
com vontade de dançar – eu
penso

depois quebrei uma
costela, talvez duas, além da mesa
puta estrago da porra
e eu só estava dançando sozinho
um pouco alcoolizado demais
talvez..
lá fora a vizinha continua gritando:

"vá à merda!"

parece que é para o marido
mas no fundo todos sabemos

quem sou…

www.estrAbismo.net



Vida Areia

Francisco Guilherme

Santo André/SP

Um pequeno sopro move qualquer grão de areia no deserto,
move um barco de papel feito por mão de criança.

A vida é areia.

Não me iludo esperando dela outra coisa
que não seja incerteza ou brevidade.

Danço entre serpentes enquanto o céu
é vermelho antes do pôr do sol.

Nas tardes óbvias e tediosas,
longe das árvores (im)perfeitas que vislumbro da janela,
desejo o amor em sua forma mais inconsistente, afinal de contas

a vida é areia.
Areia espalhada em velhos móveis, em mim, sobre flores que voam no mesmo sopro
que move qualquer grão de areia
ou barco feito por mão de criança.

https://www.facebook.com/francisco.oliveira.7798





Violetas

Ícaro Marques Estevam
Coronel Fabriciano/MG

Abelha voa por cima da cor púrpura
embebendo-se do néctar farto
com gosto de roxo.
Emaranhando-se entre as teias e as pétalas,
a aranha tece sua rotina equilibrando-se
sobre o plástico azul-ferrete seguindo
os poucos raios louros que entram
pela janela e maquilam a tez da manhã.
Um pouco de poeira empobrecida
salpica o cinza que faltava na natureza morta
de uma casa vazia, como resquício de um sentimento
que outrora sentias.
Talvez isso explique por que as traças
comem do amarelo da carta junto
ao bouquet de violetas
que entreguei mês passado.
Interrompo a morbidez do dia
e me ponho a chorar.

Vitrolo

Augusto de Sousa
Itajaí/SC

Instilar é meu oficio.
Não sei a que ponto o escolhi,
parece-me simples, tanto
quanto as memórias de infância,
hoje nubladas pelos anos.
Orgânico como qualquer
gesto, sentido e palavra
que possa haver desprendido
de mim ao longo deste tempo.
Naturalmente, como brotar
elevado sobre a terra
este corpo, e deste: meu olhar.
Não saberia ser sem sorver
gota a gota a tempestade.
Não há predominância entre
interior e exterior, mas,
apenas equivalência,
simultânea a potência
e o fato, sempre ambíguo,
de que sou como insuflo,
absorvo e petrifico
cada gota que penetra
meu íntimo e coagula.
Antes de poder de novo
separá-la de mim em nova
essência destilada.



Viva o amor!

Maria Elza Fernandes Melo Reis

Capanema/PA

Que o amor nos torne pessoas melhores
Capacite-nos em solidariedade
Alegrias e gentilezas
Perdão e emoção...
Que ele faça historias em nossos corações
Encha-nos o peito de vida
De bons sentimentos
Só assim seremos capazes de namorar
E apaixonar-se todos os dias...
Pelo céu que nos resguarda
Pelas noites estreladas
Pela brisa da madrugada
Pelo o bom dia do desconhecido
Pelo ombro amigo
Pela natureza que nos protege
Pela doçura que nos engrandece
Pelos enamorados apaixonados
Pelos familiares e amigos
Pelo o valor de um sorriso
E por Deus...
Autor de todo nosso amor!
Viva o amor!



Zé da Luz e Deus na Terra do Sol

Eduardo Lima
Três Marias/MG

História de fome não é história que se conte;
Principalmente quando nos persegue tão longe;
É só tristeza e vergonha estampada na fronte.

Hoje conto a sofrida saga de um pobre cidadão;
Que saiu despedaçado daquele estorricado pedaço de chão;
Caminho da maioria que sangra todo dia por migalhas de pão;
Nas afiadas garras da mais protegida moderna escravidão.

Até então ele vivia feliz e satisfeito naquele sertão;
É verdade que era o solo mais seco daquela região;
De vez em quando ele praguejava aquela sequidão;
Mas logo a esperança voltava e ele achava a solução.

Do gado ele cuidava e plantava um pequeno roçado;
Dois terços do trabalho ele entregava ao dono do gado;
No final das tardes vermelhas, cansado, ele voltava do trabalho;
E a mulher na porta ele encontrava feliz com menino no braço.

Mas daquele ano em diante a seca foi feroz;
Abocanhou todo pingo d'água da nascente até a foz;
Ele achou que o fim tava bem próximo pra todos nós;
Mas era só o princípio do fim desta saga atroz.

Secara tudo que a vista alcança da vereda até a serra;
Foi aí que ele perdeu a esperança em seu povo e sua terra;
Em todo canto ele procurava água cavando até a pedra;
Mas nenhuma miserável gota brotava em sua gleba.

Desanimado ele sentou na pedra beira riacho seco e viu;
Todo aquele cenário de horror que o homem construiu;
Línguas de fogo suspensas ligando a terra ao céu anil;
E todo aquele cerrado imenso transformado em carvão e lucro vil.

Bateu nele uma depressão diante do espetáculo de horror;
Que sentiu, dentro do peito, seu coração endurecendo de dor;
Veio uma vontade danada de acabar com aquele filme de terror;

Mas sua família aguardava em casa o retorno do salvador.

No caminho de sua casa, envergonhado ele ia com a mão vazia;
Pensava como saciar a fome de sua família por mais um dia;
E quem primeiro acabaria? Aquela seca terrível ou sua família?
E matutava a caminho de casa por que a vida era tanta agonia?

Chegando em casa foi avisar a mulher a decisão tomada:
- Junta os trem e embrulha a criança vamo simbora desta terra amaldiçoada;
- Vamos descer pra cidade grande onde deve haver comida e água farta.
E sua mulher que na sala encontrava estirada;
Com o queixo magro afundado na mão crispada;
Respondeu a Zé sem choro e lágrimas com voz pausada:
- Já não adianta mais nada, Joaquim morreu pedindo água.

Zé da Luz estremeceu sob a violência do golpe que lhe dissipou;
O ódio e a revolta da perda, uma força terrível lhe apossou;
No quarto sob colcha de retalhos seu filho morto encontrou;
Juntou os trapos do menino e com a colcha de retalho enrolou.

Com o corpo e a alma anestesiados de tanta dor;
Pegou seu filho nos braços chorando com muito rancor;
E como um trovão dando pro infinito foi tirar satisfação com o Criador:

—A gente reza missa, o povo sobe e desce em procissão;
A gente ajoelha no chão acascalhado pedindo perdão;
Por um mísero pecadinho que não vale uma migalha de pão;
Agora uma coisa desta, o Senhor num vê? Não tem Compaixão?



Lançamento do e-book "As Flores do Meu Jardim"

Lançamento do e-book mais florido do ano, "As Flores do Meu Jardim", coletânea idealizada pela Elemental Editoração.

Leia na google play ou baixe gratuitamente aqui:

https://seloee.weebly.com/as-flores-do-meu-jardim/as-flores-do-meu-jardim



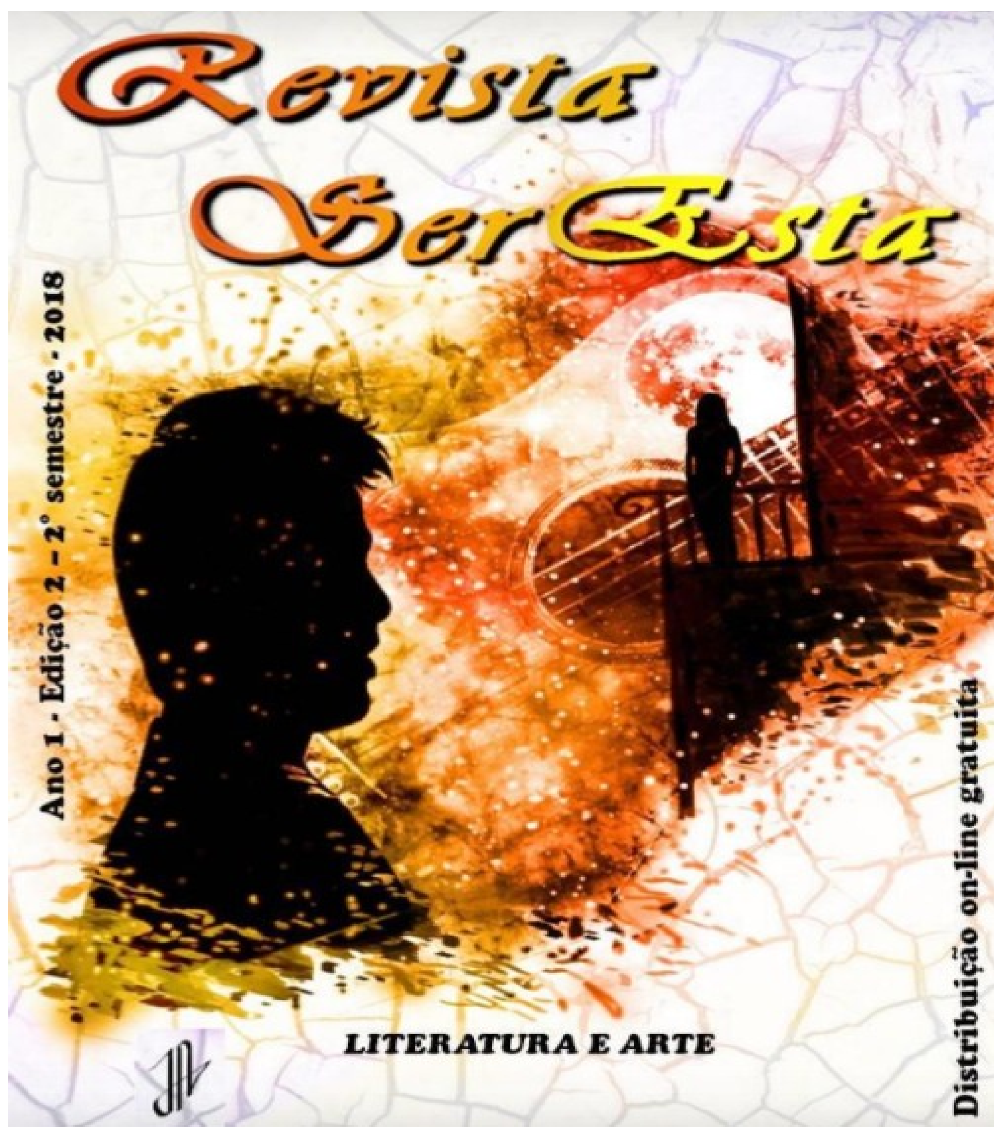
Sinopse:

Todos temos ou deveríamos ter um Jardim interno, onde apenas as mais belas flores estão plantadas florescendo a cada dia em que o nosso sol nos ilumina. Podemos ter inúmeras flores, mas, sempre teremos aquela favorita.
Por isso, estamos abrindo este jardim para falar um pouco mais sobre as flores favoritas de cada autor participante.
Quais as espécies de flores você se pergunta? Bem, temos a flor "filha/o", a favorita de muitos "mãe", temos também a flor mais conhecida "amor" e, porque não, a flor mais delicada de todas "vida".
Todas elas em seu lugarzinho recebendo os raios do sol vindos de cada leitor.

Lançamento da 2ª edição da Revista SerEsta

Criada por um grupo de escritores, ilustradores e fotógrafos, a Revista SerEsta é uma publicação semestral, virtual e independente, que nos traz mais um importante espaço para divulgação da literatura e da arte.
A segunda edição traz uma entrevista com Claudia Brino e Vieira Vivo e homenageia o grande artista ZIRALDO.

https://revistaseresta.blogspot.com/p/edicoes.html



Blog RMBS Rock

Criado pelo talentoso J. Marcos B., o blog RMBS Rock, traz um pouco de tudo: Música, Cinema, Literatura, HQs e muito, mais muito entretenimento de qualidade e bom gosto.

Com uma interface bonita e bem organizada, o blog é uma ótima alternativa para quem procura conteúdo variado e eclético.

Visitem e prestigiem o RMBS Rock!!

https://rmbsrock.blogspot.com/

RMBS Rock

Et clamor meus ad te veniat...

Página inicial | Bandas Baixada Santista | Sétima Arte | Literatura | HQs | Web | Estúdios

Sétima Arte

Documentários, Curta Metragens, Seriados, Opera Rock, Shows...

LiteraAmigos

Espaço dedicado a todas as entidades e projetos amigos que de alguma forma nos ajudam ou possuem proposta de trabalho semelhante a nossa:

Canal "Conto um Conto" - Canal do Youtube criado pelo locutor Marcelo Fávaro, onde podemos "ouvir" clássicos da literatura mundial. O canal proporciona entretenimento inclusivo e de qualidade para todos os amantes da boa literatura; tem Guimarães Rosa, Monteiro Lobato, Stephen King, Edgar Allan Poe, Machado de Assis e muito mais.

Conheçam, se inscrevam e aproveitem.
Ouvir histórias é relaxante e instrutivo!!

https://www.youtube.com/channel/UCsqheVzvPGoI6S3pP3MBlhg

Conto um Conto
5.650 inscritos
INSCREVER-SE 5,6 MIL
INÍCIO VÍDEOS PLAYLISTS COMUNIDADE CANAIS SOBRE
Envios REPRODUZIR TODOS
CLASSIFICAR POR

Grande Sertão: Veredas - Parte 19 - Audiolivro - Cont... (24:39)
50 visualizações • 12 horas atrás

#158 Restos Mortais - Iader Souza - Conto um Conto (28:56)
132 visualizações • 1 dia atrás

A Funerária do Rock - Marcelo Fávaro - Conto um... (3:58:50)
243 visualizações • 2 dias atrás

#156 Franz Kafka - Uma folha antiga e Cruzamento -... (17:00)
353 visualizações • 1 semana atrás

#155 Amanhã Vai Ser Pior - Vitor Abdala - Conto um... (15:36)
364 visualizações • 1 semana atrás

#154 Corações Solitário - Rubem Fonseca - Conto um... (37:23)
270 visualizações • 2 semanas atrás

#153 O Aleph - Jorge Luis Borges - Conto um Conto (36:38)
244 visualizações • 2 semanas atrás

#132 Nas Montanhas da Loucura - Vídeo 5 - Lovecraf... (20:00)
420 visualizações • 2 semanas atrás

"Blog Concursos Literários" - Blog criado em 2011, com o objetivo de divulgar editais e resultados de concursos literários e prêmios literários.

É considerado por muitos autores como uma fonte completa e acessível de editais e resultados de premiações realizadas no Brasil e em todo o mundo. O projeto também é elogiado por não incluir em suas postagens os concursos que cobram quaisquer taxas de inscrição ou publicação dos autores. Além disso, muitos organizadores de concursos literários reconhecem este espaço como uma referência no apoio à divulgação.

Acessem o site e conheçam os Concursos do mês, do ano e as seleções permanentes:

https://concursos-literarios.blogspot.com.br/





"Casa Brasil Liechtenstein" - uma organização cultural criada para promover eventos e cursos para brasileiros na Europa.

https://www.facebook.com/casabrasil.li/





"Mulheres Audiovisual" - uma plataforma criada para unir as mulheres e a arte em geral, cadastre seu portfólio e participe:

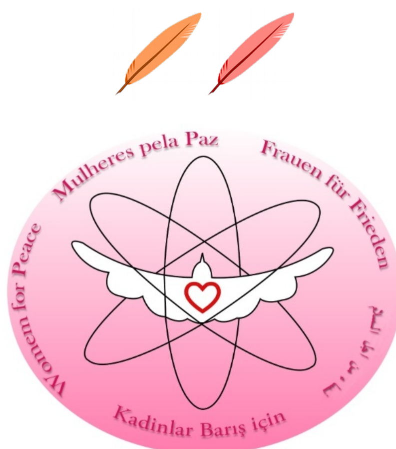
http://mulheresaudiovisual.com.br/

Elemental Editoração"



Elemental Editoração é um selo editorial independente do qual edita e publica livros nos formatos impressos e digitais sem qualquer vínculo com editoras.

https://seloee.weebly.com/



Mulheres Pela Paz - Frauen für Frieden - Ong criada na cidade da paz Augsburg, na Baviera - Alemanha, que promove ações entre cidadãs e cidadãos da Terra, criando um intercâmbio cultural de Paz através das Artes.

O projeto, que tem como curadora a escritora e Embaixadora da Paz Alexandra Magalhães Zeiner, tem realizado ações por todo o mundo, promovendo encontros, saraus e apoiando iniciativas que visam a inclusão social, a defesa do meio ambiente, a igualdade e a paz para todos os povos.

https://www.facebook.com/Mulheres-pela-Paz-Frauen-f%C3%BCr-Frieden-6642538000869/



Modelo de envio de textos para publicação na revista

No meio do caminho **(título)**

Carlos Drummond de Andrade **(nome para publicação – este nome não será trocado)**

Rio de Janeiro/RJ **(cidade e estado onde vive – país somente se for do exterior)**

(no máximo 3 textos com até 3 páginas)

(texto – utilize fonte arial ou times new roman)

No meio do caminho tinha uma pedra,
tinha uma pedra no meio do caminho,
tinha uma pedra,
no meio do caminho tinha uma pedra.
Nunca me esquecerei desse acontecimento,
na vida de minhas retinas tão fatigadas.
Nunca me esquecerei que no meio do caminho,
tinha uma pedra,
tinha uma pedra no meio do caminho,
no meio do caminho tinha uma pedra.

https://www.pensador.com/melhores_poemas_de_carlos_drummond_de_andrade/

(site, página ou blog – pessoal ou de divulgação de obras)

Revista LiteraLivre
ISSN 2595-363X

Vamos mudar o mundo através das palavras!!

http://cultissimo.wixsite.com/revistaliteralivre

https://www.facebook.com/RevistaLiteraLivre